

# OS PRESSUPOSTOS DO APRENDIZADO

## Índice Geral

- [1. Situação histórica de Hugo de São Vitor.](#)
- [2. Características da obra teológica de Hugo de S. Vitor.](#)
- [3. Opúsculos de Hugo de São Vitor.](#)
- [4. Alguns temas centrais do Opúsculo sobre o Modo de Aprender.](#)
- [5. Os vitorinos enquanto escola de espiritualidade.](#)
- [6. O significado das diversas escolas de espiritualidade.](#)
- [7. Comparação com a escalada de uma montanha.](#)
- [8. A contemplação descritível de várias formas.](#)
- [9. Legitimidade de uma espiritualidade.](#)
- [10. Uma primeira explicação sobre a natureza da contemplação.](#)
- [11. Exemplo da Regra de São Bento.](#)
- [12. Exemplo da Encíclica Mediator Dei.](#)
- [13. Exemplo de Santa Clara e São Bernardo diante da natureza.](#)
- [14. Exemplo de Hugo de S. Vitor diante da natureza.](#)

**15. Comparação entre as diversas formas de espiritualidade.**

**16. Motivação para uma determinada forma de ascese.**

**17. Três características da escola vitorina de espiritualidade.**

**18. Primeira característica.**

**19. Segunda característica.**

**20. Terceira característica.**

**21. Uma dificuldade a respeito do título do Opúsculo sobre o Modo de Aprender.**

**22. Natureza do Opúsculo sobre o Modo de Aprender.**

**23. O princípio e o fim do aprendizado.**

**24. Relação entre fé e humildade.**

**25. Importância prática dos princípios expostos.**

**26. Natureza da humildade.**

**27. Observação sobre a incoerência do agir humano.**

**28. Os sinais pelos quais se manifesta a humildade.**

**29. A humildade como virtude cosmológica.**

**30. Os três sinais da humildade e suas outras possíveis manifestações.**

**31. Necessidade da simultaneidade das manifestações da humildade.**

**32. Relação entre humildade e contemplação.**  
**Necessidade da humildade e do respeito ao semelhante para a contemplação.**

**33. Dificuldades dos homens para entenderem o respeito devido ao semelhante.**

**34. A importância do respeito incondicional devido ao semelhante.**

**35. Contemplação e realidade.**

**36. Relações adicionais entre pensamento, meditação e contemplação.**

**37. A contemplação nas Sagradas Escrituras.**

**38. Consciência e virtude.**

**39. Relação entre humildade e contemplação, sob o aspecto da abrangência da multiplicidade.**

**40. A Evangelização.**

**41. A humildade, considerada em si e nas Escrituras.**

**42. As manifestações da humildade segundo a doutrina contida nas Sagradas Escrituras.**

**43. A dificuldade da prática da humildade.**





# OS PRESSUPOSTOS DO APRENDIZADO

## Comentário ao Opúsculo de Hugo de São Vitor Sobre o Modo de Aprender

### *1. Situação histórica de Hugo de São Vitor.*

Hugo de São Vitor nasceu provavelmente no ano 1096 na região da Saxônia, território que na época fazia parte do Sacro Império Romano Germânico. Ainda jovem, ouvindo falar, através de um tio bispo, a respeito da boa fama de um mosteiro recém fundado junto a uma antiga capelinha dedicada ao mártir São Vitor nos arredores de Paris, abandonou sua terra natal e pediu para ser admitido entre os clérigos de que tão boas referências lhe haviam chegado. O mosteiro de São Vitor de Paris, fundado há tão pouco tempo, iria ser o berço de uma congregação religiosa que se espalhou pela Europa, atravessou a Idade Média mas acabou por extinguir-se no início da época moderna. Os Cônegos Regulares de São Vitor, embora não existam mais, deixaram porém para os cristãos e os homens de todos os tempos, entre outros valores, o legado das obras de dois dos principais teólogos que houve na história da Igreja, Hugo de São Vitor e seu discípulo Ricardo de São Vitor, este último que continuou e completou com tanta fidelidade a obra iniciada por Hugo que os escritos de ambos estes homens formam, na realidade, um só conjunto, como se duas pessoas se tivessem unido e continuado por uma só alma.





## **2. Características da obra teológica de Hugo de S. Vitor.**

**A obra teológica de Hugo de São Vitor se distingue de modo particular entre todas as outras que marcaram com uma forte presença a história da Igreja pelo fato de que seu autor foi chamado não apenas a lecionar Teologia, mas também a organizar a primeira escola desta disciplina em sua nascente congregação. Naquela época não existiam ainda na Igreja os seminários para a formação dos clérigos, que só surgiram com uma disciplina organizada através dos decretos do Concílio de Trento no século XVI. No tempo de Hugo de São Vitor não existiam ainda também as instituições a que hoje denominamos Universidades, da qual a primeira foi a Universidade de Paris que surgiria cerca de um século depois de Hugo de São Vitor, em grande parte como resultado do trabalho que ele próprio desenvolveu na escola anexa ao Mosteiro de São Vitor de Paris.**

**Devido ao fato de Hugo de São Vitor ter-se visto investido da obrigação de organizar esta escola de estudos teológicos, a primeira e principal de uma organização que surgia na Igreja com a devoção característica das obras que estão ainda em seus primórdios, uma parte de seus escritos acabaram sendo dedicados à Pedagogia da Teologia e da vida espiritual. Hugo de São Vitor se viu explicando aos alunos como se deveria estudar, aos professores como se deveria ensinar e à escola como se deveria organizar, não para obter algum diploma. que naquela época ainda de nada valiam, mas para, a partir de um sólido conhecimento das Sagradas Escrituras e das obras dos Santos Padres, empreenderem a busca da santidade. Muitas ou talvez mesmo quase todas as demais obras de Hugo de São Vitor que não tratam diretamente de Pedagogia, entendido este termo no sentido que acabamos de explicar, ademais, só podem ser verdadeiramente compreendidas quando inseridas dentro da perspectiva desta que foi uma das mais notáveis das pedagogias, talvez mesmo a Pedagogia por excelência. Efetivamente, a maioria destas obras foram sendo redigidas à medida em que Hugo, percebendo que não havia ainda, na Tradição Cristã, textos que pudessem preencher tais ou quais necessidades de seu modo de entender a Educação, as foi compondo e escrevendo ele próprio. Foi assim, por exemplo, que surgiu a primeira Summa Theologiae da história, ou o**

**primeiro texto que tinha a estrutura e as características essenciais de uma Summa Theologiae do modo como viria a ser composta quase dois séculos mais tarde por Santo Tomás de Aquino. Àquela que foi a primeira Summa Theologiae da história, Hugo de São Vitor deu o nome de Os Mistérios da Fé Cristã, ou, no original latino, De Sacramentis Christianae Fidei. Porém, anos antes de escrevê-la, em uma outra obra, os seis livros do Didascalicon, obra dedicada apenas a questões de pedagogia, Hugo de São Vitor havia demonstrado a necessidade de se redigir um texto que tivesse as características que viriam a se encontrar em seu Os Mistérios da Fé Cristã e posteriormente na Summa Theologiae de Santo Tomás, e que pudesse ser utilizado como subsídio para uma das etapas de seu programa pedagógico.**





### **3. Opúsculos de Hugo de São Vitor.**

**Entre as obras de Hugo de São Vitor há uma série de opúsculos caraterísticos de um ambiente de ensino de uma escola em processo de formação. São coleções de notas redigidas por Hugo de São Vitor sobre assuntos os mais diversos. Nestes opúsculos, embora seja freqüente que o pensamento do autor seja muito claro, que suas afirmações sejam mesmo de uma precisão lapidar, nota-se, entretanto, que ao mesmo tempo estas observações não se acham desenvolvidas para que se perceba de modo imediato todo o seu alcance e as suas implicações mais profundas ali inegavelmente contidas. São anotações para as quais Hugo não tinha tido tempo de dar-lhes a forma de livro. Ele tinha outros assuntos a ensinar ou com que ocupar-se e, antes que tivesse podido acabar o livro necessário para expor de modo explícito as reais implicações daqueles princípios, já teria que ter escrito outros mais urgentes. Para não deixar, porém, os alunos sem apontamento algum, redigia ou ditava estes pequenos opúsculos nos quais apontava apenas para algumas idéias principais. O Opúsculo sobre o Modo de Aprender, de que estamos tratando nestas notas, e o Opúsculo sobre os Frutos da Carne e do Espírito, que trata do papel central da humildade na vida das virtudes e de que faremos um uso especial mais adiante, são dois exemplos deste gênero de trabalho. Além destes Hugo nos deixou muitos outros. Pode-se citar, entre eles, um livro razoavelmente grande contado entre as suas obras, denominado de Miscelâneas, que não contém a totalidade de seus opúsculos, -não contém, por exemplo, estes dois que acabamos de citar-, mas no qual estão reunidos mais de novecentos títulos entre opúsculos menores, comentários, fragmentos de aulas ou mesmo pequenas observações sobre assuntos os mais diversos.**





#### **4. Alguns temas centrais do Opúsculo sobre o Modo de Aprender.**

Uma das idéias fundamentais em torno da qual construiu-se a pedagogia vitorina está contida no Opúsculo sobre o Modo de Aprender. Nele Hugo afirma que há três operações básicas da alma racional, as quais constituem entre si uma hierarquia, e que, em conseqüência, se desenvolvem uma pressupondo a outra, o exercício da anterior constituindo-se em um aprendizado para o exercício da posterior. Estas três operações são as seguintes:

O pensamento,  
a meditação  
a contemplação.

A operação básica da alma racional, o pensamento, é definida por Hugo de S. Vitor como ocorrendo

*"quando a  
mente é tocada  
transitoriamente  
pela noção das  
coisas, ao se  
apresentar a  
própria coisa,  
pela sua  
imagem,  
subitamente à  
alma, seja  
entrando pelo  
sentido, seja  
surgindo na  
memória".*

Entre os ensinamentos de Hugo está a relação que existe entre o pensamento e a leitura ou o estudo. Na maioria das vezes em que Hugo se refere à leitura, ele está se referindo na realidade àquilo que hoje denominaríamos de "assistir uma aula" ou "estudar um livro". A importância do estudo, diz Hugo de S. Vitor, está no fato de que ele é, na realidade, um modo de



**estimular a primeira operação da inteligência que é o pensamento. A afirmação pode parecer evidente, mas deixa de sê-lo quando consideramos, em primeiro lugar, que a maioria das pessoas que estudam hoje em dia não o fazem com esta finalidade, mas com a intenção de, através dele, adquirirem algum tipo de informação. Não estudam para estimular com isto o pensamento, e muito menos se dão conta pensam que estimular o pensamento pode ser uma via para o acesso a formas superiores de utilização da inteligência. Ademais, dizer, segundo Hugo de S. Vitor, que o estudo é um modo de estimular a primeira operação da inteligência é uma afirmação que carrega implicitamente uma outra segundo a qual, por outro lado, o estudo não é mais, pelo menos diretamente, o modo adequado de estimular as operações seguintes da inteligência, que são a meditação ou reflexão e a contemplação. Percebe-se, nesta concepção, que o estudo é considerado como algo importante, mas ao mesmo tempo limitado, porque ele não pode estimular as operações seguintes da inteligência, que são a meditação e a contemplação, a não ser indiretamente, na medida em que o estudo estimula o pensamento, que é o primeiro estágio pressuposto pelos demais. Isto significa que, na pedagogia vitorina, requer-se uma teoria do estudo em que o mestre saiba utilizar-se dele para produzir o pensamento, mas em que ao mesmo tempo compreenda também que existem outros processos mentais mais elevados que devem igualmente ser desenvolvidos e que podem vir a ser impedidos por uma concepção errônea por parte do mestre que não conseguisse compreender que estes não dependem mais diretamente apenas do estudo.**

**A segunda operação da inteligência, continua Hugo de São Vitor, é a meditação. Poderia-se, para traduzir a palavra utilizando a linguagem moderna, fazer-se uso também do termo reflexão. A meditação, ou reflexão profunda, é uma operação da inteligência que se baseia no pensamento e é**

**"um  
assíduo e  
sagaz  
reconduzir  
do  
pensamento,  
esforçando-  
se para  
explicar  
algo  
obscuro, ou  
procurando  
penetrar no  
que nos é  
oculto".**

**Segundo as palavras de Hugo no Opúsculo sobre o Modo de Aprender,**

**"No estudo,  
mediante  
regras e  
preceitos,  
somos  
instruídos a  
partir das  
coisas que  
estão  
escritas. O  
estudo  
também é  
uma  
investigação  
do sentido por  
uma alma  
disciplinada.  
A reflexão  
toma, depois,  
por sua vez,  
seu princípio  
do estudo,**

***embora não  
se realize por  
nenhuma das  
regras ou  
preceitos do  
estudo. A  
reflexão é  
uma  
cogitação  
freqüente com  
conselho, que  
investiga  
prudentemente  
a causa e a  
origem, o  
modo e a  
utilidade de  
cada coisa".***

**Mas, acima da reflexão ou meditação, e baseando-se nela, existe ainda o que Hugo chama de contemplação. Ele explica o que é contemplação e no que difere da meditação do seguinte modo:**

***"A  
contemplação  
é uma visão  
livre e  
perspicaz da  
alma de  
coisas que  
existem entre  
si de modo  
amplamente  
disperso.***

***Entre a  
meditação e a  
contemplação  
o que parece  
ser relevante  
é que a***

***meditação é  
sempre de  
coisas  
ocultas à  
nossa  
inteligência; a  
contemplação,  
porém, é de  
coisas que,  
segundo a  
sua natureza,  
ou segundo a  
nossa  
capacidade,  
são  
manifestas; e  
que a  
meditação  
sempre se  
ocupa em  
buscar  
alguma coisa  
única,  
enquanto que  
a  
contemplação  
se estende à  
compreensão  
de muitas, ou  
também de  
todas as  
coisas.***

***A meditação  
é, portanto,  
um certo  
vagar curioso  
da mente, um  
investigar  
sagaz do  
obscuro, um  
desatar o que  
é intrincado.***

**A  
contemplação  
é aquela  
vivacidade da  
inteligência, a  
qual, já  
possuindo  
todas as  
coisas, as  
abarca em  
uma visão  
plenamente  
manifesta, e  
isto de tal  
maneira que  
aquilo que a  
meditação  
busca, a  
contemplação  
possui".**

**Estas passagens do Opúsculo sobre o Modo de Aprender nos mostram uma das mais fundamentais preocupações da pedagogia de Hugo de S. Vitor, a de levar o discípulo do pensamento à contemplação.**

**Vários outros temas são mencionados ou tratados no Opúsculo sobre o Modo de Aprender. Dentre eles merece uma referência especial nestas notas aquele que é precisamente o primeiro de todos. Hugo, efetivamente, inicia o texto deste opúsculo com alguns curtos parágrafos que tratam da humildade, aplicados à situação específica em que se encontra o aluno. Ele afirma primeiramente que**

**"A  
humildade é  
o princípio  
do  
aprendizado".**

**Sobre a humildade, continua Hugo, escreveu-se já muita coisa. Neste opúsculo ele não nos quer lembrar de todas, mas apenas de alguns pontos que dizem respeito especificamente a um estudante. Entre as coisas para que então ele nos chama a atenção estão os seguintes três conselhos:**

**Não ter  
como vil  
nenhuma  
ciência e  
nenhuma  
escritura.**

**Não se  
envergonhar  
de aprender  
de  
ninguém.**

**Quando  
tiver  
alcançado a  
ciência, não  
desprezar  
aos demais.**

**O Opúsculo sobre o Modo de Aprender, não obstante o seu reduzido tamanho, abarca mais assuntos do que estes poucos que acabamos de mencionar. Quisemos iniciar estas notas reportando a estes em vez de a outros por se tratarem dos seus aspectos que mais serão comentados a seguir.**





## **5. Os vitorinos enquanto escola de espiritualidade.**

**Nós viemos aqui reunir-nos porque queremos aprender. Precisamente por este motivo estamos nos deparando com algo que nos foi deixado por escrito através de alguém que, apesar dos nove séculos de distância que nos separam, quis nos deixar um ensinamento sobre este assunto porque sabia de sua importância. Para entender, porém, o conteúdo do Opúsculo sobre o Modo de Aprender e a importância da mensagem que nele nos foi transmitida é preciso entender algo do contexto histórico dentro do qual se encontra Hugo de S. Vitor.**

**Podemos iniciar um melhor entendimento deste contexto se abrirmos as primeiras páginas da obra de A. Royo Marín intitulada de Teologia da Perfeição Cristã. Aí encontraremos, logo em seu início, uma extensa bibliografia contendo praticamente todos os principais autores que houve ao longo da História da Igreja que trataram sobre algum tema de espiritualidade cristã. Estes autores não estão somente elencados em ordem cronológica, mas também agrupados por escolas ou correntes de espiritualidade. Desta extensa bibliografia pode-se extrair um quadro cronológico esquemático em que foram situados alguns nomes e datas importantes como pontos de referência na história da espiritualidade cristã.**

**Examinando este quadro, vemos que nos primeiros séculos da História da Igreja não houve propriamente correntes ou escolas de espiritualidade. Os autores estão divididos em dois grandes grupos aos quais denominamos de Padres Latinos e Padres Gregos, grupos que correspondem aos autores que viviam no Ocidente ou no Oriente do antigo Império Romano, cujas línguas em que costumavam escrever eram, respectivamente, o Latim e o Grego.**

**Dentre as obras mencionadas entre os primeiros padres Gregos e Latinos podemos destacar, pela profundidade e pela extensão, a de Santo Agostinho no Ocidente e a de São João Crisóstomo no Oriente. Santo Agostinho e São João Crisóstomo tiveram, no mundo latino e no mundo grego, papéis razoavelmente semelhantes.**

**Entre as obras mencionadas entre as dos primeiros Santos Padres destacam-se também duas outras que desempenharam o papel de uma síntese do pensamento cristão não no que diz respeito a toda a Teologia, mas mais especificamente à vida espiritual. No Ocidente João Cassiano, um cristão que passou muitos anos de sua vida entre os monges da Palestina e dos desertos do Egito para depois dirigir-se à Gália, hoje sul da França, e fundar um mosteiro em Marselha, escreveu as Instituições dos Cenobitas e As 24 Conferências. No Oriente, São João Clímaco, monge no mosteiro de Santa Catarina aos pés do Monte Sinai, onde um milênio e meio antes Moisés havia recebido as tábuas dos 10 mandamentos, após passar muitos anos como eremita no alto deste mesmo monte, eleito abade e trazido de volta ao mosteiro, escreveu A Escada do Paraíso.**

**Por volta do ano 550, com base na experiência acumulada da tradição monástica iniciada com Santo Antão em torno do ano 300, e com especial referência a São Basílio e João Cassiano, São Bento redigiu uma regra monástica tão perfeita que aos poucos começaram a cessar em sua maior parte as iniciativas de se redigirem novas regras para adotar-se mais simplesmente aquela já escrita por São Bento. A Europa Ocidental tornou-se quase que inteiramente beneditina e surgiu a primeira das escolas de espiritualidade apontadas na obra de Royo Marin, a escola beneditina, inspirada nos princípios da Regra de São Bento.**

**Somente no apogeu da Idade Média iriam surgir novas escolas de espiritualidade revestidas de importância histórica. Uma das primeiras a surgirem é precisamente a dos vitorinos, entre cujos principais autores contam-se Hugo e Ricardo de São Vitor. Neste sentido, Hugo e Ricardo de São Vitor não são apenas dois autores importantes que trataram de temas ligados à espiritualidade cristã; mais do que isto, eles representam um modo especial com que este tema pode ser abordado.**

**Um século após o surgimento dos vitorinos, com o advento das ordens franciscana e dominicana, esta última à qual pertenceu Santo Tomás de Aquino, surgiram também aquelas a que R. Marin denomina de escolas franciscana e dominicana de espiritualidade.**

**Durante a Renascença os Jesuítas e os Carmelitas vieram dar a**



**sua contribuição ao tema. Formando o que R. Marin chama de escolas, não apenas trataram do assunto, mas o abordaram como que segundo uma nova perspectiva. Entre os carmelitas dois dos principais autores que trataram da vida espiritual em todos os tempos, São João da Cruz e Santa Teresa de Ávila.**

**São Francisco de Sales, segundo Royo Marin, é, ele sozinho, uma inteira escola de espiritualidade, tal a novidade da perspectiva com que ele se debruçou sobre o assunto. Embora São Francisco de Sales se baseasse, em seus escritos, em toda a tradição cristã, pode-se perceber nele uma influência medular de Santa Teresa de Ávila. Não obstante o muito que ele deve a São Francisco de Assis e também a Santo Inácio de Loyola, na realidade a sua obra é a de alguém que essencialmente parece ter querido tornar verdadeiramente acessível às pessoas mais simples a tão profunda riqueza espiritual contida nos escritos de Santa Teresa de Ávila. Fê-lo porém de um modo tão impregnado com a sua própria experiência e seu vasto conhecimento que acabou por tornar-se, ele quase que sozinho, uma nova escola de espiritualidade.**

**Em meados do século 19 São João Bosco, ao ver-se obrigado pelas circunstâncias e pela sua vocação a iniciar uma congregação dedicada à educação da juventude, encantado pela simplicidade dos escritos e das orientações deixadas por São Francisco de Sales, quis que em seu instituto nascente a vida espiritual tivesse uma orientação salesiana. Embora São Francisco de Sales já houvesse morrido há cerca de dois séculos, S. João Bosco deu por este motivo à família espiritual que iniciava o nome de Congregação de São Francisco de Sales ou de Salesianos, como são até hoje mais conhecidos.**

**Neste interim, no século dezoito, Santo Afonso de Liguori, às voltas com a fundação de um instituto missionário que veio a chamar-se de Congregação do Santíssimo Redentor, cujos membros são também conhecidos como Redentoristas, não obstante sua dívida profunda com Santo Tomás de Aquino, em matéria de espiritualidade depende fundamentalmente das concepções básicas de Santa Teresa de Ávila. A escola salesiana e a redentorista são, assim, na realidade, em seus traços essenciais, derivações do legado de Santa Teresa de Ávila.**

Situado neste contexto, pode-se perceber que Hugo e Ricardo de São Vitor, como já mencionamos, não são apenas teólogos importantes, ainda que situados entre os mais importantes que houve na Igreja, mas também representam um modo especial de se considerar a vida espiritual. O pequeno comentário que Royo Marin tece a cada escola de espiritualidade à medida em que ela no-las vai apresentando é, em relação aos vitorinos, enquanto escola distinta, muito preciso e correto:

***"Herdeira  
do espírito  
de Santo  
Agostinho",***

diz Royo Marín,

***"a escola de São  
Vitor representa  
um termo médio  
entre a escola  
beneditina, de  
orientação  
predominantemente  
afetiva, e a  
dominicana, que  
nascerá em  
seguida, com  
tendência mais  
intelectualista".***





## **6. O significado das diversas escolas de espiritualidade.**

**Antes de prosseguirmos no nosso assunto, será necessário explicar qual a razão para a existência destas e de outras escolas de espiritualidade. O nome de correntes ou escolas não são os termos ideais para expressar a realidade que se quer designar com eles. Infelizmente, porém, parece não haver outros. Não se tratam de correntes divergentes, nem de escolas que defendem princípios fundamentais opostos. Na verdade, os princípios fundamentais que todas elas supõem não apenas não são opostos como nem sequer são diversos. Todas elas partem, de fato, não apenas dos mesmos princípios fundamentais, como todas também concordam na mesma doutrina cristã e cada uma almeja alcançar os mesmos e idênticos objetivos que todas as demais.**

**As diversas linhas de espiritualidade podem ser consideradas como modos diversos de conduzir a vida humana, com o auxílio da graça, àquela realidade a que se chama de contemplação. Pode-se dizer que o objetivo de todas as escolas de espiritualidade, assim como o de todos os homens santos, foi o de alcançar a contemplação. E pode-se dizer também que a contemplação, em sua forma mais plena, não difere em sua natureza de uma escola para outra. A contemplação é não apenas um objetivo final comum para todas, como também é uma mesma, única e precisa realidade para qualquer uma destas escolas de espiritualidade. Cada um destes modos diversos de se dispor a vida espiritual difere dos demais apenas pelo modo como se realiza em cada um a aproximação gradual desta realidade a que chamamos de contemplação; uma vez, porém, alcançada esta realidade em toda a sua plenitude, cessam quaisquer aparentes diferenças entre os diversos modos como pôde ter-se iniciado a vida espiritual.**





## **7. Comparação com a escalada de uma montanha.**

**As diversas escolas de espiritualidade podem ser comparadas aos diversos modos como é possível escalar uma montanha.**

**Alguns sobem pelo flanco norte, outros pelo leste, outros pelo oeste, outros pelo sul, e outros ainda pelos meios destes. As características de cada flanco podem ser tão diversas que se tornará necessário utilizar recursos também diversos para a escalada. Alguém que teria uma aptidão especial, uma história, uma facilidade ou um motivo especial para subir por um lado, poderia não tê-lo para fazê-lo ou para fazê-lo com a mesma facilidade por outro lado e vice versa.**

**Existe ainda o problema de que os que sobem por flancos aparentemente opostos podem não se enxergarem quando estão ainda nos inícios da escalada; figurativamente, significa isto que um parece não ser capaz de entender o proceder do outro. Todos estão, porém, escalando a mesma montanha e, quando chegarem ao seu topo, acabarão por se encontrarem precisamente no mesmo local.**





## **8. A contemplação descritível de várias formas.**

**Do fato de se dizer que a plenitude da realidade a que se chama de contemplação é um objetivo comum para todas as escolas de vida espiritual, e que é uma mesma e idêntica realidade para todas, não se segue que todas elas expliquem o que seja a contemplação de uma mesma maneira. Isto ocorre porque aquilo a que se chama de contemplação, embora seja uma única e mesma realidade, possui uma tamanha riqueza de conteúdo que pode ser abordada segundo uma multiplicidade inesgotável de perspectivas e que, cada pessoa, ao longo de toda a história humana, que se aproximar desta realidade, ao tentar descrevê-la, sempre o fará de um modo novo e diverso do que o fizeram todos aqueles que se tinham anteriormente já aproximado dela, embora estejam todos descrevendo uma única e mesma realidade.**

**Nas aulas de que estas notas são uma pequena parte já se teve um exemplo deste fato. Inicialmente dissemos que a contemplação era a operação da inteligência cujo objeto era a sabedoria, a qual seria, por sua vez, a mais elevada forma de conhecimento possível ao homem. Depois, seguindo os comentários de Santo Tomás de Aquino a Aristóteles, procurou-se definir o que, segundo Aristóteles, seria mais precisamente aquilo a que se chama de sabedoria. Porém, o próprio Santo Tomás de Aquino, quando não está escrevendo seus comentários a Aristóteles, mas trata do assunto em seus livros de Teologia onde ele tem por isso mesmo uma liberdade maior de expressão, se utiliza de uma perspectiva mais ampla para explicar o que é a contemplação. Se nos referirmos ao conjunto dos autores situados ao longo de toda a tradição cristã, estes autores, acrescidos à obra de Santo Tomás de Aquino, oferecem uma perspectiva de horizontes extraordinariamente ainda mais amplos. Mas, por mais que se tenha falado sobre o assunto ao longo de todos os séculos, esta perspectiva se dilata ainda de um modo surpreendentemente novo à medida em que os que estudam o assunto, em vez de se limitarem apenas à leitura do que os sábios dizem a este respeito, eles próprios se aproximam da mesma pela prática das virtudes, do estudo e da própria contemplação. De fato, lemos no Apocalipse a seguinte promessa de Jesus:**

**"Ao  
vencedor  
darei um  
nome  
novo,  
o qual  
ninguém  
conhece,  
senão  
quem o  
recebe".**

**Apoc .  
2,  
17**

**Ora, na interpretação de Ricardo de S. Vitor, este "nome novo, que ninguém conhece, senão quem o recebe", nada mais é do que o conhecimento divino (Comm. in Apoc.; PL 196, 724), que, de fato, por mais ampla que seja a perspectiva pela qual o conhecemos por meio de outros, se não o recebemos nós mesmos é como se ainda não o conhecêssemos, sendo este o motivo pelo qual, por mais que se tenha falado a respeito deste assunto, quando uma nova pessoa se acrescenta ao número dos que já falaram, parece, como de fato é, que novas coisas se estão falando que nunca antes haviam se falado.**





## **9. Legitimidade de uma espiritualidade.**

**Do que foi dito pode-se deduzir que não é qualquer regra ou modo de vida que pode legitimamente denominar-se de espiritualidade, ainda que aparentemente verse sobre assuntos relacionados com a vida do espírito. Uma espiritualidade somente pode ser julgada como autêntica se, de fato, ela conduz à contemplação. Todas elas surgiram da experiência de pessoas que haviam alcançado esta realidade e sabiam como ensinar aos outros o modo ou um modo de alcançá-la. Como todas, se legítimas, efetivamente conduzem a este mesmo fim, não se pode também dizer que uma seja melhor do que a outra. Ao contrário, dada a extrema dificuldade do comum dos homens em discernir corretamente sobre estes assuntos, deve-se considerar feliz aquele que, de alguma forma, tiver encontrado verdadeiramente qualquer uma delas. A grande dificuldade no discernimento sobre estes assuntos reside no próprio homem, imerso como está no pecado e encantado pelos baixos objetivos que lhe são apresentados pela vida material, em entender com clareza o que seja o próprio objetivo a que se propõe uma autêntica vida espiritual. A maioria dos homens sequer faz idéia do que se trata e inclusive não quer mesmo saber de nada a este respeito; da minoria restante, a maior parte tem uma idéia inteiramente fantasiosa e irreal do que seja aquilo a que se chama de contemplação.**





## **10. Uma primeira explicação sobre a natureza da contemplação.**

**Se tivéssemos que dizer em poucas palavras o que se quer significar com aquilo a que se chama de contemplação, possivelmente a mais perfeita de todas as explicações que já foram dadas até hoje, mas que, ainda assim, é insuficiente para dar ao leitor uma idéia do tamanho da riqueza da realidade que com isto se descreve, é aquela que nos foi deixada por Jesus no quarto capítulo do Evangelho de São João. Neste capítulo São João nos conta que Jesus, sentado à beira de um poço, viu aproximar-se dele uma samaritana que lhe dirigiu a seguinte pergunta:**

***"Senhor,  
vejo que és  
profeta.  
Responde,  
então, à  
minha  
pergunta:  
os  
samaritanos  
adoram  
sobre este  
monte, mas  
os judeus  
dizem que  
é em  
Jerusalém  
o lugar  
onde se  
deve  
adorar a  
Deus.  
Quem está  
certo?"***

**Jesus responde-lhe:**



***"Mulher,  
crê-me que  
é chegada  
a hora em  
que não  
adorareis o  
Pai nem  
neste  
monte,  
nem em  
Jerusalém.  
A salvação  
vem dos  
judeus,  
mas vem a  
hora, e já  
chegou,  
em que os  
verdadeiros  
adoradores  
adorarão o  
Pai em  
espírito e  
verdade,  
porque é  
destes  
adoradores  
que o Pai  
deseja".***

**A adoração em espírito e verdade de que fala Jesus é uma expressão felicíssima para designar aquilo que na tradição cristã tem sido chamado também de contemplação. Por espírito entende-se a atuação dos dons do Espírito Santo, que é a causa da contemplação nas almas que, pela fé em Cristo, vivem em estado de graça e se purificaram através da vida das virtudes; pela verdade entende-se o próprio objeto da contemplação. Neste sentido, a contemplação é algo que se manifesta no homem quando, pelo auxílio da graça que nos chega através de Cristo, pela perfeita renúncia a si mesmo, por uma profunda e contínua prática das virtudes, pelo estudo, pela reflexão e pela oração, é concedida ao homem a possibilidade de um exercício**

**intenso e simultâneo das virtudes teologais da fé, esperança e caridade, que é aquilo que se chama de contemplação.**

**Pode-se perceber, através desta explicação sucinta, que a contemplação é algo que se torna possível ao homem após uma profunda e prolongada prática da vida espiritual, resumidamente abarcada pelas expressões de renúncia a si mesmo, prática das virtudes, estudo, reflexão e oração. Os diversos modos como estas coisas podem ser exercidas e combinadas de forma coerente entre si constituem aquilo a que se chama de espiritualidade; o objetivo delas, o exercício intenso e simultâneo das virtudes teologais da fé, esperança e caridade, que é a contemplação, é um mesmo objetivo para todas.**

**Pode-se perceber, também, pelo que foi dito, que o desenvolvimento da vida espiritual pode dividir-se, em linhas gerais, em duas partes. A primeira, que difere segundo cada escola de espiritualidade, é aquela cuja descrição genérica foi abarcada pelas expressões de renúncia, virtude, estudo, reflexão e oração; a isto chama-se de ascese. A segunda é aquela em que a principal característica é a manifestação predominante da realidade a que se chama de contemplação. Na vida espiritual corretamente ordenada a primeira parte se orienta para a segunda.**





## **11. Exemplo da Regra de São Bento.**

**Temos na Regra de São Bento um exemplo bastante claro de uma forma de ascese que reconhece ela própria ordenar-se a algo que lhe é posterior, ao qual estamos chamando nestas notas de contemplação. No início de sua regra São Bento nos afirma que teve a intenção de, com ela, constituir**

***"uma  
escola  
do  
serviço  
do  
Senhor".***

**Ele afirma que há algumas coisas nela que podem parecer para alguns um pouco rigorosas, mas recomenda para o monge que assim isto lhe parecer que não se assuste e não julgue segundo as aparências. Na realidade a intenção de São Bento, conforme ele mesmo no-lo diz, não foi a de estabelecer**

***"coisas  
ásperas  
ou  
pesadas",***

**mas a de dispor tudo com equidade. O que haja que possa parecer áspero na regra se deve ao fato de que ela foi concebida para produzir a "emenda dos vícios" e "a conservação da caridade". Estas expressões significam que a regra de São Bento, segundo as suas próprias palavras, corresponde àquilo a que chamamos de ascese, cujo objetivo é o cultivo das virtudes; de fato, dizer que uma regra foi concebida para produzir a emenda dos vícios e dizer que ela foi concebida para o florescimento da vida das virtudes é a mesma coisa, pois o único modo alguém pode ter para se emendar dos vícios é o cultivo das virtudes que lhes são opostas. A expressão "conservação da caridade" deve ser entendida como**

**enquadrada neste mesmo contexto, pois na vida da graça a caridade é o vínculo que une entre si todas as demais virtudes.**

**Porém, logo a seguir, o próprio São Bento nos diz que todo o aparente rigor de sua regra é provisório, pois ele se ordena a uma vivência mais profunda da vida da fé, à qual porém ele acena em termos genéricos e que corresponde, no que vimos descrevendo nestas notas, à vida em que a realidade a que chamamos de contemplação cai se tornando sempre mais dominante:**

***"Devemos,  
pois",***

**diz São Bento,**

***"constituir  
uma escola  
de serviço do  
Senhor.  
Nesta  
instituição  
esperamos  
nada  
estabelecer  
de áspero ou  
de pesado.  
Mas se  
aparecer  
alguma coisa  
um pouco  
mais  
rigorosa,  
ditada por  
motivo de  
equidade,  
para emenda  
dos vícios ou  
conservação  
da caridade,  
não fuja***

***logo, tomado  
de pavor, do  
caminho da  
salvação,  
que nunca se  
abre senão  
por um  
estreito  
início. Mas,  
com o  
progresso da  
vida  
monástica e  
da fé, dilata-  
se o coração  
e com  
inenarrável  
doçura de  
amor é  
percorrido o  
caminho dos  
mandamentos  
de Deus".***

**Prólogo  
da  
Regra  
45-49**

**Da mesma forma, no último capítulo de sua regra, São Bento nos avisa de novo que através dela ele se preocupou principalmente em legislar sobre o princípio da vida monástica, isto é, sobre o início da própria vida cristã vivida no contexto de um mosteiro. Porém, ao mesmo tempo ele nos dá muitas vezes a entender que o fez de tal modo que aquele que a tiver realizado acabará por encontrar, através dela mesma, alguma coisa de maior sobre o que São Bento não quis legislar mas para o qual ele quis ordenar a sua legislação e que ele tinha em vista quando escreveu a sua regra. Neste último capítulo ele fornece algumas indicações sobre onde o monge que estiver se**

**aproximando disto a que se ordena a sua regra poderá encontrar uma orientação mais explícita; inútil dizer que esta orientação lhe será de pouca utilidade prática se antes ele não tivesse se conformado ao modo de vida prescrito pela regra, pois se assim não o fosse, São Bento certamente já teria orientado seus monges a procurarem estas outras fontes em vez de convidá-los primeiramente à observância de sua regra. Mas àqueles que já observam a sua regra e**

***"se  
apressam  
para a  
pátria  
celeste",***

**ele recomenda em especial as Conferências de João Cassiano e as Vidas dos Padres do deserto; ora, as Conferências de Cassiano são um texto que se abre, em sua primeira conferência, com uma dissertação explícita sobre a contemplação como fim do monge.**

***"Escrevemos  
esta regra",***

**diz São Bento,**

***"para  
demonstrar  
que os que  
a  
observamos  
nos  
mosteiros  
temos  
alguma  
honestidade  
de  
costumes  
ou algum***

***início de  
vida  
monástica.  
Além disso,  
para aquele  
que se  
apressa  
para a  
perfeição da  
vida  
monástica,  
há as  
doutrinas  
dos Santos  
Padres, cuja  
observância  
conduz o  
homem ao  
cume da  
perfeição.  
Que página,  
com efeito,  
ou que  
palavra de  
autoridade  
divina no  
Antigo e  
Novo  
Testamento  
não é uma  
norma  
retíssima de  
vida  
humana?  
Ou que  
livros dos  
Santos  
Padres  
católicos  
ressoam  
outra coisa  
senão o que  
nos faça***

**chegar, por  
caminho  
direito, ao  
nosso  
Criador? E  
também as  
Conferências  
dos Padres,  
(escritas por  
Cassiano),  
as  
Instituições  
(dos  
Cenobitas,  
também  
escritas por  
ele), as suas  
vidas (as  
vidas dos  
Padres do  
deserto), e  
também a  
regra de  
nosso santo  
pai Basílio,  
que outra  
coisa são  
senão  
instrumentos  
das virtudes  
dos monges  
que vivem  
bem e são  
obedientes?  
Tu, pois,  
quem quer  
que sejas,  
que te  
apressas  
para a pátria  
celeste,  
realiza com  
o auxílio de**



***Cristo esta  
mínima  
regra de  
iniciação  
aqui escrita  
e então, por  
fim,  
chegarás,  
com a  
proteção de  
Deus, aos  
maiores  
cumes da  
doutrina e  
das virtudes  
de que  
falamos  
acima".***

**Regra,  
c. 73**





## **12. Exemplo da Encíclica Mediator Dei.**

**Pode-se ainda ilustrar o assunto de que estamos tratando através de uma passagem da encíclica Mediator Dei de Pio XII sobre a Liturgia. Esta encíclica, juntamente com a Mistici Corpori Christi sobre o mistério da Igreja, escrita também por Pio XII quase à mesma época, são dois dos mais importantes documentos pontifícios de todos os tempos, e que praticamente assinalaram com uma década de antecedência o caminho que seria seguido pelo Concílio Vaticano II.**

**Na Mediator Dei Pio XII nos fala da natureza e da profundidade do sacrifício da Missa e exorta todos os fiéis a uma mais freqüente e íntima participação da mesma:**

***"Oxalá todos  
correspondam,  
livre e  
espontaneamente,  
a estes solícitos  
convites da  
Igreja",***

**diz Pio XII.**

***"Oxalá que os  
fiéis, até  
diariamente, se  
lhes é  
possível,  
participem do  
divino  
sacrifício, não  
só  
espiritualmente,  
mas também  
pela comunhão  
do Augusto  
Sacramento,***

**recebendo o  
corpo de Jesus  
Cristo,  
oferecido por  
todos ao  
eterno Pai.  
Estimulai, pois,  
veneráveis  
irmãos no  
episcopado,  
nas almas  
confiadas aos  
vossos  
cuidados, a  
fome  
apaixonada e  
insaciável de  
Jesus Cristo;  
que por vossos  
ensinamentos,  
adensem-se à  
roda dos  
altares turmas  
de crianças e  
jovens que vão  
consagrar ao  
divino  
Redentor as  
suas pessoas,  
a sua  
inocência, a  
sua  
entusiástica  
atividade;  
aproximem-se  
numerosos os  
esposos, para  
que, nutridos  
da sagrada  
mesa e graças  
a ela, possam  
educar seus  
filhos no**

***sentido e na  
caridade de  
Jesus Cristo;  
em suma,***

***`Convidai e  
obrigai a  
entrar',***

***como diz o  
Evangelho,  
todos os  
homens, de  
qualquer  
classe que  
sejam, porque  
este é o pão da  
vida, de que  
todos têm  
precisão".***

**Mediator**

**Dei, n.**

**115**

**Feitas estas exortações, o pontífice passa a dar aos bispos algumas orientações sobre como favorecer a ascese cristã entre os fiéis, pois sem o cultivo da vida espiritual, diz Pio XII, não lhes será possível participarem do sacrifício eucarístico "sem que as preces litúrgicas se reduzam a um vão ritualismo" (n. 170). A ascese cristã, diz Pio XII, "aquela que dispõe o homem a tomar parte mais frutuosa nas sagradas funções" do sacrifício eucarístico, embora se possa realizar sob múltiplas formas,**

***"Tendem  
todas,  
embora de  
modo  
diverso, à  
conversão e  
à orientação  
para Deus de  
nossa alma,  
à expiação  
dos pecados  
e à  
prossecução  
das virtudes,  
habituando-  
nos à  
meditação  
das verdades  
e tornando-  
nos o  
espírito mais  
pronto para a  
contemplação  
dos  
mistérios da  
natureza  
humana e  
divina de  
Cristo".***

**Mediator**

**Dei, n.**

**170**

**Deste modo, Pio XII exorta aos bispos que, "no seu zelo pastoral, recomendem e encorajem o povo que lhes é confiado" à ascese cristã, "da qual brotarão sem dúvida frutos salutares". Que neste exercício da vida espiritual "tome parte o maior número possível não só do clero como também dos leigos" (n. 173).**

**Porém o que mais nos interessa, aquilo que é o próprio motivo pelo qual estamos trazendo o texto desta encíclica para ilustrar como exemplo o comentário destas notas, é a observação que Pio XII faz logo em seguida a respeito da natureza do que se denomina ascese:**

***"Relativamente aos vários modos como se costumam praticar estes exercícios, seja a todos bem sabido e claro que na Igreja terrestre, tal como na celeste, há muitas moradas, e que a ascética não pode ser monopólio de ninguém".***

**Mediator**

**Dei, n.**

**174**

**Na Igreja terrestre, diz Pio XII, tal como na celeste, há muitas moradas, "e a ascética não pode ser monopólio de ninguém". Pio XII volta a estabelecer um princípio da vida espiritual já bem conhecido há muitos séculos na tradição cristã. A ascética, aquela parte da vida espiritual que nos prepara para a contemplação, não é um caminho único, e por isso não só não pode ser monopólio de ninguém, como inclusive este fato deve ser levado em conta, diz a Encíclica, pelos bispos que governam a Igreja aos quais cabe o dever de favorecê-la e fomentá-la na**

**vida dos fiéis. Assim como houve diversas escolas de espiritualidade, ainda muitas haverá, e tantas até poderia haver quantos cristãos houvessem, e muitas das possíveis jamais chegarão a se realizarem concretamente. Deve-se notar também que isto mesmo que a encíclica diz da ascese ela não o diz, e não o diz não porque não se lembrou, mas porque o mesmo já não se pode dizer, da realidade plena da contemplação, pois ela é a mesma para a qual tendem todas estas diversas formas de ascese.**

**Isto não significa, porém, que qualquer que seja a forma com que se organize a vida espiritual esta seja correta. Ela deve, em primeiro lugar, como o declara também a Encíclica, ordenar seus meios coerentemente de modo a conduzir efetivamente ao seu objetivo:**

**"Disto  
será  
índice",**

**continua Pio XII,**

***"a eficácia  
com que  
tais  
exercícios  
conduzam  
as almas a  
amar  
sempre  
mais e  
promover o  
culto  
divino;  
levem os  
fiéis a  
participar  
nos  
sacramentos  
com maior  
fervor; e a***

***ter as  
coisas  
santas na  
devida  
veneração e  
respeito".***

**Mediator  
Dei, n.  
175**

**Ademais, ainda que legítima, a escolha de uma determinada via de ascese não é algo que pode ser decidido com base em uma questão de gosto ou de capricho pessoal:**

***"É  
absolutamente  
necessário  
que a  
inspiração  
com que  
alguém é  
levado a  
professar  
certos e  
determinados  
exercícios  
provenha do  
Pai das luzes,  
origem de  
tudo o que é  
bom, de todo  
dom  
perfeito",***



Mediator

Dei, n.

175

**conclui Pio XII.**

**De fato, foi assim que surgiram na Igreja todas as correntes de espiritualidade mais conhecidas e muitas outras que foram sendo seguidas por um número mais restrito de pessoas sem terem se formalizado através de algum instituto ou em escritores de maior vulto. Nenhuma delas jamais surgiu pelo simples capricho de se inventar um novo caminho, mas foi o próprio Deus, o qual, dizem as Escrituras, deseja que "todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade" (1 Tim 2,4), quer diante das dificuldades especiais em que os homens se encontravam, sugeriu-lhes, pela própria luz da graça do Espírito Santo, a necessidade ou a conveniência de se abrir uma outra via.**





### **13. Exemplo de Santa Clara e São Bernardo diante da natureza.**

**Aqueles que participam da vida da Igreja já terão ouvido comentar alguma coisa a respeito das características que distinguem pelo menos algumas das escolas de espiritualidade que foram mencionadas. É conhecido o amor à pobreza que é característica dos franciscanos, a dedicação à liturgia dos beneditinos, o empenho no estudo e na pregação dos dominicanos, a importância da obediência entre os jesuítas, a vida de oração como carisma especial dos carmelitas. Vamos dar um exemplo, baseado em fatos históricos, que ilustra como um mesmo evento pode ser abordado por diversas formas de ascese sob ângulos aparentemente diversos e, no entanto, isto estar sendo feito para se alcançar precisamente um mesmo objetivo. Vamos contrastar como reagiriam, diante de uma mesma situação, um santo franciscano, um beneditino e os vitorinos.**

**Quando jovem, São Francisco era uma pessoa alegre e cheia de vida, apreciava a poesia e gostava muito de cantar. Após sua conversão ele não perdeu estas qualidades, mas, ao contrário, julgando que por meio delas poderia aproximar-se de Deus, censurou aqueles que o repreendiam quando o viam cantando. São Francisco, até o fim de sua vida, reproduziu em sua vida aquilo mesmo que já se lia há muito tempo em vários salmos do Antigo Testamento, louvando habitualmente a Deus pelas suas criaturas, e ensinando os seus companheiros a fazerem o mesmo. Entre seus escritos deixou-nos um Cântico ao Sol, uma das mais belas poesias de todos os tempos, na qual Deus é louvado pelo Sol e por todas as suas obras, às quais São Francisco chama de irmãos e de irmãs. Esta atitude, embora surja espontaneamente em todo autêntico cristão, pois é uma expressão daquela radiante felicidade que toma conta daqueles que vivem uma esperança já muito próxima do Céu que lhes faz ver toda a obra da criação e da graça sob o prisma de uma aprovação entusiástica, é também uma característica bastante marcante da ascese franciscana, tanto quanto também o é o espírito de pobreza. Sendo assim, é muito natural saber que encontra-se nas atas de canonização de Santa Clara, o depoimento de uma das primeiras irmãs franciscanas segundo o qual, todas as vezes que algumas irmãs tinham que ausentar-**

**se do mosteiro, Santa Clara, como superiora, sempre lhes dirigia algumas admoestações. Nelas, porém, Santa Clara não as exortava no sentido de que tomassem cuidado com os ladrões e os salteadores, muito comuns naquela época, nem para que não se esquecessem de procurarem em tempo um abrigo quando já percebiam que se aproximava a noite. Antes, muito ao contrário, suas recomendações eram inteiramente de outra ordem. O que era verdadeiramente importante aos seus olhos, o objeto de suas verdadeiras preocupações, diz-nos este testemunho, era que as irmãs se afligissem pelo caminho com outros problemas e, por causa disso, deixassem de reparar nas árvores lindas que pudessem surgir durante o percurso:**

***"Quando  
ela nos  
mandava  
realizar  
algum  
serviço  
fora do  
mosteiro",***

**diz este depoimento,**

***"sempre nos  
advertia no  
sentido de que  
quando  
víssemos  
árvores lindas,  
cheias de  
flores e  
frondosas  
pelas sua  
folhagens,  
nunca nos  
esquecêssemos  
de louvar a  
Deus".***

**Certamente esta é a atitude de uma alma muito pura quando se vê colocada diante do espetáculo da natureza. O que nem sempre é evidente, porém, é que, mesmo sem sair de dentro da perspectiva cristã, esta atitude não é a única logicamente possível. Vejamos, por exemplo, como São Bernardo, um beneditino quase contemporâneo de São Francisco, reagiu diante dos mesmos espetáculos da natureza.**

**A regra de São Bento estabeleceu, para propiciar um ambiente de oração nos mosteiros, uma prática habitual do silêncio. Algumas das disposições contidas na regra a este respeito podem hoje a alguns parecer algo fora de propósito, mas deve-se lembrar aos que assim lhes possa parecer que estas disposições sobre o silêncio não são leis colocadas como preceitos de validade absoluta, como algo que devesse ser observado por toda a sociedade, sempre e em qualquer circunstância, como os preceitos do decálogo de Moisés. O silêncio tal como é prescrito pela regra beneditina não é algo que poderia ter este alcance universal sequer na próprio época de São Bento; ele foi concebido para ser observado apenas dentro do ambiente dos mosteiros de São Bento, onde também foram criadas uma série de outras disposições que não existiam, e não existem ainda hoje, no mundo secular, as quais, em conjunto com a importância que foi atribuída ao silêncio, acabam por tornar estes mosteiros locais onde pode-se encontrar uma paz profunda e um ambiente propício à oração que o mais das vezes é em vão que se os procuram fora deles. No sexto capítulo de sua regra é assim que São Bento se refere ao silêncio:**

***"Façamos  
o que diz  
o  
profeta:***

***`Eu  
disse,  
julgarei  
os meus  
caminhos  
para que  
não  
peque***

**pela  
língua.  
Pus uma  
guarda à  
minha  
boca,  
emudeci,  
humilhei-  
me e  
calei as  
coisas  
boas'.**

**Salmo  
38,  
2-3**

**Aqui mostra  
o profeta  
que, se às  
vezes se  
devem calar  
mesmo as  
boas  
conversas,  
por causa  
do silêncio,  
quanto mais  
não deverão  
ser  
suprimidas  
as más  
palavras?  
Por isso,  
ainda que  
se trate de  
conversas  
boas,  
santas e  
próprias a**

**edificar,  
raramente  
seja  
concedido  
aos  
discípulos  
perfeitos  
licença de  
falar, por  
causa da  
gravidade  
do silêncio.  
Se é preciso  
pedir  
alguma  
coisa ao  
superior,  
que se peça  
com toda a  
humildade e  
submissão  
da  
reverência.  
Já quanto  
às  
brincadeiras,  
palavras  
ociosas e  
que  
provocam  
riso,  
condenamo-  
las em  
todos os  
lugares a  
uma eterna  
clausura;  
para tais  
palavras  
não  
permitimos  
ao discípulo  
abrir a**

*boca".*

**Embora tanto São Francisco como São Bento, cada um ao seu modo, procurassem através de determinadas disposições cultivar um mesmo espírito de oração e de louvor a Deus, São Bento parte, aqui, de uma posição diversa daquela de que partia São Francisco com suas canções e sua alegria efusivamente manifestada. Como resultado destas diversas disposições iniciais temos que São Bernardo, monge beneditino, ao contrário de Santa Clara, tivesse o hábito de não reparar na natureza para que isto não o distraísse de seu recolhimento interior e do louvor de Deus. Em sua biografia encontramos escrito que certa vez, obrigado a fazer uma viagem em que era necessário fazer uma caminhada de um dia inteiro bordejando as margens do lago de Lausanne onde hoje é a Suíça, sobrevindo a noite, ao comentarem seus colegas de jornada a respeito daquele lago, um dos mais belos espetáculos do planeta, ficaram estupefatos em perceber que Bernardo não havia visto nem sabia de que lago se tratasse. Após seu primeiro ano como monge São Bernardo também não soube dizer se o teto do local onde se recolhia para dormir durante aqueles doze meses era de pedra ou de madeira, e também julgava que havia apenas uma janela na igreja onde entrava para celebrar o ofício divino diversas vezes por dia todos os dias, quando na verdade havia muitas.**





#### **14. Exemplo de Hugo de S. Vitor diante da natureza.**

Vimos a atitude de Santa Clara diante da beleza de uma árvore, inspirada no exemplo de São Francisco. Examinamos a de São Bernardo, diante de um dos lagos mais belos da Terra. Com Hugo de São Vitor nos deparamos com uma terceira atitude diante da mesma situação. Embora haja pouquíssimos dados biográficos sobre Hugo de São Vitor, muitíssimo menos do que os que existem sobre Santa Clara e São Bernardo, suas obras, entretanto, por trás de uma aparente impessoalidade, são um perfeito espelho de sua alma, mais até do que o seria uma sua possível biografia. Através destes escritos podemos reconstituir, com razoável probabilidade, como Hugo se comportaria, na condição de um cristão que busca a Deus, se se visse diante de uma linda árvore ou de um belíssimo lago.

Se se encontrasse diante de um belíssimo lago, Hugo de S. Vitor provavelmente nem louvaria imediatamente a Deus, nem, porém, se negaria a contemplar o lago. Começaria provavelmente a refletir. Como é grande este lago, pensaria. Quantas gotas de água haverá nele? Pensaria em um número pelo qual poderia enumerá-las, para reconhecer em seguida tratar-se de uma tarefa humanamente impossível. No entanto, continuaria Hugo, Deus certamente conhece, em sua sabedoria, o número exato, tão claramente como o faria um homem diante de duas ou três frutas. É uma sabedoria admirável, tão mais admirável quanto mais se considera a impossibilidade humana de alcançá-la. E, no entanto, Deus não conhece apenas quantas gotas há neste lago, como também, à diferença do homem diante das três frutas, criou-as a todas, tirando-as do nada:



**"Que potência  
não seria  
necessária,  
quando nada  
existia, para  
fazer com que  
do nada algo  
existisse?  
Que sentido  
poderá  
compreender",**

**escreve Hugo,**

**"quanta  
virtude não  
haverá no  
se fazer do  
nada uma  
única coisa,  
ainda que  
seja a  
mínima de  
todas? Se,  
portanto, há  
tanta  
potência no  
se fazer do  
nada uma  
só coisa,  
ainda que  
pequena,  
como não  
se poderá  
compreender  
quão grande  
deveremos  
estimar a  
potência  
que criou  
tamanho**

***multidão de  
seres? De  
que  
tamanho é  
esta  
multidão?  
Quantos  
são? O  
número das  
estrelas do  
céu, a areia  
do mar, o pó  
da terra, as  
gotas da  
chuva, as  
penas das  
aves, as  
escamas  
dos peixes,  
os pelos  
dos animais,  
a grama dos  
campos, as  
folhas e os  
frutos das  
árvores, e  
os números  
inumeráveis  
dos demais  
inumeráveis,  
qual é a  
magnitude  
desta  
grandeza?  
Mede a  
corpulência  
das  
montanhas,  
o curso dos  
rios, o  
espaço dos  
campos, a  
altura do***

***céu, a  
profundidade  
do abismo.  
Admira, pois  
não o és  
capaz; mas  
justamente  
não o sendo  
capaz é que  
melhor te  
admirarás".***

**Tratado  
dos  
Três  
Dias**

**Este lago, pois, consideraria Hugo de S. Vitor, é na realidade um caminho que Deus colocou diante dos homens para que eles pudessem alcançar um vislumbre da sabedoria divina. O lago é belo, diria Hugo; mais bela ainda é, porém, a sabedoria que se revela através dele. Os profetas do Velho Testamento dizem também a mesma coisa; eles haviam-se dado conta de que a natureza havia sido oferecida aos homens precisamente para isto, para abrir-lhes um caminho para a contemplação da sabedoria divina. De fato, eles nos deixaram escrito:**

***"Quão  
magníficas  
são as tuas  
obras, ó  
Senhor; mais  
profundos,  
porém, são os  
teus  
pensamentos".***

Salmo

91

**De onde que os salmos nos ensinam a nos utilizarmos da magnificência das obras de Deus para termos um vislumbre da maior profundidade de seus pensamentos.**

***"Todo o mundo sensível",***

**diz Hugo,**

***"é como um livro escrito pelo dedo de Deus, e cada uma de suas criaturas são como figuras, não imaginadas pela opinião humana, mas instituídas pelo arbítrio divino, para a manifestação da sabedoria do Deus invisível. Não há ninguém para quem as obras de***

**Deus não  
sejam  
admiráveis",**

**Tratado  
dos  
Três  
Dias**

**mas devemos saber ultrapassar nelas a beleza de suas aparências para nos remontarmos ao conhecimento da perfeição de seu Criador. Como nos será possível, de fato, amar a Deus como nos foi prescrito, com toda o nosso coração, com toda a nossa alma, com todo o nosso entendimento, com todas as nossas forças, se dEle só lhe conhecemos um nome?**

***"Deus, em si mesmo, não pode ser visto; fêz, porém, com que pudesse ser visto pelas coisas que fêz, pois, como diz o Apóstolo,***

***`as coisas invisíveis de Deus podem ser vistas pela criatura, pelo entendimento das coisas que foram criadas'.***

Rom.

1

***Se quisermos,  
pois, que Deus  
habite em nós  
permanentemente  
pelo amor,  
devemos  
construir em nós  
uma casa para a  
sabedoria".***

**Tr.  
Três  
Dias/  
De  
Arca  
Noe**

**Venham, pois, ver este lago, mas não prestem demasiada atenção àquilo que apenas os olhos enxergam, pois há nele uma beleza maior que se nos revela, invisível aos olhos da carne. A figura do lago é apenas uma aparência; Deus, porém, colocou aqui toda esta água para que, através dela, os homens pudessem ter um vislumbre de Sua própria mente. Devemos, pois, saber nos aproveitar dele, pois o lago nos oferece um modo de conhecer a Deus, e só podemos amar aquilo que, de alguma forma, o conhecermos.**

**"Gostaria  
de  
discernir  
estas  
coisas  
com tanta  
delicadeza  
para  
poder  
narrá-las"  
a todos  
os  
homens,**

**diz ainda Hugo no Tratado dos Três Dias; infelizmente, porém, aqueles que passam por aqui olham para o lago e não vêem mais do que água. É possível que amem a Deus desta maneira? Pois, agindo deste modo, parece que, efetivamente, não o conhecem.**





## **15. Comparação entre as diversas formas de espiritualidade.**

Acabamos de examinar um exemplo sobre a diversidade das atitudes que diferentes formas de se ordenar a ascese cristã podem manifestar diante de uma mesma situação. Deparando-se com a beleza da criação, Santa Clara, São Bernardo e Hugo de São Vítor tomam posições diversas que dependem, em última análise, do modo como foi concebida a orientação de sua ascese em direção à contemplação, pela qual o homem, através do exercício das virtudes teologais, se une, tanto quanto lhe é possível neste mundo, a Deus Criador e Redentor. Os exemplos poderiam multiplicar-se tanto nos fatos como nas possibilidades, pois, conforme afirma Pio XII,

*"assim  
como na  
Igreja  
celeste  
há muitas  
moradas,  
assim  
também  
na Igreja  
terrestre  
a ascética  
não é  
monopólio  
de  
ninguém".*

No entanto, mesmo diante desta sentença de Pio XII, a consideração dos três exemplos que foram apresentados levará alguns a se perguntarem se, examinados mais atentamente, não seria um deles, ou algum outro, um caminho mais correto e por isto talvez mais preferível do que os demais.

Supomos que a resposta a esta pergunta só poderia ser dada com honestidade subdividindo-a em dois aspectos. Do ponto de vista especulativo, quer nos parecer que a posição de Hugo de São Vitor é mais correta, por se aproximar mais do conjunto dos



**ensinamentos do Novo Testamento. De fato, o Novo Testamento, e nele, principalmente Jesus e São Paulo, apontam de modo indiscutível que a caridade, o amor sobrenatural por Deus acima de todas as coisas, uma virtude cuja sede é a vontade, não só é a maior de todas as virtudes como também é aquela sem a qual a posse de todas as outras, inclusive a fé, seria inútil. No entanto, apesar de afirmações tão claras neste sentido, o Novo Testamento fala e exorta com muito mais freqüência à virtude da fé, cuja sede é a inteligência, do que ao amor, como se quisesse, pelo número de referências, contrabalançar a atenção que deve ser dada efetivamente a ambas estas virtudes. Neste sentido, do ponto de vista especulativo, por se aproximar mais da própria posição do texto sagrado, Hugo de São Vítor parece situar-se mais corretamente.**

**Do ponto de vista prático, porém, a situação é inteiramente diversa, como pode reconhecer-se através dos próprios textos de Hugo de São Vitor, pois ele mesmo diz que possuímos a Deus pelo amor, e que, portanto, do ponto de vista prático não importa o caminho trilhado desde que, através dele, o homem efetivamente alcance o amor de Deus. Diz, de fato, Hugo de São Vitor no segundo livro dos Mistérios da Fé Cristã:**

***"A Escritura  
nos  
manifesta o  
quanto  
devemos  
amar o  
nosso bem  
que é Deus.***

***Não  
preceituou  
apenas que  
o  
amásemos,  
ou que  
amásemos  
apenas a  
Deus, mas  
que o  
amásemos***

***o quanto  
pudéssemos.***

***A tua  
possibilidade  
será a tua  
medida;  
quanto mais  
o amares,  
mais o  
terás".***

**Toda forma de ascese legítima conduz, efetivamente, a uma profunda vivência do primeiro e maior de todos os mandamentos, caso contrário não seria uma forma autêntica de espiritualidade, e o grau de perfeição com que ela o faz não depende somente, e muitas vezes depende apenas secundariamente, de sua maior ou menor correção examinada do ponto de vista especulativo. Além da própria soberana liberdade de que Deus se utiliza ao conceder-nos a sua graça, muitos outros fatores, psicológicos, culturais, circunstanciais e inclusive espirituais, não apenas do indivíduo como também do meio onde ele vive, podem estar envolvidos em cada caso individual. De onde que deve considerar-se bem aventurado o homem que tiver podido encontrar aberta para si qualquer via concreta pela qual ele pode deparar-se com uma possibilidade real de alcançar uma vivência profunda do mandamento da caridade, pois virá a possuir a Deus apenas pelo amor que efetivamente tiver vivido, independentemente do grau de perfeição especulativa do caminho que o tiver conduzido até aí.**





## **16. *Motivação para uma determinada forma de ascese.***

**Deve-se dizer também que o fato de que todas as formas legítimas de ascese conduzem a um mesmo fim não significa que a escolha entre elas possa ser reduzida a uma questão de simples preferência pessoal. Ao contrário, razões de caráter mais elevado, motivadas pela própria virtude da caridade, deveriam orientar a escolha. Todas as formas de ascese, efetivamente, possuem, por si mesmas ou pelo contexto em que se encontram inseridas, peculiaridades secundárias mas importantes que as fazem diferir entre si e que, conforme as circunstâncias, podem ser avaliadas de modo diverso por aqueles que são movidos, em suas decisões, pela caridade.**

**No caso que é o objeto de consideração particular destas notas, aquela forma de vida espiritual delineada principalmente por Hugo e Ricardo de São Vitor a que se chamou de escola vitorina, e que nos parece ser muito claro que tenha sido seguida também fora dela em seus traços essenciais por outros santos da Igreja como Santo Tomás de Aquino entre os dominicanos e Santo Antônio de Pádua entre os franciscanos, ela faz, dentre outras coisas, do estudo, orientado segundo uma determinada pedagogia, uma forma de ascese. Uma razão motivada pela caridade para abraçar esta forma de vida não seria a inclinação pessoal pelo estudo, mas a aptidão especial que tal forma de vida confere para a prática do mandamento que Cristo tão insistentemente recomendou a seus discípulos, a de que ensinassem tudo aquilo que Ele lhes havia ensinado. Do bem que isto pode resultar são exemplo tanto o próprio Hugo de São Vitor como Santo Tomás de Aquino, cuja influência benéfica na história da Igreja é impossível de ser avaliada nas curtas páginas destas notas e que, ao que tudo indica, está ainda muito longe de terminar.**





## **17. Três características da escola vitorina de espiritualidade.**

**Estas notas pretendem tecer alguns comentários a respeito do Opúsculo sobre o Modo de Aprender de Hugo de São Vitor, um texto que possui características marcantes da espiritualidade da escola de São Vitor. Por este motivo, para chegarmos ao texto mesmo do opúsculo, apontamos primeiramente algumas das escolas de espiritualidade da tradição cristã, explicamos no que elas consistem, no que diferem e o que possuem em comum, qual a razão de existirem e a possibilidade de muitas outras ainda virem a existir. Mostramos depois como a escola de São Vitor surgiu e se situa historicamente entre as diversas formas de ascese cristã.**

**Antes de abordarmos o próprio texto do Opúsculo sobre o Modo de Aprender, porém, na impossibilidade de delinear todo o conjunto da ascese que nos é descrita pelos vitorinos, queremos pelo menos chamar a atenção sobre três de suas características mais expressivas e que ela possui como que por excelência.**





## **18. Primeira característica.**

**A primeira das características da escola vitorina é um sentido singularmente perfeito de equilíbrio e atenção para com os diversos aspectos da psicologia humana envolvidos no esforço de ascese e, de modo muito especial, uma profunda reverência e sensibilidade pelo trabalho simultâneo a ser empreendido pelas faculdades da inteligência e vontade. A espiritualidade vitorina quer vencer simultaneamente tanto o desejo do mal como a ignorância do bem, busca a Deus tanto pelo amor como pela sabedoria, está perfeitamente consciente de que o amor não floresce senão no solo da fé, ao mesmo tempo em que vê claramente que é o amor que conduz a fé à sua plena vida.**





## **19. Segunda característica.**

A segunda característica da escola vitorina é o papel de singular importância que o estudo das Sagradas Escrituras desempenha no desenvolvimento da vida espiritual, papel que, quase como que num desenvolvimento natural da característica precedente, os vitorinos não apenas nos deram o exemplo pela vivência como também a explicação pela doutrina. Percebe-se claramente nos escritos dos vitorinos que estamos diante de pessoas que não apenas amavam as Escrituras, como também que se alimentavam delas num sentido impressionantemente semelhante às exortações que, desde o início do século 20, os Sumos Pontífices da Igreja Católica têm feito a todos os fiéis para que se alimentassem da Sagrada Eucaristia. Não conhecemos nenhum outro exemplo tão luminoso, em toda a história da Igreja, daquele princípio que o Concílio Vaticano II enunciou em sua constituição Dei Verbum sobre as Sagradas Escrituras:

***"A Igreja  
sempre  
venerou as  
divinas  
Escrituras da  
mesma forma  
como o  
próprio corpo  
do Senhor, já  
que,  
principalmente  
na Sagrada  
Liturgia, sem  
cessar toma  
tanto da  
palavra de  
Deus como  
do corpo de  
Cristo o pão  
da vida e o  
distribui aos  
fiéis".***

Const.  
Dei  
Verbum,  
21

**Os escritos dos vitorinos nos dão razões profundíssimas do motivo pelo qual isto é exatamente assim, um exemplo de como isto se torna realidade e nos mostram como isto, inserido dentro de um adequado contexto, conduz à vida de contemplação.**

**Sem a intenção de entrar neste que é inteiramente outro assunto, recolhemos algumas passagens, a título de ilustração, dos sermões de Hugo de São Vitor, em que ele se refere às Escrituras:**

**SERMO 4 :**

***"Devemos  
buscar  
nosso  
alimento",***

**diz Hugo de São Vitor,**

***"pelo  
estudo  
das  
Escrituras.  
Os maus  
não  
apetecem  
este  
alimento,  
conforme  
está  
escrito:***

***`Sua alma  
aborrecia  
todo  
alimento,  
e  
chegaram  
às portas  
da morte'.***

**Salmo  
106,  
18**

***Ele,  
porém, é  
dado  
aos  
bons,  
conforme  
está  
escrito:***

***`Enviou  
a sua  
palavra  
para  
curá-los,  
para  
livrá-los  
da  
ruína'.***

**Salmo  
106,  
20**

**SERMO 5 :**



**"Devemos  
preparar  
nosso  
alimento  
pelo mais  
frequente  
e  
diligente  
estudo e  
meditação  
das  
Sagradas  
Escrituras.  
Por meio  
deste  
alimento  
a alma se  
robustece,  
por ele  
engorda,  
por ele  
adquire  
força para  
a boa  
obra, e  
por ele é  
conduzido  
sem  
defeito à  
perfeição".**

**SERMO 11 :**

**"Nossa  
dieta são  
as  
Sagradas  
Escrituras,  
que é  
servida  
para nós  
de modos  
diversos,  
na medida  
em que nos  
é ensinada  
conforme a  
diversa  
capacidade  
dos  
ouvintes.  
Ora ela é  
servida aos  
ouvintes e  
aos leitores  
pela  
história,  
ora pela  
alegoria,  
ora pela  
moralidade,  
ora pela  
anagogia;  
ora pela  
autoridade  
do Velho  
Testamento,  
ora pela  
autoridade  
do Novo;  
ora  
envolvida  
no véu do  
mistério,  
ora em sua  
forma pura,**

***límpida e  
aberta".***

**SERMO 21 :**

***"A boca é  
o símbolo  
da  
inteligência.  
Assim  
como  
recebemos  
o alimento  
pela boca,  
assim  
também é  
pela  
virtude da  
inteligência  
que  
recebemos  
o alimento  
da divina  
leitura. Os  
dentes  
significam  
a  
meditação,  
pois assim  
como  
pelos  
dentes  
trituramos  
o alimento  
que  
recebemos,  
assim  
também  
pelo ofício  
da  
meditação***

***discutimos  
e dividimos  
mais  
sutilmente  
o pão  
recebido  
pelo  
estudo das  
Escrituras".***

**SERMO 85 :**

***"Vejamos  
agora, irmãos  
caríssimos, se  
somos  
verdadeiramente  
da linhagem de  
nosso bem  
aventurado Pai  
Santo  
Agostinho, isto  
é, se somos  
seus imitadores  
tal como o  
devemos ser.  
Vejamos se,  
contemplando o  
seu exemplo,  
amamos a  
palavra de  
Deus,  
estudando-a,  
meditando-a,  
escrevendo  
sobre ela,  
ensinando-a  
conforme a  
graça que nos  
foi concedida;  
se imitamos,***

***enfim, seu  
exemplo,  
vivendo com  
todas as  
nossas forças  
sua  
honestíssima  
religião".***

**SERMO 95 :**

***"O Senhor  
disse,  
falando a  
Moisés  
sobre a  
mesa da  
proposição  
que este  
deveria  
fazer:***

***`Farás  
também uma  
mesa de pau  
de cetim,  
que tenha  
dois  
côvados de  
comprimento,  
um côvado  
de largura e  
um côvado e  
meio de  
altura. E  
cobri-la-ás  
de ouro  
puríssimo, e  
far-lhe-ás um  
lábio de ouro  
em roda... ..***

**e porás  
sempre  
sobre a  
mesa os  
pães da  
proposição  
na minha  
presença'.**

**Êxodo  
25,  
23/24/30**

**O que é esta  
mesa,  
caríssimos,  
senão a  
Sagrada  
Escritura? Pois  
todas as vezes  
em que ela nos  
exorta a bem  
viver, tantas  
são as vezes  
em que ela nos  
oferece o pão  
da vida. Lemos  
que esta mesa é  
feita de pau de  
cetim, pois a  
verdade da  
Sagrada  
Escritura não se  
corrompe pelo  
envelhecimento.  
À semelhança  
da mesa da  
proposição, a  
Escritura  
também possui**

**dois côvados  
de  
comprimento,  
pois nos ensina  
as duas partes  
da fé, aquela  
pela qual  
cremos no  
Criador e  
aquela pela qual  
cremos no  
Redentor.  
Possui um  
côvado e meio  
de altura  
quando nos  
ensina qual é a  
altura da  
esperança e o  
início da  
contemplação.  
Possui um  
côvado de  
largura quando  
nos ensina qual  
é a largura da  
caridade. Esta  
mesa espiritual  
é inteiramente  
coberta de ouro  
puríssimo, pois  
refulge em toda  
a sua extensão  
não apenas  
pelos milagres,  
como  
principalmente  
pela caridade  
da sabedoria  
celeste. O lábio  
de ouro em sua  
roda são os  
ensinamentos**

**dos santos  
doutores, não  
apenas porque  
a circundaram  
em toda a sua  
extensão sem  
nada haverem  
deixado que  
não tivessem  
observado,  
como também  
porque se  
apoiaram em  
todos os seus  
ângulos para  
mostrarem aos  
maus a sua  
malícia e aos  
bons ensinarem  
o melhor. Os  
pães da  
proposição são  
as palavras da  
sabedoria  
celeste,  
corretamente  
chamados de  
pães da  
proposição,  
porque a  
doutrina da  
salvação deve  
ser proposta  
sempre a todos  
os fiéis e nunca  
deve faltar na  
Igreja a palavra  
de auxílio, que  
o Senhor quis  
que abundasse  
incessantemente  
até o fim dos  
tempos para**



***todos aqueles  
que tem fome e  
sede de justiça  
e que se  
manifestasse ao  
mundo através  
dos pregadores  
da verdade que  
vivem em sua  
presença".***

**Deve-se acrescentar a estas citações a observação segundo a qual esta mesma coleção dos 100 Sermões de Hugo de São Vitor, organizada por ele mesmo, embora contenha inúmeras exortações à prática das virtudes, conforme seu autor no-lo indica no prólogo e o torna patente ao longo da sua obra, não foi escrita, entretanto, tendo como seu principal objetivo a exortação à virtude, mas sim o de propor aos seus ouvintes algo pelo qual pudesse exercitar-lhes o entendimento sobre o modo pelo qual o homem pode aproximar-se das Escrituras para utilizá-las em favor de seu crescimento espiritual.**





## **20. Terceira característica.**

**Uma terceira característica da espiritualidade vitorina está no papel que a escola e o estudo desempenham na ascese cristã. Hugo de São Vitor foi provavelmente, entre os grandes teólogos da tradição cristã, aquele que mais profundamente se preocupou com o problema pedagógico. Pode-se dizer que ele desenvolveu os princípios de uma pedagogia em que o estudante é como que naturalmente conduzido a uma busca consciente e eficaz da santidade e em que o estudo, conduzido segundo certos critérios ao mesmo tempo amplos e claros, não existe apenas para desenvolver determinadas habilidades, fornecer conhecimentos gerais ou mesmo o conhecimento da ascese cristã, mas ele próprio se torna um dos instrumentos desta ascese. Fora dos vitorinos houve na Igreja muitos santos que por um carisma pessoal seguiram em suas vidas estes mesmos princípios; entre eles são muito nítidos os exemplos que nos foram deixados neste sentido por Santo Tomás de Aquino e Santo Antônio de Pádua. Os vitorinos, porém, foram aqueles que procuraram, ademais disso, investigar explicitamente os próprios princípios pelos quais isto se torna possível, para assim não apenas darem o exemplo como também ensinarem como se fazia. Já tivemos a oportunidade de comentar que todo este esforço dispendido por estes que assim procederam não se deveu a um capricho pessoal ou a uma paixão desenfreada pelo estudo; tratavam-se, ao contrário, de homens santos motivados para tanto pelo desejo de serem fiéis ao mandamento de ensinar que nos foi deixado por Cristo, e que Ele mesmo no-lo pediu como prova de amor.**





## **21. Uma dificuldade a respeito do título do Opúsculo sobre o Modo de Aprender.**

**Não se conhece a história do Opúsculo sobre o Modo de Aprender, sobre como foi escrito ou como foi utilizado. Ele simplesmente nos foi transmitido como constando entre as obras de Hugo de São Vitor.**

**Seu nome, conforme impresso na Patrologia Latina de Migne, é "De Modo Dicendi et Meditandi", o que significa: "Sobre o Modo de Dizer e de Meditar". Entretanto, considerando o seu conteúdo, e considerando que na língua latina entre as palavras que traduzem os verbos dizer e aprender existe apenas a diferença de um "s", cremos que provavelmente em algum momento esta pequena letra foi suprimida por engano, não necessariamente por parte dos editores da Patrologia, mas talvez até mesmo por algum dos primeiros copistas medievais, e que o verdadeiro nome do opúsculo seja "De Modo Discendi", ou "Sobre o Modo de Aprender".**

**Seja como for, é o título "Sobre o Modo de Aprender" aquele que nos apresenta de modo mais fiel o conteúdo deste opúsculo. O pequeno trabalho se inicia com uma declaração sobre qual é o "princípio do aprendizado", para logo em seguida versar em sua quase totalidade sobre o estudo e o aprendizado.**

**No final do trabalho o autor anuncia que irá tratar do tema da eloquência e das obrigações que a acompanham. Estes últimos parágrafos poderiam justificar, aparentemente, o título tal como se encontra impresso na Patrologia. Observada mais atentamente, porém, esta décima segunda e última subdivisão do opúsculo trata na realidade daqueles que desejam "conhecer e ensinar", e daqueles que desejam "ensinar o bem". Seu verdadeiro tema é, portanto, o ensino, o outro lado do aprendizado. Este tema parece aí ter entrado disfarçado sob as aparências da eloquência porque na antigüidade a eloquência era uma qualidade tida por todos em elevadíssimo apreço, e mesmo por muitos quase que compulsivamente procurada como uma obrigação e como um bem que tivesse valor por si mesmo. Hugo de São Vitor, como sábio professor, reconhecia a presença desta visão distorcida em muitos dos alunos que se**

**Ihe apresentavam e assim quis, no final deste opúsculo, inserir o bem da eloqüência no contexto da atividade de ensinar, mostrando que sem isto ela se torna algo destituído de valor. Na realidade, todo o valor perene de qualquer ensino está quase que inteiramente concentrado no seu conteúdo de verdade, e só muito secundariamente na sua eloqüência.**





## **22. Natureza do Opúsculo sobre o Modo de Aprender.**

**A maioria dos doze subtítulos em que se subdivide o Opúsculo sobre o Modo de Aprender são passagens que se encontram também em outras obras mais extensas de Hugo de São Vitor. Merece uma menção especial o fato de que um número considerável das mais importantes se encontram no Comentário ao Eclesiastes. Embora não se saiba nada a respeito da história deste opúsculo, a julgar pelas características da psicologia do ensino ministrado por Hugo de S. Vitor, parece-nos ser mais provável que tenha sido ele próprio que, depois de haver escrito as outras obras em que também se encontram estas passagens, as tenha compilado reunindo-as neste opúsculo para que servissem aos estudantes da escola de São Vitor como pontos de referência que não conviria serem perdidos de vista.**





### **23. O princípio e o fim do aprendizado.**

**Será importante chamar a atenção de um modo especial para o fato de que, analisado sob a perspectiva de uma compilação de pontos de referência organizados pelo próprio Hugo, o Opúsculo sobre o Modo de Aprender é particularmente claro ao apontar quais sejam tanto o princípio como o fim do caminho do aprendizado.**

**A finalidade do aprendizado, aquilo em função do qual tudo se coordena e para o qual tudo se dirige, é a contemplação, apresentada como uma operação da inteligência, posterior a outras mais elementares, que se estende simultaneamente a uma multidão ou mesmo à totalidade de todas as coisas.**

**Devemos notar aqui a diferença desta explicação do que seja a contemplação em relação a outras que anteriormente já tivemos a oportunidade de comentar. Já havíamos exposto a contemplação como sendo aquilo a que se referia a expressão de Cristo ao ensinar que Deus deve ser "adorado em espírito e verdade"; já apresentamos a contemplação também como sendo um exercício intenso e simultâneo das virtudes da fé, esperança e caridade. Agora, porém, Hugo de São Vitor diz que a contemplação é uma operação da inteligência que,**

***"já  
possuindo  
todas as  
coisas,  
as abarca  
em uma  
visão  
plenamente  
manifesta".***

**A aparente diferença destas definições se deve ao fato de que elas são aspectos diversos da imensa riqueza de uma mesma realidade.**

O princípio do aprendizado, por outro lado, aquilo sem o qual nada pode ser empreendido com esperança fundada de se poder chegar ao seu termo que é a contemplação, diz Hugo de São Vitor, é a humildade. A primeira afirmação do Opúsculo sobre o Modo de Aprender, de fato é que

***"a humildade  
é o princípio  
do  
aprendizado".***

Esta afirmação tem uma relação evidente com outra do mesmo autor, contida em outro opúsculo intitulado "Os Frutos da Carne e do Espírito".

O opúsculo sobre "Os Frutos da Carne e do Espírito" vem acompanhado de dois desenhos que ilustram e resumem perfeitamente bem todo o seu conteúdo. Estes dois desenhos representam duas árvores, às quais Hugo denomina de a árvore dos vícios e a árvore das virtudes. Na primeira árvore, a dos vícios, vemos uma raíz na qual se encontra escrito:

***"Orgulho,  
raíz dos  
vícios".***

Subindo pelo tronco, encontram-se ramos maiores e menores, com os seus respectivos frutos, que representam os diversos vícios que surgem todos da raíz do orgulho, e, por último, na copa da árvore toda, o fruto final da luxúria.

Na segunda árvore, a das virtudes, vemos também uma raíz na qual encontra-se escrito:

***"Humildade,  
raíz das  
virtudes".***

**Subindo pelo tronco, encontram-se também ramos maiores e menores, com seus respectivos frutos, que representam as diversas virtudes que surgem todas da raiz da humildade, e, por último, na copa da árvore toda, o fruto final da caridade.**

**O objetivo do Opúsculo sobre os Frutos da Carne e do Espírito é, de fato, mostrar claramente ao leitor o princípio de que a "humildade é a raiz de todas as virtudes", um objetivo que, no prólogo deste texto, Hugo de São Vitor diz que é também o das Sagradas Escrituras:**

***"Todos  
os  
discursos  
da Divina  
Página",***

**diz Hugo,**

***"pretendem  
persuadir o  
homem do  
bem da  
humildade e  
afastá-lo o  
mais  
atentamente  
possível do  
mal do  
orgulho.***

***O principal  
motivo para  
isto é que a  
humildade é  
o princípio  
da salvação  
e da vida, e o  
orgulho é o  
princípio da  
ruína.***



**Queremos,  
pois, mostrar  
ao homem  
que se  
dedica ao  
cultivo das  
virtudes o  
fruto e a  
eficácia (não  
só) da  
humildade  
(como  
também) do  
orgulho,  
para que ele  
possa tê-los  
diante dos  
olhos sob  
uma forma  
visível. O  
imitador de  
ambas estas  
coisas  
poderá  
assim  
conhecer,  
pela  
qualidade  
dos seus  
frutos, que  
recompensa  
alcançará  
pela prática  
delas.**

**Consideradas  
as raízes, os  
ramos e os  
frutos,  
cabará a ti  
escolher  
aquilo que**

*quiseres".*

Deve-se notar, entretanto, que no Opúsculo sobre o Modo de Aprender Hugo não diz que a humildade é o princípio de todas as virtudes, mas o princípio de todo o aprendizado. De ambas estas afirmações pode-se concluir a estreita relação que existe entre o aprendizado, no sentido em que o entende Hugo de São Vitor, e a vida das virtudes, pois de ambas estas coisas ele, em momentos diferentes, afirma que surgem e se desenvolvem a partir de uma mesma raiz comum. Uma multidão de passagens de toda a obra de Hugo de São Vitor nos mostram que ele efetivamente sempre ensinou existir uma estreita relação entre ambas estas realidades. Comentando, por exemplo, a luta de Jacó com um anjo, descrita em Gênesis 32, episódio em que o anjo trocou-lhe o nome para Israel, Hugo de São Vitor escreve:

*"São Israel  
todos  
aqueles que  
vêem a Deus,  
com a  
condição de  
que o vejam  
com ambos  
os olhos, isto  
é, com os  
olhos do  
conhecimento  
e do amor.  
Se queres,  
portanto, ser  
guardado por  
Deus,  
contempla-o  
com ambos  
estes olhos,  
os olhos do  
conhecimento  
e do amor,  
da fé e da  
obra, da*

**razão e da  
boa vontade,  
da ciência e  
da sabedoria,  
do  
julgamento e  
da justiça, da  
inteligência e  
do afeto.**

**Aquelas  
primeiras  
coisas que  
mencionamos  
dizem  
respeito ao  
que em nós é  
a verdade,  
estas  
segundas ao  
que em nós é  
a bondade;  
com aquelas  
somos luz,  
com estas  
somos calor.  
São também  
a estes dois  
olhos que os  
salmos se  
referem  
quando nos  
dizem:**

**`O Senhor se  
inclinou do  
céu sobre os  
filhos dos  
homens,  
para ver se  
havia alguém  
que tivesse  
entendimento  
e que**

***buscasse a  
Deus' (Salmo  
13,2)."***

Sermo  
48,  
PL  
177

**Deste modo, numa obra em que, ao que tudo indica, foi escrita para compilar pontos de referência fundamentais que não deveriam ser perdidos de vista pelos estudantes, a precisa determinação do primeiro princípio e da finalidade última de todo o trabalho pedagógico não poderia estar ausente. A humildade é claramente apontada por Hugo de São Vitor como sendo simultaneamente o princípio tanto do aprendizado como de todas as virtudes, as duas vertentes da vida espiritual pela qual o homem, pela verdade e pela bondade, pelo conhecimento e pelo amor, se dirige para o seu fim último que é a contemplação.**





## **24. Relação entre fé e humildade.**

A noção segundo a qual a humildade é o primeiro princípio não só do aprendizado, mas também de toda a vida espiritual da qual o aprendizado é um aspecto, não é própria de Hugo de São Vitor, mas comum a toda a tradição cristã e particularmente muito clara em Santo Agostinho, de onde provavelmente Hugo de São Vitor a recebeu em toda a sua luz.

No entanto, há muitas afirmações igualmente claras tanto nas Escrituras como na tradição cristã de que é a fé, e com isto aparentemente não a humildade, o primeiro princípio da vida espiritual. Assim é que na Epístola aos Hebreus encontra-se escrito que

***"Sem fé é  
impossível  
agradar a  
Deus,  
porque é  
necessário  
que o que  
se aproxima  
de Deus  
creia que  
Ele existe e  
que é  
remunerador  
daqueles  
que o  
buscam",***

**Heb.  
11,  
6**

**colocando-se com isto, como é de fato, que a fé é o primeiro dos requisitos da vida espiritual. Nos Evangelhos Cristo repete**

constantemente àqueles aos quais concede um milagre que havia sido "a sua fé que os salvou", e ao longo das suas epístolas São Paulo repete incessantemente que é pela fé que o homem se justifica; ora, a justificação é o próprio início da vida espiritual. Ademais, sem a graça não se pode falar da vida espiritual, e é um dado que já foi várias vezes comentado entre nós que a fé é o primeiro dos efeitos que se manifestam na alma humana pelo trabalho da graça, num sentido análogo àquele em que diz o Gênesis, ao narrar a criação do mundo, que logo após Deus ter criado o céu e a terra, seu espírito pairou sobre a mesma; disse então Deus:

*"Exista  
a luz",*

e a "luz existiu" (Gen. 1,3).

E se tudo isto é realmente assim, deve-se então dizer que é a fé, e não a humildade, que é o primeiro princípio da vida espiritual. Como explicar, pois, diante disto, que Hugo de São Vitor, fazendo eco de Santo Agostinho e do conjunto da tradição cristã, diga que este princípio é a humildade?

Deve-se responder a isto dizendo que, ontologicamente falando, é efetivamente a fé, e não a humildade, o primeiro princípio da vida espiritual, porque a vida espiritual não se inicia sem o trabalho da graça e a primeira e mais elementar de todas as manifestações da atividade da graça no homem é aquilo a que chamamos de fé, e não a humildade. A humildade não necessariamente requer a atividade da graça para poder existir no homem, embora na prática seja muito auxiliada por ela e dificilmente encontra-se num grau elevado sem a sua presença. Mas em princípio o homem pode possuí-la apenas por sua própria natureza, apenas por ser homem, ao contrário da fé, a qual não pode se dar sem o auxílio sobrenatural da graça. A vida sobrenatural no homem principia, portanto, necessariamente pela fé e não pela humildade.

No entanto, a Sagrada Escritura ensina também constantemente que Deus se aproxima dos humildes e se afasta dos orgulhosos. Não se aproxima, neste sentido, fisicamente, pois Deus já está

em toda a parte, por ter a tudo criado do nada e a tudo continuamente conservar em sua existência. Deus aproxima-se, porém, pela graça, com o que concede aos homens participarem de sua própria vida divina, graça cuja primeira manifestação é a luz da vida da fé. A humildade é assim, neste sentido, não o próprio início da vida espiritual, mas uma predisposição para recebê-la.

É neste sentido que no início do Opúsculo sobre os Frutos da Carne e do Espírito Hugo de São Vitor sequer chama a humildade de virtude, embora de fato seja uma virtude, mas apenas de o fundamento delas, enquanto que é à fé que ele chama de a primeira de todas as virtudes, embora efetivamente a fé seja a primeira das virtudes apenas se estas forem tomadas no plano propriamente sobrenatural:

**"A  
humildade  
é o  
fundamento  
de todas  
as  
virtudes",**

**diz Hugo de São Vitor,**

**"porque,  
conforme  
diz o  
Evangelho  
de São  
Lucas,**

**`Todo o  
que se  
humilha  
será  
exaltado',  
e**

**Lucas**

**14**

**`aos  
pobres  
de  
espírito  
se  
abrirá  
o  
Reino  
dos  
Céus".**

**Mateus**

**5**

**"A fé", continua Hugo de S. Vitor,**

**"a  
primeira  
das  
virtudes,  
se  
aproxima  
da  
humildade,  
porque,  
conforme  
diz a  
Epístola  
aos  
Hebreus,**

**`Sem fé é  
impossível  
agradar a  
Deus',**



***e também***

***`o justo  
vive da  
fé'.***

**Hebreus**

**11**





## **25. Importância prática dos princípios expostos.**

**Convém que agora se chame a atenção para a importância prática de que se revestem os princípios até aqui enunciados. Hugo de São Vitor quer conduzir o estudante ao aprendizado. Não se trata de qualquer forma de aprendizado, mas do aprendizado daquelas pessoas que buscam a Deus. Não se pode, porém, buscar a Deus senão pela graça, da qual a fé é a sua primeira manifestação. A fé e a graça, porém, se aproximam dos humildes, de onde que, para aqueles que possuem esta virtude, abre-se com uma certa conaturalidade o caminho daquele aprendizado que, segundo a expressão de Santo Tomás de Aquino, conduz, em sua plenitude,**

**"à  
profundidade  
dos  
mistérios da  
fé  
e a  
perfeição da  
vida cristã".**

**Summa  
Theologiae  
III<sup>a</sup> Pars  
Q.71 a.4  
ad3**

**É difícil para as pessoas hoje conceberem uma escola organizada de tal maneira que tivesse que depender, pela própria essência do modo como tivesse sido organizada, da virtude da humildade como o primeiro e o mais fundamental de seus requisitos. A humildade não é o exame mais importante em nenhum concurso vestibular; nem é um exame importante; nem sequer é algo a ser examinado, nem haveria motivos para ser examinada, nem se concebe a própria possibilidade de um tal pensamento. Não se fala disto nas escolas, e, se se falasse, não**

**poderia passar de retórica destituída de importância prática mais significativa.**

**Nós, no entanto, que estamos participando destas aulas, não estamos aqui em busca de uma alternativa de lazer, nem para adquirir cultura geral sobre religião, ou para estudar apenas por estudar. Estamos aqui, é de se presumir, para iniciarmos seriamente nossa busca de Deus. Ainda que esta busca se revista sob a forma de um aprendizado, ela não se realiza sem a graça e a graça não se aproxima senão dos humildes. Será necessário, pois, entender o que é a humildade, verificar se a possuímos e fazer o que for preciso para possuí-la, ou muito brevemente alcançaremos um patamar em que pararemos de entender o que a mensagem do Evangelho nos quer ensinar.**





## **26. Natureza da humildade.**

Há muitas opiniões distorcidas na comum opinião dos homens sobre o que seja a humildade, as quais dificultam uma apreciação de sua verdadeira natureza. Para alguns a humildade seria uma forma mórbida de auto desprezo, para outros uma ingenuidade incapaz de reconhecer a maldade alheia, para outros ainda a submissão irracional a qualquer forma de violência, física ou psicológica, externamente imposta. Ao contrário destas e de muitas outras colocações, deve-se dizer que a humildade significa a consciência que o homem possui de ser apenas um ser humano ou uma criatura humana e de, conseqüentemente, não ser um deus ou um ser dotado de atributos divinos; significa também a consciência das implicações contidas nestas afirmações e a capacidade de agir coerentemente com elas. As pessoas que, em graus maiores e menores, não possuem a virtude da humildade são aquelas que, em seu agir, quer elas o entendam ou não, quer o admitam ou não, procedem de tal forma que suas atitudes só poderiam ser explicadas coerentemente na hipótese de que elas tivessem admitido como pressuposto de seu agir que elas não são homens, mas deuses, ou criaturas dotadas de atributos divinos ou, pelo menos, seres dotados de uma natureza mais do que humana. A conduta do homem orgulhoso é, assim, sob qualquer ponto de vista, uma conduta absurda. Para ser coerente com o seu procedimento, o homem orgulhoso teria que admitir com sinceridade um pressuposto absurdo; se se recusar a fazê-lo, então sua própria conduta, considerada em si mesma, torna-se absurda porque incoerente.





## **27. Observação sobre a incoerência do agir humano.**

**Esta explicação pode parecer, à primeira vista, inacreditável. Pois a maioria dos homens, segundo comumente se pensa, é orgulhosa. Parece porém muito difícil admitir-se que, se de fato estas sejam a natureza da humildade e do orgulho, a maioria dos homens se comporte de uma maneira tão irracional. Devemos porém dizer que a incoerência é muito mais comum entre os homens do que estes estão dispostos a admitir em um primeiro exame. A maioria dos homens age, não apenas no que diz respeito à humildade, de uma forma a que só se poderia atribuir uma explicação lógica admitindo-se a existência de pressupostos absurdos ou contraditórios. Uma conduta espontaneamente baseada em uma perfeita coerência é algo somente próprio dos santos e algo profundamente desconcertante para a maioria dos homens que tem a oportunidade de se aproximarem pessoalmente deles.**





## **28. Os sinais pelos quais se manifesta a humildade.**

A explicação apresentada do que seja a humildade é concordante com uma definição finamente precisa dada por Hugo de São Vitor no Opúsculo sobre os Frutos da Carne e do Espírito. Segundo ele a humildade é

***"Uma  
disposição  
voluntária  
da mente  
proveniente  
da intuição  
de sua  
condição  
de criatura  
e da  
condição  
do  
Criador".***

***"Humilitas  
est  
ex intuito  
propriae  
conditionis,  
vel  
Conditoris,  
voluntaria  
mentis  
inclinatio".***

Esta disposição da mente, conseqüente da consciência de ser apenas uma criatura e não um deus, manifesta-se no homem principalmente através de três sinais. Estes sinais podem servir-nos como auxílio para exemplificar mais claramente o que significa a virtude da humildade, na medida em que uma causa pode ser conhecida pelos seus efeitos. Eles podem servir-nos

**também para que, por meio deles, possamos avaliar o quanto possuímos efetivamente desta virtude. Os três sinais principais pelos quais se manifesta a humildade no homem são os seguintes:**

**Uma  
reverência  
espontânea  
para com  
aquilo que é  
por natureza  
ou por  
referência  
superior ao  
homem, como  
o são Deus,  
as coisas  
sagradas ou  
mesmo a lei  
moral natural.**

**Um respeito  
incondicional  
por qualquer  
ser humano.**

**Um desejo  
profundo e  
constante de  
aprender,  
principalmente  
as coisas  
mais  
elevadas.**

**Todas estas manifestações são sinais de humildade por serem uma conseqüência imediata da consciência de nossa condição de criatura e da condição do Criador.**

**Aqueles que tem consciência de serem apenas uma criatura devem necessariamente com isto reconhecerem que eles não**

**são os entes mais importantes do Universo, e que é ilegítima a pretensão de qualquer homem que quisesse governar segundo o seu capricho os demais homens e até toda a ordem cósmica, se isto lhes fosse possível. Apesar de fantástica, esta é uma pretensão muito comum nos homens orgulhosos, e se eles não a exercem ou não pensam nela diretamente nestes termos é apenas por uma questão de impossibilidade física ou social, e não porque não se julgam no direito de desempenharem tal papel, que de fato o exercem o tanto quanto lhes é concedido fazê-lo em suas famílias, em seu trabalho, nos meios, enfim, em que vivem. O homem humilde, porém, reconhece que o seu capricho não pode ser a lei pela qual deve ordenar-se o Universo à sua volta; daí a facilidade com que eles reconhecem a existência de uma lei moral natural que lhes é superior, e a reverência que tem por Deus, que associam espontaneamente com a fonte de onde surge a ordem cósmica e moral, e pelas coisas que se apresentam diante deles como sagradas, por terem percebido nelas alguma associação com o divino.**

**O respeito incondicional por todos os seres humanos é uma exigência da humildade porque aqueles que têm a consciência de serem apenas uma criatura humana e não um deus são levados a reconhecer que a dignidade humana que eles possuem é essencialmente a mesma que a presente em todos os demais homens independentemente de quaisquer condições circunstanciais. O homem rico que não trata o homem pobre com o mesmo respeito com que trataria outro homem rico deverá admitir, se quiser explicar de uma forma coerente o seu comportamento, que está agindo como se estivesse pressupondo considerar-se uma criatura superior, ou um deus, por ser rico; o homem erudito que não trata o analfabeto com o mesmo respeito com que trataria outro erudito está também agindo como se tivesse admitido o pressuposto de possuir atributos divinos, que o tornam superior à comum natureza humana, por se tratar de um erudito. O homem honesto que nutre vingança ou mesmo sentimentos de desrespeito pelo criminoso está se colocando em um plano superior ao da natureza que o homem criminoso também possui; ele não se julga apenas no dever de fazer cumprir a justiça tendo em vista ao bem comum da sociedade, mas também no direito de desprezar um ser que possui a mesma natureza que ele; só poderia fazer isto coerentemente se admitisse agir tendo como pressuposto ter-se atribuído uma natureza superior à do**



**criminoso, a qual, todavia, objetivamente falando, é essencialmente a mesma natureza humana para ambas estas pessoas. O homem que desrespeita aquele que o desrespeitou primeiro está agindo como quem é tomado de uma indignada surpresa por ter sido ultrajado em sua natureza superior que ele cultua como a nenhuma outra, como se nele houvesse algo de essencialmente superior a toda a natureza humana; ele se julga no direito indiscutível de desprezar outra natureza humana de um modo como se tratam as coisas dotadas de uma dignidade inferior; age, portanto, tal como agiria se tivesse explicitamente admitido o pressuposto de ser superior à natureza humana que ele não pode objetivamente negar ao seu adversário. Em todos estes exemplos o homem orgulhoso está agindo de um modo que só poderia ter alguma explicação lógica na hipótese dele estar admitindo ser dotado de atributos divinos, se é que um deus nestas circunstâncias escolheria agir desta forma. O homem humilde, porém, diante de uma ofensa ou de uma injustiça não nega a realidade da ofensa ou da injustiça, se ela de fato existe; não se crê no direito, entretanto, de desrespeitar o agressor como se o faria com um ser inferior, nem sequer no íntimo de sua alma. Limita-se, se necessário, a tomar as providências tecnicamente cabíveis para que os seus direitos não sejam lesados, sem colocar-se, porém, em uma situação de superior desprezo diante do autor da ofensa. No caso de ser um pai, um educador ou alguém legitimamente atribuído de um ofício que exija como um dever que em certas circunstâncias, para o bem do outro, e não para colocar-se em um pedestal, seja utilizada alguma repreensão mais forte, o fará apenas por motivos técnicos e não por sentir-se desrespeitado, e o fará num contexto em que poderá notar-se bem a racionalidade e a ponderação da repreensão empregada em vista do objetivo de promover o bem do repreendido, uma autêntica ausência do desejo de ofender ou desprezar o outro e uma verdadeira motivação de fazer o bem. O homem humilde não desrespeita sua esposa, seu pai ou sua mãe, seu empregado, seu patrão, seu irmão, ou qualquer outro ser humano, mesmo se desrespeitado de fato ou presumidamente por eles. Limita-se, se necessário, a explicar suas razões ou a providenciar a garantia de seus direitos por canais racionais, sem atribuir-se o direito de poder ofender ou agredir alguém a ser tratado como inferior por ter sido por ele ofendido. O homem humilde, enfim, consciente da dignidade humana que tanto ele como os demais homens compartilham, respeita-a incondicional e integralmente**

**segundo o mandamento de Cristo que diz:**

**"Ouvistes o  
que foi dito  
aos antigos:**

**`Não  
matarás',**

**pois quem  
matar  
responderá  
em juízo.**

**Eu, porém,  
vos digo  
que quem  
se irar  
contra seu  
irmão será  
levado a  
juízo; quem  
lhe disser:**

**`Estúpido',**

**será levado  
à barra do  
tribunal; e  
quem lhe  
disser:**

**`Desgraçado'**

**será réu do  
fogo do  
inferno.**

**Se  
estiveres,  
pois, para  
apresentar a**

***tua oferta ao  
pé do altar e  
ali te  
recordares  
de que teu  
irmão tem  
qualquer  
coisa contra  
ti, deixa a  
tua oferta  
diante do  
altar e vai  
primeiro  
reconciliar-  
te com teu  
irmão;  
voltarás,  
então, para  
apresentares  
a tua  
oferta".***

**Mat .  
5,  
21 -  
24**

**O respeito incondicional ao semelhante, proveniente da consciência que o homem tem de ser portador apenas da dignidade humana que qualquer outro homem incondicionalmente também possui, é, assim, o segundo sinal pelo qual se manifesta a humildade.**

**O desejo de aprender provém, no homem humilde, da consciência de que, como criatura, não só não possui a onisciência divina, como também não possui a perfeição da bondade divina. Em princípio deveria ser muito claro para todos que ninguém é portador da onisciência divina. Todos os homens, de fato, sabem que ignoram praticamente a totalidade de tudo aquilo que pode ser conhecido. O problema surge**

quando, na prática, a maioria dos homens age como se o que eles desconhecem fossem apenas os detalhes do conjunto da realidade cognoscível, tendo porém uma perfeita ciência da ordenação essencial do Universo e do homem dentro dela. Embora estas pessoas admitam desconhecer os detalhes, e admitam inclusive desconhecer a maior parte dos detalhes, agem, porém, como se a sua mente fosse um perfeito espelho do que há de essencial na ordem cósmica, nada necessitando aprender ou ser-lhe acrescentado a este entendimento. Nada, pelo menos, que fosse verdadeiramente capaz de produzir alguma diferença essencial. Neste sentido, possuem a onisciência divina no que ela tem de mais importante; Deus os supera apenas no conhecimento enciclopédico dos detalhes da criação, não porém no conhecimento das linhas mestras do seu plano criador. É evidente, porém, que quem pensa ou age com a coerência de quem estivesse partindo de pressupostos de tal natureza terá muito pouco interesse em aprender. Sua motivação para aprender será apenas circunstancial; ela dirá respeito apenas a alguns detalhes eventuais, dos quais ele admite não ter a obrigação de conhecê-los a todos. Ele procurará aprender estes detalhes que reconhece ignorar quando o conhecimento dos mesmos, pelas contingências da vida, se tornar necessário para o êxito de seus empreendimentos pessoais. Costuma ocorrer também que um homem como este julgue ser alguém essencialmente honesto e justo, não necessitando de progredir na vida das virtudes, a não ser, talvez, em um ou outro pequeno detalhe, já que ninguém pode ser inteiramente perfeito. Deste modo, vemos tratar-se de alguém que se julga suficientemente rico de conhecimento e de virtude e que, se ouve falar da graça, fonte tanto da virtude como da verdadeira sabedoria, não saberia dizer no que ela poderia vir a ser-lhe verdadeiramente útil. Julgando-se assim tão bem dotado em bens da alma, não pode evidentemente possuir grandes motivações para buscar qualquer aprendizado mais profundo. Às vezes, mas não necessariamente, sua verdadeira motivação vital é a busca da riqueza material, de que pode considerar-se injustamente pobre e carente. O homem humilde, ao contrário, tendo consciência de suas verdadeiras condições, reconhece ser um indigente de graça, virtude e conhecimento e busca, por uma necessidade intrínseca e constante, estes bens com avidez e interesse. O homem humilde, por este motivo, busca avidamente aprender quer se lhe ofereça ou não a oportunidade de fazê-lo; a consciência de

**sua indigência é tão clara que se o conhecimento não se lhe apresenta ele irá buscá-lo onde quer que seja possível encontrá-lo. Ele não depende da escola ou do professor para aprender, mas para facilitar o seu trabalho, que ele irá empreendê-lo de qualquer modo. Estas são, efetivamente, as características que Santo Atanásio descreve na biografia de Santo Antão, ao narrar seu procedimento logo após a sua conversão:**

***"Ele  
soube",***

**diz Atanásio escrevendo sobre Santo Antão,**

***"ainda  
quando  
jovem, que  
havia na  
aldeia um  
ancião que  
desde a sua  
juventude  
levava na  
solidão uma  
vida de  
oração.***

***Quando  
Antão o viu,  
'teve zelo do  
bem', e se  
estabeleceu  
imediatamente  
na vizinhança  
da cidade.***

***Desde então,  
quando havia  
em alguma  
parte uma  
alma  
esforçada, ia,***

**como sábia  
abelha, buscá-  
la, e não  
voltava sem  
havê-la visto.  
Só depois de  
haver  
recebido, por  
assim dizer,  
provisão para  
a sua jornada  
de virtude,  
regressava.**

**Assim vivia  
Antão e era  
amado por  
todos.**

**Submetia-se  
com toda a  
sinceridade  
aos homens  
piedosos que  
visitava, e se  
esforçava por  
aprender  
aquilo que em  
cada um  
avantajava  
em zelo e  
prática  
religiosa.  
Observava a  
bondade de  
um, a  
seriedade de  
outro na  
oração;  
estudava a  
aprazível  
quietude de  
um e a**

**afabilidade de  
outro; fixava  
sua atenção  
nas vigílias  
observadas  
por um e nos  
estudos de  
outro;  
admirava um  
por sua  
paciência, e  
outro pelo  
jejuar e  
dormir no  
chão;  
considerava  
atentamente a  
humildade de  
um e a  
paciência e a  
abstinência  
de outro, e  
em uns e  
outros notava  
especialmente  
a devoção a  
Cristo e o  
amor que  
mutuamente  
se davam.**

**Então se  
apropriava do  
que havia  
obtido de  
cada um e  
dedicava  
todas as suas  
energias a  
realizar em si  
as virtudes  
dos outros.**

**Não tinha  
disputas com  
ninguém de  
sua idade,  
nem  
tampouco  
queria ser  
inferior a eles  
no melhor; e  
ainda isto  
fazia de tal  
modo que  
ninguém se  
sentia  
ofendido,  
mas todos se  
alegravam  
com ele.**

**E assim  
todos os  
aldeões e os  
monges com  
os quais  
estava unido  
viram que  
classe de  
homem era  
ele e o  
chamavam de  
amigo de  
Deus,  
estimando-o  
como a um  
filho ou  
irmão".**



Santo  
Atanásio  
Vida de  
S.  
Antão,  
C. 3-4

**Esta é a atitude naturalmente espontânea daqueles que fazem uma justa estimação de si mesmos como criaturas. Em oposição a eles, já tivemos a oportunidade de conhecer pessoas que não só não se interessam por aprender como inclusive recusam-se de modo deliberado e sistemático a dedicar-se a qualquer forma de aprendizado para com isto não inibirem suas potencialidades criativas a que dão um incalculável valor. Com isto eles próprios reconhecem, como deuses que se supõem, que não estão no mundo para aprender, mas para criar, o que é o mesmo que se auto atribuírem uma psicologia própria dos deuses.**





## **29. A humildade como virtude cosmológica.**

**Vemos, ademais, por meio desta explicação, que a humildade é uma virtude essencialmente cosmológica, entendendo esta palavra no seu sentido original, pela qual os gregos, derivando-a de um verbo que significa ordenar com estética, chamaram ao próprio Universo de Cosmos, por perceberem ser nele a beleza da ordem o seu mais manifesto atributo. A humildade, através da reverência para com o divino, o respeito incondicional para com o semelhante e o desejo profundo de aprender, ordena o homem em sua consciência e em seu agir em relação a Deus, aos demais homens e a si mesmo segundo a própria ordem que se manifesta no Universo.**





### **30. Os três sinais da humildade e suas outras possíveis manifestações.**

**Dependendo da cultura, do modo de vida e do meio em que vive ou exerce as suas atividades, a humildade pode ainda manifestar-se no homem de muitas outras maneiras. Qualquer que seja, porém, a situação do homem no tempo e no espaço, ela deverá manifestar-se necessariamente pelo menos segundo os três sinais fundamentais acima enumerados, pois em qualquer situação em que se encontre o homem, necessariamente ele terá que ter alguma consciência de estar inserido em um cosmos que lhe manifesta, se não um poder, pelo menos uma ordem que lhe é superior; sendo animal social, não pode desenvolver-se como humano fora de uma comunidade de homens; ademais, não poderá deixar de possuir alguma consciência de sua própria existência e condição. Obrigatoriamente, portanto, deverá ordenar-se de alguma maneira para com uma ordem ou um poder superior, para com os seus semelhantes e para consigo mesmo. Se o fizer segundo uma consciência a que podemos chamar de objetiva, será verdadeiramente um homem humilde.**





### **31. Necessidade da simultaneidade das manifestações da humildade.**

**A explicação que demos a respeito dos sinais fundamentais segundo os quais se manifesta a humildade permite- nos fazer notar que estes somente podem ser considerados sinais da virtude da humildade se se manifestarem simultaneamente. A manifestação isolada de um ou mesmo de dois dos sinais enumerados pode significar a presença de outras qualidades humanas, não porém a da humildade. Pois a humildade não consiste nestes sinais, mas na consciência da própria condição de criatura, consciência esta cuja manifestação são estes sinais. Não é possível que alguém tenha verdadeira consciência de sua condição de criatura se diante de Deus age como criatura mas diante de seu semelhante ou de si mesmo age como se fosse Deus. Assim, a manifestação isolada do respeito para com o semelhante pode ser sinal de um temperamento calmo ou mesmo de um inteligente autodomínio ou até da virtude da paciência, não porém da humildade; a manifestação isolada do desejo de aprender pode ser sinal de curiosidade ou mesmo de uma superdotação intelectual, não porém da humildade.**





### **32. Relação entre humildade e contemplação. Necessidade da humildade e do respeito ao semelhante para a contemplação.**

Na continuação destas notas vamos mostrar, com maior detalhe, a natureza da necessidade da humildade como princípio do aprendizado. Na medida em que o verdadeiro aprendizado se ordena à contemplação como a seu fim último, mostraremos, de modo especial, que a impossibilidade de se alcançar a contemplação sem a humildade não se deve a uma simples dificuldade, nem tampouco a uma dificuldade tão grande que se tornasse humanamente insuperável, mas ao fato de pretender-se, com isto, duas coisas simultaneamente contraditórias. Deste modo, qualquer pessoa que afirmasse estar em busca da contemplação sem possuir a humildade estaria apenas mostrando, com isto, o quanto é equivocada e ilusória a noção que ela possui sobre a natureza da contemplação, uma realidade que, não obstante o quanto esta pessoa possa dizer o contrário, ela efetivamente não deseja.

Assim, para não correremos o risco de empreendermos uma caminhada tão absurda, uma caminhada na qual não se anda, apesar de sonhar-se que se anda, devemos examinar primeiro com verdadeira sinceridade o quanto possuímos desta virtude que estamos descrevendo. De modo especial, devemos examinar o grau de respeito que, independentemente de circunstâncias e de pessoas, estamos dispostos a dar a nosso semelhante. Não se pode dizer que alguém seja humilde se não se está verdadeiramente disposto a que este grau de respeito seja simplesmente total, absoluto e incondicional.





### **33. Dificuldades dos homens para entenderem o respeito devido ao semelhante.**

Existe uma dificuldade especial para se entender este último aspecto da questão da humildade que acabamos de mencionar porque a maioria dos homens age mais pela inércia do costume e modelando-se pelos hábitos que vê como aceitos pelo comum das pessoas do meio em que vive do que pela docilidade a uma verdade apreendida objetivamente pela inteligência. Neste sentido, na sociedade do final do século 20, o respeito incondicional pelo ser humano não é favorecido pelo que podemos observar ao nosso redor.

As constituições dos estados modernos repetem constantemente, mais do que nunca na história, a necessidade de se combater toda a espécie de discriminação e atentado à dignidade humana. As declarações de direitos humanos são incessantemente reafirmadas nos principais textos legislativos e nas convenções dos organismos que reúnem os responsáveis pelos destinos das nações. A julgar por estes fatos, pareceria nunca ter existido outra época em que houvesse tamanha disposição para se promover uma atitude de respeito para com o ser humano. No entanto, os meios de comunicação nos mostram continuamente exemplos de entes que, embora afirmem se amarem entre si, como deveriam ser os namorados, os esposos, os pais e os filhos, desrespeitam-se e se agridem entre si de forma incessante. Tais atitudes, em vez de causarem horror aos que as assistem, e uma extrema desonra para os que as divulgam, tendem a ser consideradas como eventos normais e às vezes até como um produto de alguma forma superior de sinceridade, quando, na realidade, objetivamente examinadas, deveriam ser tidas como atitudes inconcebíveis não só entre seres que se amam como até mesmo para com um estranho. Na vida real, ademais, não apenas vemos estes exemplos se reproduzirem com freqüência crescente fora de nossas famílias, como inclusive, e o mais comumente, dentro delas próprias. Além do desrespeito verbal ou físico, vemos também uma grande quantidade adicional de desprezo que os homens têm uns pelos outros e de que não possuem a coragem de demonstrá-lo diretamente àqueles aos quais o dirigem, mas apenas a terceiros. As pessoas que agem assim, obviamente,

quer elas o entendam ou não, julgam que não podem elas mesmas serem desprezíveis no mesmo sentido em que estão desprezando os demais. Se quisermos ser humildes, porém, devemos parar definitivamente de agir desta forma, não propriamente porque tenhamos aprendido a dominar nossos impulsos, mas porque decidimos conscientemente descer do pedestal fantástico em que tivemos que nos colocar para que nos arrogássemos a liberdade de nos entregarmos com toda a naturalidade a tais procedimentos. Devemos nos decidir a nunca mais agredir ou desrespeitar, não só de fato, como também em nosso coração e em nossos pensamentos, qualquer pessoa que seja, em qualquer circunstância que possa vir a ocorrer, especialmente naquelas em que estamos com a razão, e propor-nos a isto não como quem se propõe a uma conquista a ser alcançada gradualmente, mas como quem toma uma resolução imediatamente definitiva. Não nos podemos permitir o luxo de pretender alcançar a realização deste propósito apenas próximos ao fim de nossas vidas, pois este não é, ao contrário do que pode parecer, o ápice da vida espiritual, mas apenas um dos mais elementares de seus primeiros princípios. Que sempre que qualquer pessoa nos procure, pois, seja quem for, seja ouvida com reverência e atenção; se não puder ser ouvida, que o seja por motivos técnicos, não por desprezo ou por desconsideração de importância. Seja quem for que a nós se dirija, procedamos assim por estarmos possuídos de uma nítida consciência de estarmos sendo interpelados por alguém que possui uma dignidade essencialmente idêntica à nossa. Ademais, se estamos efetivamente conscientes de nossa situação de indigência de graça, virtude e conhecimento, destituídos da hipótese absurda de uma compreensão divina do que há de essencial na ordenação do Universo, temos que dar atenção a quem quer que nos interpele, não apenas pelo respeito à sua dignidade humana, mas também porque não podemos prever de antemão que boas surpresas esta nos poderá trazer, sabendo de antemão que a verdade quase sempre costuma se apresentar pelos caminhos que os orgulhosos menos esperam. No tempo de Jesus, esperava-se pelo Messias como ao Rei dos reis, que de fato o foi; quem poderia supor, porém, que alguém com tais títulos e cuja vinda estava sendo efetivamente preparada pelo próprio Deus há quase dois mil anos, conseguiria sequer alugar uma vaga de quarto em uma aldeia minúscula como Belém, e tivesse que nascer entre os animais de um estábulo? Quem poderá avaliar quantas vezes

**Deus efetivamente já se nos apresentou deste modo em nossa vida e nós nada percebemos? Não é impossível que houvesse soldados aos pés da cruz de Cristo que, no mesmo instante em que o bom ladrão rogava e obtinha de Cristo um lugar para si no Paraíso, reclamassem da injustiça de terem sido transferidos pela autoridade romana para servirem num território tão desprezível como a Palestina, um lugar onde jamais poderia acontecer nada de importante, muito menos algo que pudesse mudar o curso da história. Por mais paradoxal que possa parecer este exemplo, este é o pão de cada dia do homem orgulhoso, e ele morre na maioria das vezes sem ter tido a oportunidade de ter percebido o que realmente foi a sua vida.**







### **34. A importância do respeito incondicional devido ao semelhante.**

Procuremos, ademais, entender a tão grande importância de que se reveste esta atitude pelo modo como Jesus se referia a ela. No Sermão da Montanha, comentando o mandamento deixado por Moisés que proíbe o matar, Jesus afirma que até aquele que houver dito "desgraçado" ao seu irmão, "será réu do fogo do inferno" (Mat. 5, 22). Quer Jesus dizer com isto que quem se dirige ao seu semelhante com palavras próprias para ofender e magoar age diante de Deus como aquele que viola o mandamento que proíbe o matar. E isto para Jesus é tão sério que logo em seguida ele acrescenta:

**"Se  
estiveres  
para  
apresentar  
a tua  
oferta ao  
pé do altar  
e ali te  
recordares  
de que teu  
irmão tem  
qualquer  
coisa  
contra ti,  
deixa a  
tua oferta  
diante do  
altar e vai  
primeiro  
reconciliar-  
te com teu  
irmão;  
voltarás,  
então,  
para  
apresentar  
a tua**

***oferta".***

**Mt .  
5 ,  
23 -  
4**

**Não é por uma arbitrariedade que se fazem estas exigências tão estritas. Ocorre que neste assunto se aplicam de uma maneira muito especial as palavras da Epístola aos Hebreus:**

***"Nossos pais  
nos  
educaram  
segundo a  
sua  
conveniência;***

***Deus, porém,  
o faz para o  
nosso bem,  
para nos  
comunicar a  
sua  
santidade".***

**Hb .  
12 ,  
10**

**De fato, este preceito não só é de tão grande importância para o desenvolvimento da vida espiritual que justifica o rigor com que é apresentado, como também só produz os frutos que dele se esperam se praticado de modo integral já desde o seu ponto de partida.**

**A correção da interpretação sobre a importância que Jesus atribui à prática do respeito ao semelhante é conformada pelo teor análogo das exigências que Ele também faz, logo em seguida, dentro do mesmo contexto, sobre o mandamento igualmente deixado por Moisés proibindo o adultério. A este respeito Jesus declara que não são apenas aqueles que se apropriam efetivamente da esposa alheia os que incorrem na violação deste mandamento, mas também que**

***"Todo  
aquele  
que  
olhar  
para  
uma  
mulher  
com  
mau  
desejo  
no  
coração  
já  
cometeu  
adultério  
com  
ela".***

**Mt .  
5 ,  
28**

**A tradição cristã e a teologia nunca interpretaram esta passagem como algo que devesse ser interpretado num sentido figurativamente lato. Ao contrário, sempre deram claramente a entender que este texto deveria ser interpretado como significando a obrigação estrita de se dever cumprir precisamente o que está enunciado na literalidade das palavras evangélicas. Não há nenhuma base para se poder interpretar, diante disto, o texto imediatamente anterior sobre o respeito ao semelhante em uma perspectiva diversa. Antes, se algo devesse**

**ser concluído a este respeito, seria precisamente o oposto. Deus nos preceitua a pureza naquilo que se refere à sexualidade não porque a sexualidade seja algo torpe, mas porque precisamente ela é algo pleno de uma dignidade quase sagrada; neste sentido, nas Quaestiones Disputatae de Malo (Q. 15 a. 2), Santo Tomás de Aquino nos afirma que os preceitos sobre a castidade obrigam o homem gravemente porque a sexualidade contém o ser humano em potência e, conseqüentemente, exige por este fato uma parte daquele respeito que é exigida pela própria dignidade humana. Maior deverá ser, a se considerar por esta razão, o respeito a ser exigido pela própria dignidade humana em si mesma considerada.**





### **35. Contemplação e realidade.**

**Vamos mostrar, a seguir, como sem a humildade a contemplação se torna impossível, não por se tornar coisa muito difícil, mas porque a ausência da humildade exclui intrinsecamente a possibilidade da contemplação.**

**Já explicamos o que é a contemplação, apresentando-as de modos aparentemente bastante diversos. Dissemos que a contemplação é a adoração a Deus em espírito e verdade de que fala João 4; que é um exercício intenso e simultâneo das virtudes da fé, esperança e caridade; que é uma operação do intelecto que abarca de um modo simultâneo a totalidade dos objetos já apreendidos pelas primeiras operações da inteligência e reelaborados pela reflexão. Dissemos também que trata-se de uma realidade tão rica que sempre que alguém se aproxima dela, ainda que pareça que tudo tenha sido dito, este alguém nos trará sobre ela algo novo, com toda a aparência de algo inédito a seu respeito. Temos disto um exemplo na biografia de São João da Cruz escrita pelo Pe. Crisógono, que tem como um de seus principais méritos a extrema fidelidade com que segue os documentos originais sobre os quais se baseia. Lemos nesta obra que entre 1579 e 1582 São João da Cruz foi reitor do Colégio São Basílio em Baeza, onde residiam os estudantes que cursavam Teologia na Universidade local. O Colégio recebia freqüentemente visitas de outros alunos e de catedráticos da Universidade que vinham consultar o santo reitor. A estes visitantes, dizem os documentos de que se utiliza o Pe. Crisógono,**

**"Frei João  
lhes expunha  
a Escritura,  
falava-lhes  
de Teologia e  
dos  
mistérios da  
fé.**

**Aconteceu  
muitas vezes  
que um  
doutor que  
há muitos  
anos regia  
uma cátedra  
de Teologia  
Positiva  
vinha  
consultá-lo  
sobre  
algumas  
passagens  
da Escritura  
e retornava  
muitíssimo  
satisfeito.**

**Não obstante  
seu vasto  
conhecimento  
das obras de  
Santo  
Agostinho e  
de São João  
Crisóstomo,  
parecia-lhe  
que as  
explicações  
de frei João  
eram  
explicações  
novas,  
ensinamentos  
do Espírito**

**Santo".**

Pe.  
Crisógono  
Vida de  
S. João  
da Cruz  
Cap. 11,  
n. 38

**Esta passagem da biografia de São João da Cruz é a realização daquele dito de Jesus, o qual, após narrar algumas parábolas aos judeus, afirmou que**

***"Todo  
escriba  
instruído  
no Reino  
dos Céus  
é  
semelhante  
a um pai  
de família,  
que tira de  
seu  
tesouro  
coisas  
novas e  
velhas".***

Mt .  
13,  
52

**O Reino dos Céus é a plenitude da graça do Espírito Santo, que é o que produz a contemplação; os instruídos no Reino dos Céus são todos aqueles que nela produziram raízes e**

**perseveraram com firmeza. São estes, como São João da Cruz, que do seu tesouro, "ali onde está o seu coração", conforme também o afirma Jesus (Mt. 6, 21), tiram coisas novas e velhas.**

**Podemos, entendendo este caráter tão rico da contemplação, explicar sua relação com a humildade se a apresentarmos de um novo modo, dizendo que ela é aquilo mesmo a que nos referimos anteriormente ao definirmos a humildade. Dissemos que a humildade é o ter consciência de ser apenas uma criatura, um ser humano, e não um deus ou um ser dotado de atributos divinos. Neste sentido podemos dizer que estas palavras também determinam a contemplação; a contemplação é**

***"ter  
consciência",***

**num sentido mais amplo, mas essencialmente idêntico àquele em que a humildade também o é.**

**Que significa, porém, ter consciência? Segundo o modo corrente de falar das pessoas, ter consciência de algo ou ter consciência das coisas significa o mesmo que aquilo que se quer dizer com a expressão**

***"cair na  
realidade".***

**Ter consciência ou estar consciente significa o mesmo, na linguagem corrente das pessoas, que "cair na real". Subentende-se que aqueles que se utilizam desta expressão queiram com ela significar que, antes do homem ter consciência ou estar consciente, ele não tinha caído na real, isto é, vivia no mundo da sua própria imaginação, inconsciente da distância que separava a sua imaginação que ele dava por suposto como idêntica à realidade, e a própria realidade. A contemplação, entendida neste sentido, implicaria no máximo desenvolvimento possível ao homem desta qualidade de deslocar-se do mundo ilusório de sua imaginação e dar-se conta da realidade, ou seja, cair na real.**



**Esta concepção de contemplação admite como pressuposto que os homens costumem viver com a atenção voltada habitualmente para as suas próprias fantasias, não obstante a realidade do mundo que os cerca, inclusive as suas próprias realidades humanas não construídas pela fantasia, serem objetivamente muito mais ricas e deverem chamar muito mais a atenção do homem do que as construções de sua imaginação. Só com muito esforço, esforço que já pressupõe um razoável grau de consciência deste fato e da alienação que ele implica, é que os homens, pouco a pouco, começam a desprender a habitualidade de sua atenção de um imaginário construído em sua maior parte pelo estímulo de paixões cultivadas sem vínculo com a razão e passam a dar cada vez maior atenção ao próprio real. A isto chama-se cair na real, e o processo pelo qual se faz isto chama-se contemplação.**

**O fato de explicarmos a contemplação deste modo pode causar surpresa a não poucas pessoas, que imaginam a contemplação, mesmo que a admirem, como um processo de alienação do real. Para confirmar esta teoria eles podem nos citar, por exemplo, a Regra de São Bento, que prescreve aos monges, como um de seus preceitos,**

***"fazer-  
se  
alheio  
às  
coisas  
do  
mundo".***

**Ora, não é a contemplação o fim da Regra de São Bento, como é o fim de toda a autêntica espiritualidade? No entanto ela nos prescreve como um dos meios para se fazer isto exatamente o alheamento das coisas do mundo. Portanto, a contemplação parece supor não uma queda na realidade, mas uma alienação dela. É assim que raciocinam muitas pessoas, ainda que não o queiram admitir. Quem o faz, porém, não percebe que São Bento está falando do mundo não enquanto realidade ontológica, mas enquanto objeto das paixões humanas e que, na realidade, quanto mais o monge se torna alheio às coisas do mundo**

tomadas neste sentido, mais consciente na verdade, em vez de alheio, ele vai se tornando da realidade. Este exemplo mostra o quão deturpado e ilusório é o conceito que as pessoas costumam se fazer desta realidade tão profunda, supondo que a contemplação seja algo que obrigue as pessoas a se tornarem alienadas, quando na verdade a contemplação significa o movimento que retira o homem precisamente deste estado.

Vamos examinar, porém, mais de perto, como se dá este processo de queda na realidade que se produz pela contemplação. A experiência mostra que, à medida em que se desenvolve no homem aquilo que se chama de contemplação, o homem verifica que muitas das coisas que ele aprendeu ou adquiriu através da contemplação eram, na realidade, coisas que ele já sabia antes. Não todas, mas muitas, ou pelo menos uma boa parte do que ele aprendeu pela contemplação eram coisas que ele deverá reconhecer que já, de fato, as sabia. Esta afirmação não deveria soar como novidade para nós, se já vemos no texto que é o objeto principal deste comentário que Hugo de S. Vitor nos diz que a contemplação não é uma atividade que nos ensina coisas desconhecidas, mas uma operação da inteligência cuja principal característica, ao contrário da reflexão, é precisamente o debruçar-se sobre coisas já sabidas. Esta afirmação, porém, pela pouca intimidade que as pessoas têm para com a realidade a que ela se refere, costuma soar, para muitos, como algo estranho. Uma das perguntas que mais freqüentemente surgem nas salas de aula quando se explica este assunto é precisamente qual a razão de uma atividade, que é tida como a mais complexa das operações da inteligência, debruçar-se sobre coisas já sabidas, se elas já são conhecidas? Pois, se elas já são conhecidas, por que perder tempo com elas? E, mais ainda, perder tempo com coisas já sabidas justamente através de uma atividade que nos é apresentada como a mais complexa de todas as operações do intelecto? Não seria isto o exemplo mais evidente de uma baixíssima taxa de eficiência de trabalho? À primeira vista, semelhante coisa parece um contrasenso; examinada, porém, a questão mais profundamente, verifica-se que estas objeções são, na realidade, exemplos de superficialidade e que há inúmeros motivos para justificar-se a existência, a importância e inclusive a necessidade da operação a que chamamos de contemplação. Vamos nos deter agora em apenas um só destes motivos. Este motivo que, independentemente dos demais, por

**si só já é suficiente para justificar a contemplação, é o seguinte: embora saibamos todas estas coisas sobre as quais a contemplação se debruça, nosso agir se comporta tal como se efetivamente não as soubéssemos. Esta é, ademais, uma realidade de que temos tão pouca consciência que, para entendê-la melhor, devemos fazer um esforço para examinarmos a própria comunidade humana como se a estivéssemos observando de fora dela.**

**Imaginemos um curso de pós graduação em psicologia humana ministrada em uma Universidade extra terrestre para marcianos. Logo na primeira semana de aula o professor explicará aos seus alunos a existência de uma civilização no planeta Terra em que seus habitantes se auto denominam, e com razão, de animais racionais. Ante que se inicie a segunda semana de aula, porém, um dos alunos, filhos de uma família abastada, resolve, em um fim de semana prolongado, fazer uma visita por sua própria conta ao planeta que será objeto dos estudos recém iniciados, não querendo esperar pelo estágio que será, para este fim, especialmente oferecido pela Universidade Marciana ao final do curso. Quando, na segunda feira seguinte, este aluno voltar aos bancos escolares, certamente a primeira coisa que ele irá fazer será protestar diante da afirmação de seu professor de que os terráqueos são animais racionais:**

***"Pude  
constatar  
com os  
meus  
próprios  
olhos",***

**dirá o aluno,**

***"que trata-se, efetivamente, da opinião que eles têm de si próprios. Mas pude observar também, e tenho provas mais do que suficientes para estar convencido disto, de que tal afirmação não passa de um mito. O modo de vida que eles construíram, suas atitudes, seu comportamento, não condiz em nada, ou quase nada, com os atributos da racionalidade, qualquer que seja o modo como se possa entender ou mesmo estender o significado deste termo".***

**Que responderá o professor diante desta constatação?**

**O aluno insiste que o que ele diz não exige muita pesquisa, é coisa evidente, manifesta. Pelo que ele pôde observar, qualquer extraterrestre que se dirija à Terra não necessitará mais do que**

**algumas horas para colher material superabundante para apoiar esta mesma conclusão. E agora, quem estará diante disto com a razão, o professor ou o aluno? Este jovem acolheu com benevolência as palavras do mestre, dirigiu-se à Terra não para contestar as palavras do venerável catedrático, mas por ter acreditado nelas e, justamente por causa disso, ter sido tomado pela curiosidade de admirar com os seus próprios olhos uma civilização de animais racionais. Ele havia partido em princípio predisposto a confirmar a lição do mestre e não a refutá-la, mas retornou abalado com o que viu. Os fatos falaram mais alto, ele não pôde negar uma realidade. O que o professor tem agora a dizer diante dos fatos que ele passa a enumerar e a narrar, um a um, em todos os seus detalhes? Mentiu, está cego, ou nada entende de psicologia humana, embora seja este o assunto sobre o qual vai ministrar o seu curso?**

***"Caro  
aluno",***

**responde-lhe o professor,**

***"você não está  
totalmente errado  
em suas  
observações;  
deveria ter  
esperado, porém,  
pelo estágio que  
faríamos no fim  
deste curso,  
quando  
compreenderia  
melhor os  
homens. Sei o  
que você viu. É,  
de fato, uma triste  
realidade. Mas,  
apesar do que  
você pôde  
observar, devo-  
lhe confirmar que***

**os homens são  
verdadeiramente  
animais racionais.  
Não se trata de  
um mito. O que  
ocorre com eles  
não é a ausência  
da racionalidade,  
como você  
presumiu, mas o  
fato deles serem  
vítimas de uma  
doença pela qual  
neles produziu-se  
uma separação  
entre o seu  
inteligir, de um  
lado, e, de outro  
lado, os seus  
sentimentos, os  
seus desejos, o  
seu agir, e até  
mesmo a sua  
própria  
inteligência, a  
qual, o mais  
freqüentemente,  
quando é  
chegado o  
momento de agir,  
ou de funcionar  
em conjunto com  
as demais  
faculdades da  
alma, esquece-se  
momentaneamente  
daquilo que ela  
própria,  
aparentemente,  
parecia saber  
alguns momentos  
antes, quando  
podia funcionar**

**sozinha, sem interferência dos sentimentos, dos desejos e do próprio agir. Trata-se de uma doença amplamente disseminada no planeta Terra, mas são muito poucos aqueles que se dão conta deste fato, coisa que também faz parte da doença. Embora esta seja a doença mais disseminada entre eles, eles próprios sequer a catalogam como tal. Há entre eles algumas criaturas que a conhecem como pecado original, embora, precisamente falando, estes sintomas não sejam o pecado original mas uma conseqüência do que seria o pecado original. Este mal foi corretamente descrito nos textos de alguns de seus sábios da Idade Média e da Antigüidade; hoje, porém, a maioria dos humanos**

***crêem que  
nenhum  
conhecimento  
objetivo possa ser  
adquirido com a  
leitura destes  
escritos e, com  
exceção daqueles  
que se  
interessam, de  
alguma forma ou  
de outra, pela  
arqueologia,  
qualquer contato  
com eles é tido  
como pura perda  
de tempo. Estes  
textos antigos,  
porém, não  
apenas  
descrevem a  
doença, como  
também lhe  
apontam o  
remédio e o curso  
clínico do  
restabelecimento.  
O nome que dão  
ao remédio para  
esta doença  
chama-se graça  
divina. Dizem que  
quando a graça  
começa a agir  
sobre o homem, o  
homem vai se  
curando  
gradativamente  
desta doença. Ele  
retorna, como  
entre eles deixou  
escrito o eremita  
Santo Antão, ao***



**estado original e,  
quando a graça  
começa a agir  
sobre o homem,  
conforme também  
eles dizem, estas  
criaturas  
começam a cair  
na real. No início  
deste que é um  
longo processo  
de cura, esta  
queda na  
realidade se  
manifesta sob a  
forma de uma  
virtude que eles  
denominam de  
humildade. Eles  
chamam de  
humildade ao  
início do  
processo de  
queda na  
realidade que se  
dá, inicialmente,  
apenas em  
relação a algumas  
poucas coisas,  
embora muito  
fundamentais,  
sem as quais  
qualquer ulterior  
queda na  
realidade seria  
apenas ilusória,  
se é que se pode  
falar deste modo.  
Mas aqueles que  
conseguem iniciar  
seu processo de  
cura através da  
virtude da**

***humildade, à medida em que caem na realidade em relação a um número sempre maior de aspectos, acabam conseguindo fazê-lo, depois de muito tempo, simultaneamente em relação a todos os aspectos ontologicamente relevantes para a vida de um ser humano. Surge então para estes seres uma outra realidade, a que eles chamam de contemplação. Quando surge nos seres humanos o que se chama de contemplação, os humanos começam a se tornar livres desta doença que os obrigava a agir irracionalmente sem de fato o serem, e eles começam então a provar o verdadeiro sentido da liberdade".***





### **36. Relações adicionais entre pensamento, meditação e contemplação.**

Esta aula, proferida no anfiteatro da Universidade Marciana, nos será muito útil para interpretar mais profundamente algumas afirmações do Opúsculo sobre o Modo de Aprender de Hugo de São Vitor. Hugo de São Vitor nos explica ali importantes diferenças entre a meditação ou reflexão e a contemplação. Ele diz que a meditação ou reflexão difere do pensamento na medida em que o pensamento é assistemático e a reflexão é metódica. A atividade que ele denomina de pensamento pode ser metódica, mas quando o é, o é porque é conduzida em sua metodicidade pela leitura de um livro ou por uma aula que está sendo acompanhada. O pensamento, para ser metódico, não pode ser independente; se ele se desliga do livro ou da aula condutora, vagueia a esmo; trata-se de uma atividade da inteligência que não possui autonomia própria para ser metódica. A reflexão, porém, já significa uma forma de pensamento mais elevada porque autônoma; ela não necessita do fio condutor da aula ou da leitura para possuir a metodicidade; é uma forma de pensamento mais adulta e madura.

Mas a contemplação é uma forma de uso da inteligência ainda mais possante, adulta e madura do que a reflexão; ela está situada diante da reflexão ou meditação a uma distância ainda maior do que a reflexão está situada do pensamento. A diferença consiste em que o pensamento propriamente dito não apreende nada permanentemente; aquilo sobre o que nos debruçamos apenas pelo pensamento é sempre algo facilmente esquecido. Às vezes o pensamento produz algum resultado permanente na alma, não sujeito a um fácil esquecimento, mas neste caso verificamos que isto ocorreu na maiorias das vezes em ocasiões em que aquilo que foi pensado havia sido conduzido, através da aula ou da leitura, e o resultado permanente por ele produzido se deveu ao fato de que, assim conduzido, o pensamento já possui características que mais pertencem ao trabalho da reflexão. O pensamento por si mesmo dificilmente produz resultados duradouros na alma. Já o que foi verdadeiramente refletido não se esquece, torna-se uma conquista pessoal. Ora, a matéria prima sobre a qual a

**contemplação se debruça é precisamente isto que foi apreendido pela reflexão. Ademais, a reflexão apreende uma ou poucas coisas de cada vez, enquanto que a contemplação se coloca diante de muitas ou mesmo de todas as coisas apreendidas. Isto não significa que a contemplação só surge no homem quando termina todo o trabalho de reflexão pois, ao contrário, o que se observa é que à medida em que o trabalho de reflexão avança é que surge gradualmente o trabalho de contemplação e a contemplação pode, e efetivamente cresce, juntamente com o crescimento da reflexão. A contemplação pode desenvolver-se, e efetivamente se desenvolve paralelamente à medida em que a reflexão também se desenvolve, embora necessite de um amadurecimento prévio da reflexão para poder manifestar seus primeiros sinais de presença. Mas uma das diferenças mais radicais entre a reflexão e a contemplação consiste não apenas em tudo isto, mas no fato de que a reflexão não faz cair na real. Pela reflexão o homem pode aprender definitivamente uma determinada coisa, mas continua agindo, sentindo, desejando e até mesmo, no caso em que a inteligência se vê obrigada a atuar em conjunto com as demais faculdades da psicologia humana, intelegindo como se não tivesse aprendido nada. É pelo trabalho da contemplação que todas estas coisas se integram. É pelo trabalho da contemplação que caímos na real.**

**A contemplação é, deste modo, uma forma de trabalho intelectual que produz efeitos visíveis no homem, isto é, efeitos que podem ser notados claramente pelos outros homens que convivem com aquele que é capaz da contemplação. A reflexão não produz estes efeitos visíveis, porque ela se limita a apreender de um modo definitivo alguma coisa que, porém, no que depender apenas da reflexão, não produzirá efeitos fora da inteligência. Seus efeitos na inteligência são também, menos profundos do que os da contemplação. Neste sentido, a reflexão pode produzir efeitos visíveis apenas através de uma conversa, na medida em que pela conversa do homem habituado à reflexão externam-se as coisas que ele aprendeu, e desde que ele não se veja obrigado a fazer um uso prático deste conhecimento. Para que o homem possa se transformar, ao contrário, em um exemplo vivente de sabedoria, é necessário recorrer à outra operação da inteligência a que se chama de contemplação. Neste sentido, só os que são capazes da contemplação são verdadeiramente sábios e não só aparentam**

**como também se comportam como tais. Examinada sob esta perspectiva, a contemplação se torna perfeita quando alcança uma interligação permanente de todos os aspectos da psicologia humana com todas as coisas que dizem respeito ao homem e à sua situação no mundo e diante de Deus.**

**Às vezes, em pessoas muito dadas ao estudo, a reflexão pode produzir alguns efeitos visíveis desta natureza; isto ocorre, porém, por causa de que ela já estará possuindo algumas das características do funcionamento da contemplação.**





### **37. A contemplação nas Sagradas Escrituras.**

Acabamos de afirmar que existe uma operação da inteligência, à qual chamamos de contemplação, que produz efeitos visíveis no homem, transformando aquele que se familiariza com ela num exemplo vivo de sabedoria, efeito que se torna perceptível aos demais homens, parecendo-lhes como se se houvesse personificado uma sabedoria superior. Na medida em que, o mais das vezes, esta operação não se alcança sem o auxílio da graça, e sua manifestação mais plena não se alcança nunca sem a graça, estes são aqueles dos quais Jesus afirma que

***"serão  
chamados  
filhos de  
Deus",***

**Mt .  
5 ,  
9**

dos quais Santo Tomás de Aquino também diz que

***"participam  
da  
semelhança  
do Filho de  
Deus  
unigênito,  
os quais  
Deus na  
sua  
presciência  
predestinou  
para serem  
conformes  
à imagem  
de seu***

***Filho  
(Rom. 8,  
29), o qual  
é a  
Sabedoria  
gerada".***

**Summa  
Theologiae  
IIa IIae,  
Q. a.**

**A Sagrada Escritura atesta a existência de uma operação da inteligência capaz de produzir tais efeitos no homem. Às vezes não nos damos conta deste fato porque no mundo latino esta realidade veio a ser conhecida pelo nome de contemplação, um termo que reflete uma concepção derivada da tradição grega pela qual tenta-se descrever esta operação da alma por meio de uma analogia com a faculdade da visão:**

***"Por ela  
chegamos  
às  
próprias  
fronteiras  
do  
inteligível",***

**diz o filósofo grego Platão;**



***"embora  
sendo  
unicamente  
do  
intelecto, é  
imitada  
pela  
faculdade  
da vista ao  
procurar  
contemplar  
os  
animais,  
as estrelas  
e o próprio  
Sol".***

**República,  
L. VII**

**Por causa de nos termos acostumado a este nome sem nem sempre conhecer bem a realidade à qual ele se refere, não nos damos conta do número imenso de vezes em que as Escrituras nos descrevem esta mesma realidade por meio de uma analogia com a faculdade do ouvir.**

**De fato, é muito freqüente no Velho Testamento que as exortações de Moisés e os oráculos dos profetas se iniciem com um pedido para que os homens as ouçam. Uma leitura menos atenta dará a impressão que com estas palavras os profetas estão apenas fazendo uma chamada para reunir o povo, nada que em si pudesse ter um valor maior do que uma interjeição mais elaborada. Outras vezes parecerá que o pedido de que os homens ouçam estas exortações significa uma maneira mais delicada de dizer que as obedecam; segundo esta interpretação, ao pedir aos homens que as ouvissem, os profetas queriam dizer que as obedecessem, só indiretamente estando eles interessados em que fossem ouvidas, na medida em que para obedecê-las os homens deveriam primeiro tomar conhecimento dos seus conteúdos. Efetivamente, em algumas passagens esta**

é a interpretação correta, mas em uma grande multidão de outras a extrema freqüência com que aparecem estas expressões, como se estivessem querendo chamar a nossa atenção também para o próprio ato do ouvir, e o contexto em que são usadas, nos mostram que estes pedidos para que ouçamos, mais do que simples interjeições ou expressões sinônimas para significarem a obediência, designam, na realidade, um verdadeiro chamado à contemplação descrita por analogia com o ouvir e tendo o ouvir como seu ponto de partida.

Vejamos alguns exemplos destas expressões:

**"Se  
ouirdes  
atentamente  
a minha  
voz, e  
guardardes  
a minha  
aliança, diz  
o Senhor,  
constituireis  
para mim  
um reino de  
sacerdotes,  
e uma  
nação  
santa".**

**Ex .  
19 ,  
5 -  
6**

**"Ouvi a  
palavra  
do  
Senhor,  
ó  
príncipes;  
escuta a  
lei de  
nosso  
Deus, ó  
povo".**

**Is.  
1,  
10**

**"Aplicai  
os  
ouvidos,  
diz o  
Senhor,  
e ouvi a  
minha  
voz;  
atendei e  
ouvi as  
minhas  
palavras".**

**Is.  
28,  
23**

**"Eis que  
(naquele dia)  
um rei, (isto  
é, o  
Messias),  
reinará com  
justiça, e os  
seus  
príncipes  
governarão  
com retidão.  
Não se  
ofuscarão os  
olhos dos  
que vêem, e  
os ouvidos  
dos que  
ouvem  
escutarão  
atentamente".**

**Is .  
32 ,  
1 -  
3**

**"Vinde  
cá, ó  
nação,  
e ouvi;  
povos,  
estai  
atentos;  
ouça a  
terra, e  
o que  
ela  
contém;  
o  
mundo,**

***e tudo  
o que  
ele  
produz".***

**Is.  
34,  
1**

***"Farei vir  
sobre este  
povo o que  
eles temiam,  
diz o  
Senhor,  
porque eu  
chamei, e  
não houve  
quem me  
respondesse;  
falei, e não  
me deram  
ouvidos, e  
fizeram o  
mal diante  
de meus  
olhos, e  
escolheram  
o que eu não  
queria".***

**Is.  
66,  
4**

**"A  
quem  
falarei  
eu?",**

**diz Jeremias.**

**"A quem  
conjurarei que  
me ouça? Os  
seus ouvidos  
estão  
incircuncidados,  
e não podem  
ouvir; a palavra  
do Senhor  
tornou-se para  
eles um  
motivos  
opróbrio, e não  
a receberão".**

**Jer .  
6 ,  
10**

**"Isto diz o  
Senhor: o dia  
em que eu  
tirei os  
vossos pais  
da terra do  
Egito, não  
lhes mandei  
coisa alguma  
acerca dos  
holocaustos.  
Eis o que eu**

***lhes mandei:  
ouvi a minha  
voz, e eu  
serei vosso  
Deus, e vós  
sereis meu  
povo, e andai  
por todo o  
caminho que  
vos  
prescrevi,  
para serdes  
felizes. E não  
me ouviram,  
nem  
prestaram  
atenção, mas  
foram atrás  
de seus  
apetites e a  
depravação  
de seu  
malvado  
coração. E eu  
vos enviei  
todos os  
meus servos  
e os profetas,  
cada dia me  
apressava a  
enviá-los; e  
não me  
ouviram, nem  
prestaram  
atenção, mas  
endureceram  
a sua cerviz,  
e obraram  
pior do que  
os seus pais.  
E tu também,  
Jeremias,  
lhes dirás***

**todas estas  
palavras, e  
não te  
ouvirão; e  
chama-los-  
ás, e não te  
responderão".**

**Jer .  
7 ,  
22 -  
27**

**"Ouvi a minha  
voz, e fazei  
todas as  
coisas que eu  
vos mando, e  
sereis o meu  
povo, e eu  
serei o vosso  
Deus, para  
que eu renove  
o juramento  
que fiz a  
vossos pai de  
Ihes dar uma  
terra que  
manasse leite  
e mel. Ouvi as  
palavras desta  
aliança e  
observai-as,  
porque eu  
conjurei com  
instância os  
vossos pais  
desde o dia  
em que os tirei  
da terra do**



***Egito até hoje,  
admoestando-  
os, e dizendo-  
lhes  
continuamente:  
ouvi a minha  
voz. E não  
ouviram, nem  
prestaram  
ouvidos, mas  
cada um  
seguiu a  
depravação de  
seu coração  
maligno".***

**Jer .  
11 ,  
4-8**

**Nestas exortações podemos entrever que o ouvir de que falam os profetas é uma atividade do espírito à qual o homem deveria-se dedicar constantemente para que, deste modo, desviasse o pêndulo que inclina a sua atenção para a "depravação de seu maligno coração", isto é, a atividade de sua imaginação movida pelos vícios e pelas paixões dos sentidos, para uma outra região da alma, de onde pode-se ouvir a palavra de Deus. De fato, pergunta Jeremias:**

***"Quem  
considerou  
a palavra  
do Senhor  
e a  
ouviu?"***

**Jer .  
23 ,  
18**

**Se o tivessem feito, responde o profeta, Deus**

***"certamente  
os teria  
desviado de  
seu mau  
caminho e de  
seus tão  
depravados  
pensamentos".***

**Jer .  
23 ,  
22**

**Porém, continua Jeremias,**

***"Este povo é  
um povo  
perversíssimo,  
porque não  
quer ouvir as  
palavras do  
Senhor; em  
vez disso  
anda",***

**(ou poderia dizer "ouve", ou ainda, "está constantemente com a atenção voltada para a")**

**"maldade  
do seu  
coração".**

**Jer .  
13 ,  
10**

**Deus quer, portanto, através destas exortações, acostumar-nos a ouvir a sua palavra para com isto desacostumar-nos a ouvir nossos próprios pensamentos, que não são, na maior parte das vezes, verdadeiros pensamentos, isto é, expressões da faculdade da inteligência que se caracteriza pela apreensão da verdade, mas simples movimentos da imaginação, prolongamentos muito pouco conscientes da atividade dos cinco sentidos, impulsionados sem cessar pelas paixões sensíveis. É isto o que Deus nos quer também ensinar, quando, através de Isaías, assim nos exorta:**

***"Deixe o  
homem  
iníquo os  
seus  
pensamentos,  
e volte-se  
para o  
Senhor,  
(inclinando o  
seu ouvido),  
o qual terá  
piedade dele,  
porque os  
meus  
pensamentos  
não são os  
vossos  
pensamentos,  
diz o Senhor.  
Tanto quanto  
os céus***

***estão  
elevados  
acima da  
terra, assim  
se acham  
elevados os  
meus  
pensamentos  
acima dos  
vossos  
pensamentos,  
diz o  
Senhor".***

**Is .  
55 ,  
7 -  
9**

**Conforme veremos melhor mais adiante, Isaías está exortando os homens para que abandonem os seus pensamentos através do "voltar-se para o Senhor", o que, no contexto deste capítulo 55, significa "inclinando-lhe os ouvidos" (Is. 55, 3).**

**O Deuteronomio parece, em certas passagens, utilizar-se de expressões diversas para designar estas mesmas realidades. A atividade que Isaías descreve no capítulo 55 de sua profecia pelo "inclinar dos ouvidos" parece às vezes descrita por Moisés no Deuteronomio pelo termo "meditação", a mesma expressão que Hugo de São Vitor utiliza para designar a atividade que precede a contemplação. Conforme veremos, porém, a meditação de que fala o Deuteronomio não é a mesma realidade que os profetas muitas vezes expressam pelo "inclinar dos ouvidos"; o contexto do Velho Testamento é tal que subentende-se que o meditar do Deuteronomio é um meditar que conduz espontaneamente a um ouvir. A passagem mais conhecida onde ocorre esta expressão é aquela onde se preceitua o mandamento do amor a Deus:**

**"Ouve,  
Israel",**

**diz Moisés ao povo judeu,**

**"estas  
palavras  
que eu  
hoje vos  
intimo  
estarão  
gravadas  
no teu  
coração.**

**Tu as  
ensinarás  
aos teus  
filhos, e  
as  
meditarás  
sentado  
em tua  
casa, e  
andando  
pelo  
caminho,  
e  
estando  
no leito e  
ao  
levantar-  
te".**

**Deut .  
6 , 6-  
7**

**Encontramos no Salmo 118 a voz de alguém que cumpria com**

**esta exortação de Moisés:**

**"Quanto eu  
amo a vossa  
lei, Senhor.  
Ela é objeto  
de minhas  
meditações o  
dia todo.  
Mais sábio  
do que os  
meus  
inimigos me  
tornou o teu  
mandamento,  
porque ele  
está sempre  
comigo. Sou  
mais  
prudente do  
que todos os  
meus  
mestres,  
porque os  
teus  
mandamentos  
são a minha  
meditação.  
Quão doces  
são as tuas  
palavras ao  
meu paladar!  
São mais  
doces do que  
o mel à  
minha boca".**

Salmo  
118,  
97-  
9/103

Ora, esta atitude preceituada por Moisés e descrita pelo salmista conduz à contemplação de que falam os profetas. Ela nos é descrita, por exemplo, quando Isaías faz uma profecia a respeito do Messias que haveria de vir, dizendo que ele teria uma língua erudita para ensinar porque todas as manhãs ouviria o Senhor como a um mestre:

**"O  
Senhor  
me deu  
uma  
língua  
erudita",**

diz o futuro Messias por meio de Isaías,

**"para eu  
saber  
sustentar  
com a  
palavra o  
que está  
cansado.  
Ele me  
chama  
pela  
manhã,  
pela  
manhã  
chama aos  
meus  
ouvidos  
para que  
eu o ouça**

**como a  
um  
mestre. O  
Senhor  
Deus  
abriu-me o  
ouvido, e  
eu não o  
contradigo;  
não me  
retirei para  
trás".**

**Is.  
50,  
4-  
5**

**Esta mesma atitude que haveria de ser encontrada em toda a sua perfeição no Messias é encontrada também no profeta Jeremias, que diz aí ter encontrado o seu alimento, e apresenta este fato diante de Deus como prova de seu amor para com Ele:**

**"Tu  
sabes  
tudo,  
Senhor",**

**diz Jeremias dirigindo-se a Deus,**



***"lembra-te  
de mim e  
visita-me,  
e defende-  
me dos  
que me  
perseguem,  
pois é por  
amor de ti  
que tenho  
sofrido  
afrontas.  
Achei a tua  
palavra, e  
alimentei-  
me com  
ela; e a tua  
palavra foi  
para mim o  
prazer e a  
alegria do  
meu  
coração".***

**Jer .  
15,  
15-  
16**

**Neste mesmo sentido, depois de quarenta dias de jejum, quando foi tentado pelo demônio no deserto para que transformasse algumas pedras em pão, Jesus respondeu-lhe dizendo que não precisava disto, pois seu alimento consistia em bem outra coisa. Citando Moisés, e à semelhança de Jeremias, Jesus responde ao demônio dizendo:**

**"Não  
só de  
pão  
vive o  
homem,  
mas de  
toda a  
palavra  
que sai  
da  
boca  
de  
Deus".**

**Mt .  
4 ,  
4**

**Com isto cumpria-se a profecia de Is. 50. Porém, é igualmente de grande interesse saber a respeito da proveniência desta citação que Jesus faz de Moisés. Ela está em Deuteronômio 8, onde Moisés pede ao povo judeu que não se esqueça de que Deus havia libertado o povo do Egito, símbolo da escravidão, por consequência símbolo dos vícios e do pecado, para passar quarenta anos no deserto antes de entrar na terra prometida, alimentando-se durante estes longos anos unicamente do maná que descia diariamente do céu,**

**"para te  
mostrar",**

**diz Moisés,**

***"que o  
homem  
não  
vive  
só de  
pão,  
mas  
de  
toda a  
palavra  
que  
sai da  
boca  
de  
Deus".***

**Deut .  
8 , 3**

**O maná com que Deus alimentava os judeus no deserto antes de entrarem na terra prometida era, deste modo, uma figura da própria palavra de Deus, com que o Senhor quer que nos alimentemos. O deserto é, por sua vez, a figura do silêncio interior com que Deus quer que deixemos de escutar e inclinar nossa atenção aos nossos próprios pensamentos e às paixões da nossa alma, para poder passar a nos alimentar de sua palavra, conforme nos diz o Eclesiastes:**

***"As  
palavras  
dos sábios  
são  
ouvidas em  
silêncio,  
mais do  
que o  
clamor do  
príncipe  
entre os  
insensatos".***

Ec .  
9 ,  
17

**Esta é, por sua vez, a mesma atitude que Jesus elogiou em Maria, irmã de Marta, a qual, sentada aos pés de Jesus, ouvia-lhe as suas palavras. É de se notar nesta passagem que, ao contrário do que muitos supõem por inadvertência, o Evangelho não diz que Maria estava rezando aos pés de Jesus, mas apenas que o ouvia. No entanto, mesmo assim, Jesus a elogia e diz dela que**

***"uma só  
coisa é  
necessária,  
e Maria  
escolheu a  
melhor  
parte, que  
não lhe  
será  
tirada".***

Lc .  
10 ,  
41-  
2

**Ao elogiar Maria dizendo que ela havia escolhido a melhor parte, Jesus reconhece e elogia em Maria aquilo mesmo que o profeta Isaías havia visto realizar-se no próprio Jesus, quando diz que toda manhã Ele "ouviria o Senhor como a um mestre". Como se estivesse entrevendo as muitas Marias que haveria na história, Isaías também se pergunta, logo a seguir:**

***"E qual  
de vós  
teme o  
Senhor,  
qual de  
vós  
ouve a  
voz do  
seu  
Servo?"***

**Is .  
50 ,  
10**

**Vemos assim que Jesus e Jeremias dizem de si mesmos que se alimentavam da palavra de Deus. A mesma coisa também o diz Isaías, convidando a todos os homens a que façam o mesmo, isto é, que abandonem os seus próprios pensamentos, inclinem o seu ouvido e se alimentem da palavra de Deus, a qual ele compara com um manjar substancioso. Pode-se notar, no capítulo 55 de sua profecia, que ao chamar os homens, ele os está exortando fundamentalmente ao ouvir a Deus com atenção:**

***"Todos  
vós  
que  
tendes  
sede",***

**diz o Senhor por meio de Isaías,**

**"vinde às  
águas; e os  
que não  
tendes  
dinheiro,  
apressai-vos,  
comprai e  
comei; vinde,  
comprai sem  
dinheiro e  
sem nenhuma  
troca, vinho e  
leite. Por que  
motivo  
empregais o  
dinheiro em  
coisas que  
não são  
alimento, e o  
vosso  
trabalho no  
que não pode  
saciar-vos?  
Ouvi-me com  
atenção, e  
comei do bom  
alimento, e a  
vossa alma se  
deleitará com  
manjares  
substanciosos.  
Inclinai o  
vosso ouvido  
e vinde a mim;  
ouvi, e a  
vossa alma  
viverá, e farei  
convosco um  
pacto eterno,  
concedendo-  
vos as  
misericórdias  
que prometi a**

***Davi".***

**Is .**

**55 ,**

**1 -**

**3**

**Nesta passagem Isaías nos indica o modo pelo qual é possível ao homem abandonar seus próprios pensamentos, que não são pensamentos. O homem pode fazer isto passando a uma forma de pensamento mais elevada, à qual Isaías chama de "inclinando o ouvido". Inclinando o ouvido, Isaías pede ao homem que abandone seus próprios pensamentos e se volte para o Senhor.**

**Vemos esta mesma doutrina ser ensinada pelo próprio Deus ao profeta Jeremias quando este pediu que o Senhor se lembrasse dele, pois o profeta havia achado sua palavra e se alimentado com ela. Deus então lhe responde:**

***"Se te converteres,  
eu te converterei,  
e estarás diante de  
minha face.***

***Se afastares o precioso do vil, serás como a minha boca, e voltar-se-ão eles para ti e não tu para eles".***

Jer .

15 ,

19

**"Se te converteres", ou "se te voltares para Deus", significa aqui o mesmo que o "inclinar o ouvido" do profeta Isaías ou o "alimentar-se da palavra de Deus" de que havia acabado de falar Jeremias; esta atitude é já uma predisposição para que Deus nos dê a sua graça, designada pela expressão "e eu te converterei", a qual, com a perseverança, acaba produzindo a presença de Deus ("estarás diante de minha face"). Isto se inicia, diz o Senhor a Jeremias, quando pelo esforço do homem, não sem o auxílio da graça, este "afasta o precioso do vil", isto é, volta a sua atenção para a escuta da palavra de Deus, que é o precioso, e abandona a atenção aos seus próprios pensamentos, que é o vil.**

**Qual é, porém, o efeito que isto causa na alma do homem? São os mesmos, afirma Isaías, que os que anteriormente afirmamos serem produzidos pela contemplação. Diz, efetivamente, a continuação da profecia contida em Is. 55:**

***"Porque  
assim  
como  
desce do  
céu a  
chuva e a  
neve, e  
não  
voltam  
mais para  
lá, mas  
embebem  
a terra, e  
fecundam  
a terra, e  
fecundam-  
na e  
fazem-na  
germinar,***



***a fim de  
que dê  
semente  
ao que  
semeia e  
pão ao  
que  
come,  
assim  
será a  
minha  
palavra  
que sair  
da minha  
boca, diz  
o Senhor;  
não  
tornará  
para mim  
vazia,  
mas fará  
tudo o  
que eu  
quero, e  
produzirá  
os efeitos  
para os  
quais a  
enviei".***

**Is.  
55,  
10-  
11**

**A mesma coisa o afirma Jeremias, quando, através dele, Deus mostra um critério para distinguir a verdadeira palavra de Deus:**

**"Se um  
profeta  
disser  
que tem  
a minha  
palavra",**

**diz o Senhor por meio de Jeremias,**

**"anuncie a  
minha palavra  
com toda a  
verdade", (e  
veremos a  
diferença entre  
ela e uma  
palavra  
qualquer).**

**"Que diferença  
há entre a palha  
e o trigo?, diz o  
Senhor. Não  
são as minhas  
palavras como  
um fogo, diz o  
Senhor, e como  
um martelo que  
quebra a  
pedra?"**

**"Qual, porém,  
destes profetas,  
assistiu  
verdadeiramente  
ao conselho do  
Senhor, viu e  
ouviu a sua  
palavra? Quem  
considerou a  
sua palavra e a**

***ouviu? Se  
tivessem  
assistido ao  
meu conselho  
eu os teria  
certamente  
desviado do  
seu mau  
caminho e dos  
seus tão  
depravados  
pensamentos".***

**Jer .  
23 , 28 -  
29/18/22**

**A mesma coisas também o ensina o Eclesiastes, ao dizer que as palavras dos sábios provém na verdade de um único pastor que é Deus, que elas produzem um efeito na alma diverso do que as palavras contidas em todos os outros livros e que é a estas que devemos prestar atenção:**

***"As  
palavras  
dos  
sábios",***

**diz o Eclesiastes,**

**"são como  
agulhões, e  
como  
pregos  
afixados no  
alto, que por  
meio do  
conselho  
dos mestres  
nos foram  
comunicadas  
por um  
único  
Pastor. Não  
busques,  
pois, meu  
filho, mais  
coisa  
alguma além  
destas. Não  
se põe  
termo em  
multiplicar  
os livros, e a  
meditação  
frequente é  
a aflição da  
carne".**

**Ec .  
12,  
11-  
12**

**Note-se que estas palavras aparecem no Eclesiastes pouco depois dele ter afirmado, conforme vimos, que as mesmas palavras dos sábios devem ser ouvidas em silêncio, isto é, no silêncio produzido pela contemplação, em que aprendemos, pela escuta da palavra de Deus, a não mais dar ouvidos às nossas paixões e aos pensamentos que delas derivam.**

**Todas estas passagens mostram que pertence aos ensinamentos das Sagradas Escrituras a afirmação de que existe uma operação da alma, relacionada com o ouvir a palavra de Deus, que é autêntico alimento para a alma e que produz notáveis efeitos de transformação na mesma.**

**Esta operação da alma, dizem as Escrituras, floresceria entre os homens com o advento do messias, cuja obra foi prefigurada no retorno dos exilados judeus, espalhados por todas as nações da terra, assim como hoje os homens estão espalhados por todas as paixões da carne, à terra santa de Israel, com a conseqüente reconstrução de Jerusalém. "Naquele tempo reunir-se-ão todas as nações em Jerusalém em nome do Senhor, e não andarão mais após a maldade de seu péssimo coração", diz Jeremias, atribuindo a esta época um efeito que em todo o seu livro ele atribui claramente à contemplação entendida sob as expressões da escuta da palavra de Deus (Jer. 3, 17). É o mesmo que afirma Isaías ter ouvido Deus pedir-lhe, quando lhe ordenou que preparasse o retorno dos exilados:**

***"Ouvi  
uma  
voz  
que  
me  
dizia",***

**diz Isaías,**

**"Clama'.**

**E eu  
disse:**

**`Que hei  
de  
clamar?'**

**`Clama  
que toda a  
carne é  
feno, e  
que toda a  
sua glória  
é como a  
flor do  
campo.  
Secou-se  
o feno, e  
caíu a flor,  
mas a  
palavra de  
nosso  
Senhor  
permanece  
para  
sempre' ".**

**Is.  
40,  
6-  
8**

**Que significa Isaías ser chamado a preparar a vinda do messias clamando ao povo que tudo passa, que as coisas do mundo secam como o feno e caem como a flor e só a palavra de Deus permanece? Não há dúvida que é o mesmo que Jesus ensinaria pessoalmente, ao dizer a Maria que somente havia uma única**

**coisa necessária, que nunca lhe seria tirada. Seus frutos não secam como o feno, nem caem como a flor do campo, mas permanecem para sempre.**

***"Sentada  
aos pés  
do  
Senhor  
com os  
ouvidos  
atentos",***

**diz Hugo de S. Vitor,**

***"Maria nos  
oferece um  
exemplo  
muitíssimo  
evidente da  
virtude da  
contemplação.  
Em sua sede  
pelas  
palavras que  
lhe dizia, o  
próprio  
Senhor foi  
testemunha  
de haver  
escolhido a  
melhor parte,  
exemplo  
louvável e  
admirável  
que  
observamos  
em muitos  
outros que,  
com este  
mesmo  
empenho,***

**com o auxílio  
da graça de  
Cristo,  
abandonaram  
uma vida de  
depravação e  
alcançaram  
tanta  
bondade na  
virtude e tão  
grande  
honestidade  
nos costumes  
que em sua  
luz podemos  
conhecer  
mais  
claramente  
ter sido  
realizado o  
que estava  
escrito no  
Salmo:**

**`Enviou o  
Senhor a sua  
palavra, e os  
curou, e os  
livrou da  
ruína' ".**

**Salmo  
106,  
20**

**Sermoes  
Centum,  
Prólogo**







### **38. Consciência e virtude.**

Nos tópicos imediatamente precedentes interrompemos nossa exposição sobre a humildade e, mais precisamente, a exposição sobre a relação existente entre a humildade e a contemplação, para mostrar que a Escritura reconhece a realidade significada pelo nome de contemplação e os efeitos que dela decorrem. Vimos também que as Escrituras insistem continuamente em que os homens façam uso da mesma, e nos dizem que, através da contemplação, os homens podem verdadeiramente ouvir ao Criador.

Ouvindo a sua palavra, ademais, os homens preparam-se para acolher ao próprio Cristo, que as Escrituras afirmam ser a Palavra de Deus que se fêz homem:

**"Nós  
vimos  
com  
os  
nossos  
olhos",**

diz o Apóstolo João,

**"nossas  
mãos  
apalparam a  
Palavra da  
Vida, e isto  
vo-lo  
anunciamos".**

I  
Jo.  
1,  
1-  
3

**A conclusão é clara: aquele que tiver sabido inclinar o seu ouvido para acolher a palavra de Deus saberá também acolher esta mesma Palavra quando ela se manifestar como homem. "Eu sou o bom pastor", diz Jesus de si mesmo, "conheço as minhas ovelhas e elas me conhecem, elas ouvem a minha voz e eu chamo cada uma pelo seu próprio nome. Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e o meu Pai o amará e ele viremos e nele estabeleceremos morada" (Jo. 10/14). A conclusão novamente é do Apóstolo João:**

***"E nós vos  
anunciamos  
a vida  
eterna",***

**termina João,**

***"que  
estava  
com o Pai  
e  
apareceu  
em nós,  
para que  
estejais  
em  
comunhão  
conosco,  
pois a  
nossa  
comunhão  
é com o  
Pai e com***

**seu Filho  
Jesus  
Cristo".**

I  
Jo.  
1

**Antes, porém, de interrompermos a nossa exposição para tratarmos da Sagrada Escritura dissemos que a contemplação, sendo uma realidade muito rica, pode ser apreendida sob diversos aspectos. Pode-se mostrar, porém, que seja qual for o aspecto apreendido, sob este mesmo aspecto, a humildade será a própria contemplação em embrião.**

**Um dos aspectos sob o qual a contemplação pode ser apreendida é o de uma operação para a qual culmina um processo de uma progressiva tomada de consciência e de queda na realidade. Tomada a contemplação sob este aspecto, a humildade é o primeiro passo necessário da longa caminhada que conduz à contemplação e que já contém, em sua essência, aquilo mesmo que estará presente mais plenamente nesta última.**

**Vimos também que o fim para o qual tendem todas as formas de espiritualidade é a consecução da contemplação; consideradas todas estas coisas, fica claro por que, sendo a espiritualidade vitorina um modo de ascese que se utiliza do estudo e da escola como parte integrante da vida espiritual, no Opúsculo sobre o modo de Aprender Hugo de São Vitor coloca já de partida que o primeiro requisito de que devem estar imbuídos os alunos da escola de São Vitor é a humildade ou então nenhum aprendizado será possível. Na realidade, qualquer corrente de espiritualidade terá que afirmar que a humildade é o seu ponto de partida, empregue ela ou não o estudo e a pedagogia como parte integrante de seu modo de ascese; o que o Opúsculo sobre o Modo de Aprender faz é apenas enquadrar este requisito dentro do quadro mais específico de uma escola.**

**Tudo isto decorre, como vimos, do fato de que a humildade é a**

**própria contemplação em embrião. Aqueles que são humildes já possuem, em sua essência, aquela realidade que a contemplação é; só lhes falta ser alimentados e crescer à luz da graça, e este é o objetivo da vida espiritual.**

**Vimos também que, conforme Hugo de S. Vitor, o aprendizado e a virtude são duas vertentes simultâneas deste crescimento da humildade em direção à contemplação. Embora esta afirmação tenha, nos escritos dos vitorinos, um colorido característico inconfundível, ela é uma verdade de valor objetivo presente nos mais diversos autores da tradição cristã e da filosofia grega. Assim, conforme encontramos comentado no início do capítulo 5 da Educação segundo a Filosofia Perene, no livro VII da Política Aristóteles afirma que os fatos confirmam que a felicidade, que o filósofo afirma consistir na contemplação, encontra-se**

***"entre  
aqueles  
que  
cultivam  
até à  
excelência  
as  
virtudes e  
a  
inteligência  
e se  
moderam  
na  
aquisição  
dos bens  
exteriores".***

**Cultivar até à excelência a virtude e a inteligência são, pois, para Aristóteles, os requisitos ou o caminho para se alcançar a contemplação. Expressões equivalentes podem ser encontradas nas obras de Santo Tomás de Aquino e nas de muitos outros autores.**

**Vimos também que, assim como Hugo de São Vitor diz no**

**Opúsculo sobre o Modo de Aprender que a humildade é o princípio do aprendizado, no Opúsculo sobre os Frutos da Carne e do Espírito ele afirma que ela é também o princípio de todas as virtudes. A humildade, pois, é o princípio tanto do aprendizado como das virtudes, as duas vertentes simultâneas de seu crescimento em direção à contemplação.**

**Destas afirmações decorre que, se a contemplação é uma tomada de consciência em grau elevadíssimo, um cair na realidade levado à sua totalidade, uma operação da inteligência para a qual convergem todas as demais operações da alma e na qual todas as suas faculdades se integram à apreensão da inteligência, as virtudes deverão, assim como a humildade, possuir também estas mesmas características de um modo parcial. Elas deverão possuir, de um modo imperfeito, aquilo que a contemplação possui de um modo perfeito.**

**Não é difícil mostrar que efetivamente é isto o que ocorre. Examinando-se debaixo do aspecto da consciência, que na contemplação é total ou pelo menos tende para a totalidade, verifica-se que as virtudes estão relacionadas com um aspecto parcial da consciência à qual denominamos de consciência moral. As virtudes não são a consciência moral, mas têm uma relação intrínseca para com ela; não se pode conceber o desenvolvimento da virtude sem um progressivo desenvolvimento da consciência moral. A consciência moral, por sua vez, é um aspecto parcial daquela mais ampla consciência que é a verdade prometida por Jesus que trará a liberdade aos homens, verdade que é objeto da contemplação.**

**É muito freqüente, porém, no modo usual de falar dos homens, esquecer ou mesmo ignorar que a consciência é muito mais do que a consciência moral e chamar-se a consciência moral simplesmente de a consciência. A maioria das pessoas faz isto a maior parte do tempo ou mesmo todo o tempo, e isto não é nelas um erro de apreciação, mas, ainda que estas mesmas pessoas não o saibam, provém de uma consideração objetiva da realidade. Segundo o modo mais comum de falar, chama-se usualmente a consciência moral simplesmente de consciência porque, devido a uma especial particularidade da psicologia humana, a consciência moral é um aspecto da consciência que possui uma importância tão grande para o homem que merece, com razão, de poder ser chamada simplesmente de a**

**consciência. Ela é, normalmente, o aspecto mais sadio e menos adormecido no homem daquilo que se deveria chamar simplesmente de consciência.**

**A psicologia humana trabalha de um modo que pode compreender este aspecto da consciência a que chamamos de consciência moral mais facilmente e mais rapidamente do que praticamente todos os demais. Para o homem cair na real em relação a uma questão que envolva moral não é, muitas vezes, necessária uma aula de filosofia nem o uso da contemplação. Às vezes é suficiente uma repreensão sem qualquer fundamentação metafísica; freqüentemente nem as palavras se fazem necessárias, basta uma surra ou uma lágrima. Outras vezes nem mesmo isto será necessário; um fenômeno chamado de remorso perseguirá o indivíduo mesmo contra todas as suas idéias preconcebidas e contra todo o seu entendimento, até que ele se veja obrigado a cair na real. Fenômenos como estes, que denotam uma predisposição singularíssima para se cair na realidade, só ocorrem com esta facilidade naquele aspecto da consciência a que chamamos de consciência moral. Para ocorrerem nos demais setores da consciência são necessárias a oração e o estudo profundo, e muitas vezes serão possíveis apenas e tão somente pela contemplação. Mas, por algum mistério da natureza, no que diz respeito às questões morais, a maioria dos homens tem uma propensão, uma inclinação particularíssima toda especial para caírem na real.**

**Ocorre, porém, que a psicologia humana é uma só e um todo interligado. Por este motivo uma forte e contínua tomada de consciência no aspecto moral, principalmente se se dá de um modo metódico e na totalidade da área abarcada pela matéria moral, acabará por produzir um fortíssimo impulso para a elevação da consciência no seu sentido mais amplo. É assim, por exemplo, que vemos o testemunho do abade Teodoro, narrado nas Instituições de João Cassiano:**

***"Alguns  
irmãos",***

**diz Cassiano,**

**"manifestavam a  
sua admiração  
ao abade  
Teodoro por  
tanta ciência e  
tantas luzes, e o  
interrogavam  
sobre o sentido  
de certas  
passagens da  
Escritura. Disse-  
lhes então o  
santo abade:**

**`O monge que  
deseja penetrar  
no sentido das  
Escrituras não  
deve se fatigar,  
lendo os  
comentadores.  
Deve antes  
dirigir toda a sua  
solicitude em  
aplicar com  
amor o espírito e  
o coração no  
cuidado de se  
purificar dos  
vícios carnaís.  
Logo que os  
suprimimos, o  
véu das paixões  
é retirado dos  
olhos de nosso  
coração e  
podemos então  
contemplar  
como que  
naturalmente os  
mistérios das  
Escrituras. Pois  
a graça do**



***Espírito Santo  
não as inspirou  
para que  
permanecessem  
obscuras e  
incompreensíveis  
a nós. Somos  
nós que as  
tornamos  
obscuras por  
nossa culpa,  
quando o véu  
dos nossos  
pecados forma  
como que uma  
nuvem diante do  
olhar do nosso  
coração. Uma  
vez sanada a  
nossa vista, a  
leitura das  
Escrituras é  
suficiente, em  
abundância,  
para que se  
contemple a  
verdadeira  
ciência, sem a  
ajuda dos  
comentadores. É  
o que acontece  
com os olhos do  
nosso corpo.  
Não é  
necessário  
ensinar-lhes a  
ver, se não  
sofrerem de  
catarata ou de  
cegueira".***

## Instituições

5, 34

Quando as Escrituras nos preceituam, portanto, a observância de determinadas leis morais, e não apenas as preceituam como também nos chamam a atenção e nos repreendem se não as observamos, e se dirigem a nós com palavras mais insistentes se continuamos a nos julgar no direito de escolher o não obedecê-las, não estão fazendo isto por um desejo mórbido de despertar e nós a dor do remorso ou o desconforto do sentimento de culpa. Ao contrário, elas conhecem a nossa natureza e estão nos prestando um inestimável favor; querem elas nos elevar para um plano de superior de existência, a plenitude da filiação divina onde é possível a contemplação, e sabem elas que se não cairmos na real primeiramente no que diz respeito à vida das virtudes não cairemos nela por nenhum outro caminho.

Disto provém em grande parte a importância que a ascese cristã atribui à prática regular da confissão. À parte o fato de que a confissão seja um sacramento e, por este motivo, conferir efetivamente a graça e o perdão dos pecados a quem a recebe dignamente, um de seus principais efeitos, que se verificaria em boa medida também na hipótese de que não se tratasse de um Sacramento, consiste precisamente na queda na realidade experimentada de modo quase imediato por todos aqueles que se aproximam regular e corretamente da mesma. Neste sentido, a confissão não é uma terapia para sentimentos de culpa, mas um processo de elevação da consciência. A pessoa que se confessa deve declarar todos os pecados graves cometidos, tenha ou não em relação a eles sentimentos de culpa que o angustiem, e a gravidade destes pecados deve ser avaliada pelo penitente não segundo a impressão subjetiva que eles lhe causam, mas pelos critérios da moral cristã que são em si mesmos objetivos e independentes da pessoa do penitente, embora levem em conta suas circunstâncias pessoais. Ademais, a confissão só poderá ser válida se o penitente puder sinceramente declarar-se arrependido de todos os pecados cometidos de que se acusa; se os declarar a todos, sem exagerá-los nem diminuí-los, objetivamente em número e espécie, e de viva voz ao sacerdote que ouve a confissão; e se puder fazer o

**propósito de não voltar a cometê-los. Assim, na medida em que a confissão implica em um crescimento da tomada de consciência da realidade, ela está estreitamente relacionada com o desenvolvimento da virtude, da qual se torna um fortíssimo motor, e a qual supõe sempre uma elevação da consciência moral. Na medida em que, como Sacramento, a confissão confere a graça, ela está também intimamente relacionada com a vida das virtudes, pois no homem uma prática integral das mesmas é impossível sem o auxílio da graça.**

**Mesmo assim, porém, anteriormente ao benefício que a confissão pode trazer ao homem sob o aspecto da elevação do grau de consciência da realidade, benefício que a prática das virtudes também realiza e com a qual a confissão está relacionada, anteriormente a tudo isto está situada a virtude da humildade, que é, conforme vimos, a primeira raiz de todas as demais virtudes. Sem ela não há aprendizado possível, nem virtude possível, pela mesma razão pela qual para uma gravidez seguir adiante é preciso primeiro haver a fecundação.**





### **39. Relação entre humildade e contemplação, sob o aspecto da abrangência da multiplicidade.**

**Examinamos a contemplação sob o aspecto da tomada de consciência que ela envolve e verificamos que a humildade já continha, essencialmente, estas mesmas características que se encontram plenamente amadurecidas na contemplação.**

**A contemplação, porém, pode ser examinada também sob o aspecto de abarcar uma multidão ou mesmo a totalidade das coisas conhecidas, como o faz Hugo de São Vitor no Opúsculo sobre o Modo de Aprender. Segundo este texto, a contemplação**

***"Se estende  
à  
compreensão  
de muitas ou  
também de  
todas as  
coisas, a  
qual as  
abarca em  
uma visão  
plenamente  
manifesta, de  
tal maneira  
que aquilo  
que a  
meditação  
busca, a  
contemplação  
possui".***

**Pode-se deduzir, a partir destas palavras, que a contemplação é, sob este aspecto, a operação da inteligência da qual surgem as obras de síntese tais como a Summa Theologiae de Santo Tomás de Aquino.**

**Pode-se mostrar, ademais, que esta outra característica da contemplação também não apenas está essencialmente contida**

na humildade, como também é um desenvolvimento desta última, na medida em que o homem, consciente de ser apenas uma criatura como todos os demais homens e não um deus, respeita o seu próximo não por alguma qualidade circunstancial que se lhe atribua, mas incondicionalmente, seja o seu próximo quem for ou como se lhe apresente, apenas pela própria dignidade da natureza humana que não se adquire nem se abdica por nenhuma circunstancialidade.

O respeito incondicional do homem humilde pelo seu próximo contém virtualmente as características mais amadurecidas da contemplação pela qual esta abarca simultaneamente uma totalidade de objetos cognoscíveis porque o respeito do homem humilde pelo seu semelhante não consiste no autodomínio do homem que sabe conter seus impulsos agressivos. Isto não seria uma manifestação de humildade, mas de paciência ou mansidão. Não é por ser capaz de conter os seus próprios impulsos que o homem humilde não agride o seu semelhante, mas pelo profundo respeito que ele tem pelo outro. Por causa disto, o respeito que o homem humilde demonstra pelo seu semelhante vai muito além do simples propósito de não agredí-lo, física ou moralmente. O respeito do homem humilde é aquele pelo qual o outro é acolhido em sua dignidade, não só no trato exterior, como principalmente pela consideração interior.

Neste sentido, o comportamento do homem humilde difere radicalmente do comportamento do homem orgulhoso. O homem orgulhoso se comporta como se a visão que ele possui do mundo fosse dotada de atributos divinos, e despreza, pelo menos no seu íntimo, todos os homens que não são capazes de perceber este fato, como se, por causa desta circunstancialidade, eles fossem dotados de uma natureza inferior. Por este motivo, quando alguém conversa com um homem orgulhoso, o homem orgulhoso, em vez de ouvir o que se lhe diz, ouve na realidade fundamentalmente o seu próprio pensamento que compara o que diz o locutor com o que pensa o ouvinte que é ele próprio, para a seguir passar a criticar ou a elogiar o locutor não absolutamente falando, mas por comparação para consigo mesmo. Seja a atitude final do orgulhoso para com o locutor uma atitude de crítica ou de elogio, em ambos os casos ele nunca ouve verdadeiramente o outro, mas apenas a si próprio. Já o homem humilde, alguém verdadeiramente consciente de não ser um deus, ou uma

**criatura dotada de atributos essencialmente supra humanos, ouve sempre com atenção qualquer outro ser humano que se lhe dirija a palavra, independentemente de sua aparência ou de suas credenciais, estando sempre aberto para a possibilidade de que, seja quem for que lhe dirija a palavra, poderá vir a tratar de algum assunto mais importante do que tudo quanto ele até então conhecesse. E mesmo na hipótese de que, durante a conversa, fique claro que não era este o caso, e que o locutor nada acrescenta de importante para o ouvinte, ainda assim o homem humilde irá ouvi-lo e procurar entendê-lo com seriedade pelo fato de que, ainda que o assunto não seja importante para o ouvinte, deverá sê-lo pelo menos para o locutor. Apenas um motivo técnico de força maior pode fazer o homem humilde deixar de ouvir e procurar entender o seu semelhante, nunca uma disposição interior de desconsideração pelo outro a quem ele respeita como um ser humano limitado tanto quanto a si próprio.**

**Ora, a experiência tem mostrado que esta atitude do homem humilde conduz, com o tempo e o desenvolvimento, àquela outra pela qual o homem se torna capaz de prestar uma atenção desapaixonada e imparcial a uma multidão ou mesmo a todos os aspectos de qualquer realidade que se lhe venha a propor como tema de sua consideração, ao mesmo tempo em que se torna capaz de atribuir, a todos e a cada um destes aspectos um valor, tanto quanto é humanamente possível, objetivamente considerado.**

**Pode-se perceber, deste modo, que a humildade assim considerada é uma das fontes principais de onde jorrou a Summa Theologiae de Santo Tomás de Aquino. Nela observa-se uma extraordinária capacidade de síntese em que o autor demonstra ter desenvolvido uma finíssima sensibilidade em não deixar escapar nenhum aspecto relevante de questões de amplíssima natureza, tratando-as a todas com equilíbrio e isenção de ânimo e discernindo corretamente as conexões existentes entre elas. Demonstra também ter sido capaz de utilizar, para emitir o seu próprio julgamento, do mais profundo respeito pelo pensamento dos autores que anteriormente a ele haviam tratado destes mesmos assuntos; sejam eles quem sejam, cristão, judeus, muçulmanos, pagãos, herejes ou mesmo possivelmente algum ilustre desconhecido que tivesse se apresentado diante dele, pessoalmente ou através de algum**

**escrito, declarando ter algo a manifestar-lhe sobre o tema, Santo Tomás de Aquino os consulta a todos com verdadeiro interesse não apenas para citá-los em sua obra, mas para inteirar-se efetivamente do que dizem, e os interpreta, caso raro entre os filósofos, sem distorcer-lhes o pensamento. Vemos assim que apenas a inteligência não explica a Summa Theologiae; ela é, dentre outros fatores que concorrem para explicá-la, um dos mais eloqüentes testemunhos do grau de discernimento a que é capaz de ser conduzido o homem humilde.**

**É ainda sob esta perspectiva que deve ser interpretado um fato bastante conhecido ocorrido ainda na adolescência de Santo Tomás de Aquino. Conta-se que certa manhã, quando era jovem estudante entre os dominicanos, os colegas de Tomás, querendo colocá-lo em ridículo pelo seu hábito de falar muito pouco que transparecia entre eles como um sinal de imbecilidade, escolheram um deles para que se aproximasse do rapaz e lhe dissesse:**

***"Frei  
Tomás,  
vinde  
para a  
janela;  
vinde  
ver  
um boi  
voando  
no  
céu!"***

**Calmamente, Tomás de Aquino se aproxima da janela, olha para o céu e afirma não estar vendo nada. Seus demais colegas, que contemplas estupefatos esta cena, não conseguem logo a seguir esconder uma explosão de riso. Estava demonstrado mais do que evidentemente que Tomás era de fato o idiota que eles sempre haviam suposto. Um deles então lhe dirige a palavra e pergunta:**

**"Que fazes,  
Tomás? Que  
estás a  
procurar?  
Quando é  
que já se  
ouviu falar  
alguma vez  
de um boi  
voando no  
céu? Era  
apenas uma  
brincadeira,  
mas este teu  
modo de  
proceder é  
para nós  
agora causa  
de  
preocupação.  
Dize  
sinceramente:  
o que te leva  
a crer que  
possa haver  
de fato um  
boi voando  
no céu?".**

**A resposta de Tomás já evidenciava, porém, o quanto estava enganada esta primeira avaliação de seus colegas:**

**"Julguei",**

**respondeu Tomás de Aquino,**



***"que seria  
mais fácil  
ver um  
boi  
voando  
no céu do  
que um  
frade  
mentindo".***

**Este episódio da vida de Santo Tomás de Aquino, narrado o mais das vezes apenas como uma anedota, se transforma, porém, diante do que estivemos expondo, em algo que se reveste de uma transcendente seriedade. Somente uma pessoa capaz de, pelo impulso interior de não desconsiderar a um irmão, chegar a admitir a possibilidade de que um boi esteja efetivamente voando a ponto de, pelo menos, a hipótese merecer uma verificação ocular, é que poderia, um dia, vir a escrever uma obra como a Summa Theologiae.**

**Tudo isto que foi dito da Summa Theologiae pode ser aplicado também as obras de Hugo de S. Vitor, nas quais transparece um inconfundível sentido de equilíbrio que lhe é característico e que é fruto daquela contemplação que abarca em uma só visão uma multidão de aspectos que o comum dos homens usualmente só alcança de modo fragmentário e em que a apreensão de cada fragmento freqüentemente se realiza à custa da exclusão de outros.**

**O mesmo pode ser dito também da Regra de São Bento, a qual, não obstante o seu muito menor tamanho, é, porém, neste mesmo aspecto, não menos admirável do que a Summa Theologiae ou a obra de Hugo de S. Vitor. Dela vamos a seguir tecer alguns comentários, de cujo exame novamente se nos revela aquela mesma capacidade de**

***"estender-se  
a uma  
compreensão,  
que abarca  
em uma  
visão  
plenamente  
manifesta,  
muitas ou  
mesmo todas  
as coisas",***

**que Hugo de S. Vitor atribui à contemplação e que se origina a partir da virtude da humildade como de um desenvolvimento natural. É esta qualidade que brilha também de um modo especial na Regra de São Bento, um texto que mostra um profundo conhecimento da natureza humana e da vida monástica, em que o autor demonstra, diante destas realidades, uma delicada reverência incapaz de negligenciar uma justa atenção para com nenhum de seus múltiplos aspectos, sejam os seus grandes princípios ou os seus pequeninos detalhes, e a todos sabe inserir num conjunto cuja unidade é fruto de uma sabedoria tornada realidade vivente.**

**Esta delicadeza, que na contemplação não despreza e não nos cega para com nenhuma parte de um universo, é essencialmente a mesma que na humildade não despreza e não nos cega o entendimento diante da realidade de nosso semelhante. E, efetivamente, são estas mesmas características que também se encontram na Regra de São Bento todas as vezes que o santo patriarca ensina aos monges como tratar aos seus semelhantes.**

**São Bento pede ao abade "que não faça distinção de pessoas, que uns não sejam mais amados do que outros", "que o nascido livre não seja anteposto ao originário de condição servil", porque "somos todos um em Cristo, somente num ponto por eles distinguidos, se formos melhores do que os outros nas boas obras e humildes" (2, 16-21); pede também ao abade que ao ensinar "tempere o carinho com o rigor, mostrando a severidade de um mestre e o pio afeto de um pai" (2, 24),**

**lembrando-lhe "que coisa difícil e árdua recebeu: reger as almas e servir ao temperamento de muitos, a este com carinho, àquele, porém, com repreensões, a outro com persuasão, segundo a maneira de ser e a inteligência de cada um, de tal modo que se conforme e adapte a todos" (2, 31-32).**

**Quanto tiverem que ser feitas coisas importantes no mosteiro, julgue o próprio abade o que for mais útil, não porém sem "convocar antes toda a comunidade e ouvir o conselho dos irmãos". Neste conselho, porém, São Bento insiste que não sejam chamados apenas os mais importantes ou os mais sábios, mas que todos sejam efetivamente ouvidos:**

***"Dissemos  
que todos  
sejam  
chamados  
a  
conselho",***

**diz São Bento,**

***"porque  
muitas  
vezes o  
Senhor  
revela  
ao mais  
moço o  
que é  
melhor".***

**Regra  
3, 3**

**A Regra insiste também que o respeito e a atenção devem ser dados não apenas aos superiores, mas particularmente aos velhos e às crianças. Na lista dos preceitos do quarto capítulo**

**pode-se ler:**

***"Fugir da  
vanglória;  
venerar  
os mais  
velhos,  
amar os  
mais  
moços".***

**Regra**

**4,  
69-  
71**

**No trigésimo sétimo capítulo lemos também:**

***"Ainda que a  
natureza  
humana seja  
levada à  
misericórdia  
para com  
estas idades,  
velhos e  
crianças, no  
entanto que a  
autoridade da  
Regra olhe  
também por  
elas.  
Considere-se  
sempre a  
fraqueza que  
lhes é própria,  
e haja em  
relação a elas  
uma pia***

***consideração".***

Regra  
37,  
1-3

**Mais notável ainda é a passagem em que São Bento ensina como se devem acolher os hóspedes:**

***"Se chegar  
algum  
monge  
peregrino  
de  
longínquas  
províncias",***

**diz São Bento,**

***"e quiser  
habitar no  
mosteiro  
como  
hóspede, e  
mostra-se  
contente com  
o costume  
que encontrou  
neste lugar e,  
porventura,  
não perturba  
o mosteiro  
com suas  
exigências  
supérfluas,  
mas  
simplesmente  
está contente***

***com o que  
encontra, seja  
recebido por  
quanto tempo  
quiser. Se  
repreende ou  
faz ver  
alguma coisa  
razoavelmente  
e com a  
humildade da  
caridade, trate  
o abade  
prudentemente  
deste caso,  
pois talvez  
por causa  
disso Deus o  
tenha  
enviado".***

Regra  
61,  
1-4

**Esta passagem é particularmente notável por mostrar até que ponto deve ir a humildade para embasar verdadeiramente o edifício espiritual. São Bento não se limita a dizer que se o visitante quiser habitar no mosteiro como hóspede, isto é, sem ser admitido como membro da comunidade, deve "ser recebido por quanto tempo quiser". Não contente com isto, o legislador acrescenta que, se, além disto, o hóspede passar a repreender a conduta dos monges ou lhes fizer ver que algo vai mal no mosteiro, não devem os monges se aborrecer com isto julgando que o visitante esteja abusando da hospitalidade que lhe foi oferecida intrometendo-se em assuntos que não lhe dizem respeito. Muito ao contrário, São Bento pede ao próprio abade que vá ouvi-lo com atenção e que "trate prudentemente deste caso". O mais impressionante, porém, é que São Bento não pede ao abade que ele faça isto porque pode ocorrer que o**

**hóspede esteja com a razão, mas porque, e pondere-se quanta diferença vai nisto, ele deve considerar seriamente a hipótese de que**

***"pode  
ser que  
por  
causa  
disto  
Deus o  
tenha  
enviado".***

**É muito difícil julgar o que é mais extraordinário, se ouvir São Bento legislar desta maneira ou ver Santo Tomás de Aquino procurar no céu um burro voando. O que é certo, porém, é que se ambos não tivessem sido capazes destas coisas, nem teriam alcançado a vida de contemplação, nem teriam escrito a Summa Theologiae ou legislado sobre a vida monástica.**





#### **40. A Evangelização.**

**Antes de prosseguirmos em nossa exposição, vamos, ainda que brevemente, lembrar o motivo ou a finalidade destas explicações. Pois o homem prudente sempre**

***"faz tudo  
com  
conselho",***

**diz o livro de Provérbios (Prov. 13,16), e o primeiro de todos os conselhos é a constante recordação do fim a que eles se ordenam (Lam. 1, 9).**

**O fim que tem nos norteado em nossas considerações é a busca da verdade. Estamos em busca da verdade, não da verdade entendida de um modo qualquer, mas daquela verdade à qual se ordena o Evangelho, aquela da qual Jesus afirma ter vindo ao mundo para dela dar testemunho, e da qual Jesus também ensina ser aquilo que pode tornar o homem livre. Esta verdade é algo que por sua natureza se ordena a Deus e se alcança pela contemplação, conforme o atesta o profeta Baruc, quando diz:**

***"Deus é  
quem vos  
alimenta,  
e  
Jerusalém  
é vossa  
nutriz".***

**Baruc  
4, 8**

**Ora, diz Santo Tomás de Aquino que o trabalho de governar e ordenar as coisas ao seu fim compete àqueles a quem**



**comumente se dá o nome de sábios. Para fazer isto, a principal consideração do sábio, seu principal estudo,**

***"o mais  
perfeito,  
o mais  
sublime,  
útil e  
feliz de  
todos  
os  
estudos  
a que o  
homem  
pode se  
dedicar",***

**ao qual chama-se simplesmente de sabedoria, deve dizer respeito ao fim do qual devem derivar as regras pelas quais todas as demais coisas deverão ordenar-se e serem governadas (Summa contra Gentiles, L.1, l. 1-3).**

**Deste modo, sendo a verdade aquilo para o qual tende o Evangelho, pode-se dizer que ela é também a fonte de onde se origina o autêntico trabalho de evangelização, no qual está inserido o cumprimento do preceito de ensinar, que Jesus Cristo pediu como prova de amor aos seus discípulos. A verdade, porém, à qual se ordena o Evangelho é algo que não possui este nome num sentido metafórico. Chama-se à mesma simplesmente de a verdade porque é algo que possui mais plenamente tudo aquilo que também possuem em grau menor todas aquelas coisas às quais usualmente damos o nome de verdade. Neste sentido a verdade é, em primeiro lugar, algo que prima por converter-se com a realidade, e significa, para o homem, uma tomada de consciência do real no seu sentido mais pleno possível.**

**Sendo tudo isto assim, porém, a evangelização difere dos trabalhos a que estamos habituados a observar serem empreendidos pelos homens porque estes últimos dependem, em sua maior parte, principalmente de condições estruturais**

que em si são inconscientes e que, em sua relação com os homens, dependem de graus de consciência muito pequenos por parte daqueles que deles se utilizam. São exemplos destas condições estruturais os recursos materiais, a boa propaganda, a disponibilidade de recursos humanos utilizados, porém, de um modo não essencialmente diverso de como se utilizam os próprios recursos materiais. A evangelização difere profundamente de todos estes trabalhos porque, se deve ser entendida como algo capaz de apresentar aos homens e de conduzi-los ao fim que lhes é proposto por Cristo, subsiste fundamentalmente em função de altíssimos níveis de consciência do real daqueles ou pelo menos de uma parte daqueles pelos quais é empreendido. O caminho pelo qual se alcançam estes níveis de consciência foge completamente ao padrão a que o mundo está habituado a seguir quando decide empreender qualquer atividade; eles não podem ser comprados com dinheiro, e não há nenhum programa de investimento de recursos econômicos que possam ser capazes de desenvolvê-los. O mais freqüentemente os recursos econômicos, em vez de ajudar, costumam impedir a obtenção do fim que se deseja. De qualquer forma, uma coisa não depende de outra e o fato de se pensar seriamente o contrário já costuma ser indício da ausência deste bem que se busca.

Outra ilusão possível ainda é o pensamento de que o trabalho de evangelização depende fundamentalmente de boa legislação ou da existência de regras promulgadas com sabedoria. Há, efetivamente, uma relação entre a evangelização e ambas estas coisas que não existia no caso dos recursos materiais, mas, mesmo aqui, a legislação sábia só funciona se, para além dela, houver sido providenciado o modo pelo qual possam sempre subsistir um certo número de pessoas, tantas quantas forem verdadeiramente possíveis, que detenham em si mesmas estes elevados níveis de consciência do real. Disto é testemunha o próprio Deus quando Ele mesmo declara, no Antigo testamento, que realizaria no futuro uma nova aliança com os homens, diversa da anterior por não estar mais escrita em tábuas de pedra, "aliança que os homens violaram" (Jer. 31, 32), e não puderam cumprir. Em vez disso, diz o Senhor,

**"Farei  
uma nova  
aliança  
com a  
casa de  
Israel e  
com a  
casa de  
Judá, não  
como a  
aliança  
que eu fiz  
com os  
seus pais  
no dia em  
que os  
tomei  
pela mão  
para os  
tirar da  
terra do  
Egito.  
Imprimirei,  
depois  
daqueles  
dias, diz o  
Senhor, a  
minha lei  
nas suas  
mentes, e  
a  
escreverei  
nos seus  
corações".**

**Jer .  
31 ,  
31 -  
33**

**Quando isto acontecer, profetiza ainda Jeremias,**

***"Eu vos  
darei  
pastores  
segundo o  
meu  
coração, os  
quais vos  
apascentarão  
com a  
ciência e  
com a  
doutrina.  
Naquele  
tempo  
chamarão a  
Jerusalém  
de o trono  
do Senhor, e  
todas as  
nações se  
reunirão em  
Jerusalém  
em nome do  
Senhor, e  
não andarão  
mais após a  
maldade de  
seu péssimo  
coração".***

**Jer .  
3 ,  
15 -  
17**

**Naquele tempo, lemos ainda em Isaías,**

**"A terra  
estará  
cheia da  
ciência  
do  
Senhor,  
assim  
como as  
águas  
do mar  
que a  
cobrem".**

**Is.  
11,  
9**

**"Não se  
dará mais  
ao  
insensato  
o nome de  
príncipe,  
nem ao  
fraudulento  
o nome de  
grande.  
Não se  
ofuscarão  
os olhos  
dos que  
vêm, e o  
coração  
dos  
insensatos  
entenderá  
a ciência".**

Is .  
32,  
3-  
5

**O Messias, responsável por estas maravilhas, será alguém que**

***"Não  
julgará  
segundo  
as  
aparências,  
nem  
condenará  
somente  
pelo que  
ouve  
dizer".***

Is .  
11,  
3

**Estas palavras, utilizadas por Isaías para descrever a pessoa do Messias, são muito mais impressionantes do que parecem ao seu primeiro exame. Pois nós, efetivamente, estamos tão submersos na prática oposta àquela que se quer descrever com estas expressões que ela se torna para nós uma segunda natureza. Nós julgamos tudo segundo as aparências, num grau muito maior do que usualmente temos o discernimento de alcançar, e tudo quanto fazemos é movido pelo que ouvimos dizer. Poucos são os que se dão conta da luta que significa até mesmo principiar a agir guiados pela luz do entendimento, muito menos pela luz da revelação e da graça. Supõe-se que o entendimento seja aquilo que é capaz de penetrar na realidade por trás das aparências; mas, se a realidade é diversa do que ouvimos dizer, na maioria das vezes só este fato nos torna cegos à realidade. Não é a busca da realidade ou da verdade**

**que dita nosso comportamento, muito menos o fundamento sobre o qual se constrói a nossa vida, e se alguém principia a agir à luz destas coisas, assim que percebe que sua conduta difere da que ouve dizer, apaga-se como que por uma condenação a própria luz que nele o guiava. Do Reino do Messias, porém, alicerçado sobre o fundamento oposto, Isaías também nos diz:**

***"O seu  
reino se  
estenderá  
cada vez  
mais,  
e a paz  
não terá  
fim".***

**Is .  
9 ,  
7**

**Vemos, assim, que nas profecias do Antigo Testamento está descrito o modo pelo qual se realizaria o trabalho de evangelização, que se iniciou efetivamente no dia de Pentecostes, quando Deus imprimiu sua lei nas mentes dos Apóstolos e a escreveu em seus corações, através do Espírito Santo, o qual, cumprindo a promessa de Cristo, "ensinou-lhes toda a verdade" (Jo. 16, 13). Não há no Evangelho nenhum registro de que Jesus tenha se preocupado com a organização de recursos materiais, nem com a promulgação de uma legislação explícita para dar início ao trabalho de salvação dos homens. Este se iniciou, ao contrário, conforme acabamos de ver, através do conhecimento da verdade, num grau tão alto que, antes da paixão de Cristo, no próprio dizer de Jesus, os apóstolos ainda "não o teriam sido capazes de suportar" (Jo. 16, 12).**

**Não é, portanto, pelo investimento econômico nem pela legislação que se alcançam os níveis de consciência do real de que depende o trabalho de evangelização. O primeiro de todos**

**os requisitos para isto é a vocação evidente para a consciência das pequenas realidades, assim como para se buscar uma grande verdade é preciso demonstrar-se habilidoso em alcançar primeiro as pequenas verdades.**

**Ora, o primeiro de todos os movimentos de tomada de consciência do real por parte do homem é precisamente aquilo a que denominamos de humildade. Quem não é capaz da humildade está inteiramente fora da realidade; ainda que seja tido como homem inteligente pelos seus semelhantes, possuidor de uma extensa cultura e capaz de associar idéias com brilhantismo, não passa de um iludido que imagina ser e age como se fosse um deus.**

**A pedagogia vitorina, ao pretender conduzir o homem à contemplação e com ela a um plano mais elevado de consciência do real, afirma que a realização deste objetivo consiste essencialmente em ampliar, com o auxílio da graça, aquilo que já estava presente na virtude da humildade. Se o homem não estiver disposto, conseqüentemente, a abraçar primeiramente esta virtude, nada pode ser feito por ele neste sentido, pois a verdade a que se refere a humildade é a primeira e a menor de todas as verdades que se convertem com a realidade e que implica, por parte do homem, em uma queda na mesma. A humildade é, neste sentido, um grãozinho de contemplação, a menor parte psicologicamente possível daquilo que se chama de contemplação. Aquele que, persistentemente, se mostra incapaz dela, obviamente será incapaz da contemplação em toda a sua extensão.**

**Examinemos, pois, mediante os três sinais com que descrevemos as manifestações fundamentais da humildade, qual é o nosso grau de vivência desta virtude e qual é o nosso grau de consciência da realidade. Examinemos qual é a reverência para com o sagrado que nos move, se somos capazes de reconhecer efetivamente a existência sobre nós de algo muito maior do que nós. Examinemos se esta reverência é capaz de nos mostrar a grandeza das coisas de Deus, e o quanto temos a aprender para nos aproximarmos dEle. Examinemos também se o desejo de aprender a que esta reverência nos move é suficientemente profundo para nos mover à busca do aprendizado ainda que não se nos ofereça nenhuma oportunidade para isto. Examinemos também se este**



**desejo de aprender é suficientemente real para nos tornar alheios às querelas humanas que envolvem a busca de uma superioridade pela posição e pelo prestígio, fazendo-nos ver que somos todos igualmente essencialmente indigentes do espírito. Examinemos também qual é o grau de reverência que temos para com nosso semelhante, se somos capazes de tratá-lo com a dignidade com que se trata a um igual, seja ele quem for. Examinemos se não apenas somos capazes de nos governar para não destrutá-lo, mas se também somos capazes de ouvi-lo, como se costuma fazer quando se considera a alguém como a um igual. Se formos capazes de ouvir qualquer irmão movidos pela dignidade que reconhecemos nele, com muito mais razão seremos capazes de ouvir com atenção reverencial a Deus quando Este nos fala, pelos múltiplos canais que Ele efetivamente disseminou na natureza e entre os homens para deles se poder fazer ouvir. Jamais caia em nosso esquecimento a radicalidade com que Jesus exige o respeito ao nosso próximo e, se não observamos em nós a habitualidade deste respeito, não procuremos apenas controlar as manifestações destes nossos maus impulsos, mas sobretudo procuremos renunciar ao pedestal imaginário sobre o qual nos colocamos e que nos move a tal atitude:**

***"Pensam  
erroneamente",***

**diz João Cassiano nas Instituições dos Cenobitas,**

***"os que  
julgam que  
basta  
moderar a  
ira em seus  
efeitos, e  
que não é  
necessário  
arrancá-la  
do mais  
íntimo do  
coração.***

**Possuídos  
deste mau  
espírito,  
como  
poderemos  
ser  
templos do  
Espírito  
Santo? Os  
antigos  
pais não  
permitiam  
que esta  
paixão  
penetrasse  
um só  
instante em  
seus  
corações e  
observavam  
em toda a  
sua  
plenitude  
aquela  
palavra do  
Evangelho:**

**`Quem se  
irar contra  
seu irmão  
será réu de  
julgamento'.**

**Mt .  
5,  
22**

**Se, pois,  
desejamos  
obter aquela  
plenitude  
das  
recompensas  
divinas das  
quais está  
escrito:**

**` Bem  
aventurados  
os puros de  
coração,  
porque  
verão a  
Deus',**

**Mt .  
5 ,  
8**

**é necessário  
extirpar a ira  
não apenas  
de nossos  
atos, mas  
também das  
mais internas  
raízes da  
alma, crendo  
firmemente  
que de modo  
algum nos é  
permitido  
entregar-nos  
a este veneno  
mortífero,  
pelo qual  
perderemos a**

**luz do  
discernimento,  
a firmeza do  
reto conselho,  
a honestidade  
e a  
moderação da  
justiça, a  
perseverança  
na verdadeira  
luz espiritual,  
e a  
participação  
na vida, pois,  
conforme nos  
diz o  
Evangelho,  
somente pela  
ira e pelo ódio  
já nos são  
prometidos  
pelo Juiz de  
todas as  
coisas os  
suplícios  
eternos".**

**Inst .**

**Cen .**

**L. 8**

**"Apressemonos, pois, em aniquilar inteiramente este animal ferocíssimo que é o orgulho, devorador de todas as virtudes. Estejamos certos que enquanto habitar este vício em nosso peito não apenas careceremos de todas as virtudes como também, ainda que nos pareça possuir alguma delas, até mesmo destas aparências seremos espoliados por causa deste veneno. O edifício das virtudes não pode de modo algum ser levantado em nossa alma se não tivermos levantado primeiro em nosso coração o fundamento da verdadeira**

**humildade, a  
única coisa  
que,  
firmemente  
estabelecida, é  
capaz de  
sustentar os  
cimos da  
perfeição e da  
caridade.  
Exibamos,  
assim, em  
primeiro lugar,  
aos nossos  
irmãos, o afeto  
de uma  
verdadeira  
humildade  
proveniente do  
íntimo do  
coração, jamais  
consentindo em  
amargurá-los  
ou agredí-los  
em nada. Não  
se pode,  
porém,  
conseguir isto  
senão através  
da verdadeira  
renúncia, do  
despojamento e  
da nudez de  
nossas  
faculdades,  
fundamentadas  
no amor de  
Cristo. Depois  
disto,  
entretanto,  
podemos  
reter  
firmíssimamente**

***esta mesma  
humildade  
também para  
com Deus".***

Inst .

Cen .

L .

12 ,

32 -

33





#### **41. A humildade, considerada em si e nas Escrituras.**

**Discorreremos até aqui sobre o que é a humildade examinando-a em si mesmo, procurando deduzir o que ela seja partindo de considerações de sua própria essência, à luz das indicações que nos foram deixadas como linhas mestras nos escritos de Hugo de S. Vitor. Dissemos que é uma disposição da mente proveniente da consciência de sermos uma criatura e não um deus. Se esta disposição é verdadeiramente habitual, algo que não surge apenas quando pensamos no assunto de modo abstrato, afastados da interferência de nossos sentimentos, de nossas ações ou mesmo de outras considerações teóricas que poderiam contradizê-la, de modo que não apenas saibamos ser criatura nestes momentos especiais, mas continuamos conscientes de sê-lo em todas as circunstâncias de nossa vida e de modo que nossas ações, sentimentos e demais pensamentos não só sejam coerentes com esta consciência mas também derivem dela, então podemos dizer que somos humildes.**

**Considerada em si mesmo, portanto, a humildade não é algo que se pratique mediante a obediência a determinadas regras de conduta. Ela não consiste em algum determinado modo de agir, mas é, em sua essência, apenas a posse habitual da clara consciência de sermos uma criatura e das conseqüências que isto implica. A humildade não é, em sua essência, uma regra de conduta ou um hábito de conduta, mas a consciência permanente de uma verdade.**

**A consciência desta verdade, porém, irá se manifestar de uma inumerável multiplicidade de maneiras conforme o meio ou as circunstâncias em que o indivíduo que a possui vier a se encontrar. As manifestações da humildade são, pois, impossíveis de serem enumeradas porque são tão infinitas quantas são as circunstâncias possíveis do agir e do viver dos homens. Ela se manifesta de modo diverso no cientista, em sua constante procura pela verdade científica; no juiz, ao dever sentenciar com autoridade sobre a aplicação da lei, ou em um advogado, ao aceitar a defesa de seu cliente; no professor, ao ter que posicionar-se sobre como e para onde estará conduzindo seus alunos; no médico, de cujo proceder depende**



**a vida e a morte dos que lhe são confiados; no sacerdote, diretamente imerso no sagrado; na mãe de família, que tem diante de si a lhe exigir uma resposta, na pessoa de seus filhos, uma realidade muito mais complexa do que a que lhe seria apresentada por qualquer outro estranho e adulto. A humildade também se manifestará de modo diverso no cristão, diante do qual a graça e a Revelação descortinam realidades mais profundas do que as que podem ser apreendidas apenas pela luz natural da razão. Diante de todas estas circunstâncias podemos nos posicionar agindo como se fossemos dotados de atributos divinos ou com a clara consciência de sermos apenas uma criatura finita, inferior aos deuses, igual a nossos semelhantes, carentes de virtude e conhecimento, e também da graça.**

**Sejam quais forem, porém, as realidades específicas com que qualquer homem possa se defrontar, ele não poderá, todavia, esquivar-se de ter que responder com uma posição pessoal sobre como irá se colocar diante de Deus, ou pelo menos diante do cosmos que lhe revela a existência de uma ordem superior a si próprio dentro da qual ele está inserido; diante do seu semelhante, por ser impossível que um homem passe uma vida sem ter convivido com outros homens; e diante de si mesmo. Daí as três manifestações mínimas e necessárias da humildade a que nos referimos anteriormente, o reconhecimento e a reverência para com o sagrado ou o superior a si próprio, o respeito para com o próximo reconhecido incondicionalmente como um igual, e a consciência da própria indigência da graça, virtude e conhecimento que conduz ao desejo profundo de aprender.**

**Queremos agora mostrar que esta doutrina sobre a natureza da humildade e do seu caráter de princípio da virtude e do aprendizado, deduzido por um exame da humildade considerada em si mesma, pode também ser deduzido ou encontrado nos ensinamentos contidos nas Sagradas Escrituras.**





## **42. As manifestações da humildade segundo a doutrina contida nas Sagradas Escrituras.**

**Consideremos, em primeiro lugar, o texto das bem aventuranças, uma das mais belas passagens do Evangelho:**

***"Vendo Jesus  
as multidões,  
subiu ao monte  
e sentou-se.***

***Rodearam-no  
os discípulos,  
e ele pôs-se a  
ensiná-los,  
dizendo:***

***Bem  
aventurados os  
pobres de  
espírito,  
porque deles é  
o Reino dos  
Céus.***

***Bem  
aventurados os  
mansos,  
porque  
possuirão a  
terra.***

***Bem  
aventurados os  
que choram,  
porque serão  
consolados.***

***Bem  
aventurados os  
que tem***

***fome e sede de  
justiça,  
porque serão  
saciados.***

***Bem  
aventurados os  
misericordiosos,  
porque  
alcançarão  
misericórdia.***

***Bem  
aventurados os  
puros de  
coração,  
porque verão a  
Deus.***

***Bem  
aventurados os  
pacíficos,  
porque serão  
chamados  
filhos de Deus".***

**Mt .  
5 ,  
1 -  
9**

**Estas sete bem aventuranças não são elogios dispostos ao acaso. Ao contrário, a tradição cristã tem visto nelas uma descrição de todo o itinerário da vida espiritual. Diz, neste sentido, São Gregório de Nissa:**

**"Aquilo que foi  
ensinado ao  
patriarca Jacó  
por meio da  
visão de uma  
escada que,  
subindo da  
terra, alcançava  
as alturas do  
céu, e em cujo  
topo via-se a  
Deus, é-nos  
agora ensinado  
pela doutrina  
das bem  
aventuranças.**

**Sob as  
aparências de  
uma escada foi  
ensinado ao  
santo patriarca  
que não pode  
subir até Deus  
senão aquele  
que tenha as  
vistas sempre  
voltadas para  
algo mais alto,  
e não se  
contente em  
permanecer nas  
que já  
alcançou. A  
altura das bem  
aventuranças  
umas para com  
as outras faz  
com que  
aqueles que já  
receberam  
algumas delas  
possam se  
aproximar de**

***Deus, que é  
verdadeiramente  
feliz,  
constituído e  
estabelecido  
acima de toda  
bem  
aventurança".***

De  
Beatitudinibus  
PG 44, 1247-9

**Neste sentido, as duas últimas bem aventuranças descrevem a vida contemplativa; a sexta se refere ao início da contemplação, a sétima à sua plena posse. As três primeiras bem aventuranças descrevem as disposições iniciais daqueles que hão de chegar à vida contemplativa.**

**O Reino dos Céus é daqueles que são pobres de espírito, diz a primeira bem aventurança. Acrescentando à palavra pobre a expressão `de espírito', Jesus quer dizer com isto que não está se referindo àquela pobreza constituída pela falta de posses materiais. Os bens materiais e o dinheiro são bens corporais, não são riquezas do espírito; o espírito é rico pela virtude, pelo conhecimento e pela graça, coisas que, no mais das vezes, a maioria dos homens julga já possuí-los suficientemente e por isso não se preocupa em buscá-las.**

**Com as riquezas materiais costuma acontecer o contrário. A maioria dos homens, ainda que possua grandes fortunas, geralmente se julga ainda carente de bens materiais e procura avidamente obtê-las em maior abundância. Por mais pobres, porém, que sejam na alma, agem como se se julgassem suficientemente ricos de espírito.**

**Os pobres de espírito, portanto, aos quais a primeira bem aventurança promete o Reino dos Céus, são aqueles que se reconhecem como tais. Não podem ser aqueles que são apenas de fato pobres de espírito, pois a indigência dos bens da alma é**

**algo que, depois da queda do primeiro homem, se abateu sobre toda a humanidade:**

***"É muito importante",***

**dizia Santo Antão aos primeiros monges do deserto,**

***"que vos interrogueis acerca da natureza espiritual, na qual não há mais nem homem nem mulher, mas somente uma essência imortal que tem um começo e jamais terá fim. Será uma obrigação para vós conhecê-la, e como decaíu totalmente a este ponto de tamanha humilhação e imensa confusão, num trânsito que não poupou a nenhum de vós, obrigando ao próprio Deus, por causa desta praga irremediável e que aumentava***

***prodigiosamente,  
a visitar em sua  
clemência as  
suas criaturas".***

**São, pois, pobres de espírito todos aqueles que, à diferença da maioria dos homens, conseguem reconhecer-se a si mesmos nestas palavras. São pessoas que conhecem verdadeiramente a sua indigência espiritual e que, ademais, não podem ser facilmente convencidos do contrário pelas ilusões de que o mundo está repleto. Este conhecimento os impele à busca das riquezas do espírito de que sabem que carecem e, conseqüentemente, causa-lhes o desejo de aprender, com uma força que pode, pelas circunstâncias, ser impedida mas não apagada. Neste sentido, a primeira bem aventurança, o ponto onde se inicia a vida espiritual e o primeiro princípio da vida contemplativa descrita pelas últimas bem aventuranças, é um dos aspectos pelos quais anteriormente dissemos que se manifesta a humildade, e assim tem sido interpretada pela tradição cristã:**

***"Bem  
aventurados  
os pobres  
de espírito,  
porque  
deles é o  
Reino dos  
Céus",***

**escreve Hugo de São Vítor nas Allegoriae Utriusque Testamenti.**

***"Quem  
são os  
pobres  
de  
espírito?",***

**continua ele.**

***"Há os  
que são  
ricos de  
espírito e  
há os que  
são  
pobres de  
espírito.  
Os ricos  
de  
espírito  
são os  
soberbos;  
os pobres  
de  
espírito  
são os  
humildes".***

**PL  
175,  
763**

**Santo Agostinho também interpreta a primeira bem aventurança como se referindo à humildade no De Sermone in Monte, PL 34, 1234, e Santo Tomás de Aquino faz o mesmo na Summa Theologiae Ila Ilae Q.19 a.12. Ora, sendo a primeira bem aventurança o princípio de todas as outras e, com elas, o princípio de toda a vida espiritual, deve-se concluir daqui que, segundo a doutrina das bem aventuranças, a humildade também é o princípio das virtudes e de toda a vida espiritual.**

**A tradição cristã, porém, tem reconhecido também um paralelo entre as sete bem aventuranças e os sete dons do Espírito Santo descritos em Isaías 11,2. Os dons do Espírito Santo, enumerados em sua ordem, são:**



**Temor do  
Senhor,  
Piedade,  
Ciência,  
Fortaleza,  
Conselho,  
Entendimento,  
Sabedoria.**

**A cada um destes dons corresponde uma das bem aventuranças, de tal modo que ao dom de temor corresponde a primeira bem aventurança e assim sucessivamente, até os dons de entendimento e sabedoria que correspondem, respectivamente, à sexta e sétima bem aventurança dos puros de coração que verão a Deus e dos pacíficos que serão chamados filhos de Deus. A doutrina cristã ensina que todos os homens ao serem justificados pela graça recebem simultaneamente todos os setes dons do Espírito Santo. Ocorre, porém, que o desenvolvimento da vida espiritual é tal que o primeiro dom, o espírito de temor do Senhor, manifesta-se em seu início de modo mais acentuado e característico; à medida em que com o dom de temor amadurecem todos os demais dons, passa-se a manifestar de modo predominante o dom de piedade, e isto faz com que se eleve, juntamente com o dom de piedade, a vivência de todos os demais dons a um plano superior; assim continua ocorrendo, sucessivamente, até manifestar-se a predominância do dom de sabedoria, com o qual todos os demais dons alcançam também a sua maior plenitude. Com isto, porém, o desenvolvimento da vida espiritual pode ser descrito tanto segundo a seqüência das bem aventuranças como segundo a seqüência dos sete dons do Espírito. Os últimos dons do Espírito Santo, entendimento e sabedoria, descrevem, respectivamente, assim como as duas últimas bem aventuranças, os princípios e a consumação da vida contemplativa. O dom de temor do Senhor designa o seu primeiro princípio.**

**Se, porém, a primeira bem aventurança, a dos pobres de espírito, deve ser interpretada, como o faz Agostinho, Tomás de Aquino e de modo categórico principalmente Hugo de São Vitor, como sendo a humildade, a coerência obriga-nos a interpretar o**

**dom de temor do Senhor também do mesmo modo. Pobreza de espírito e temor do Senhor terão que ser, ambos, iguais a humildade. Efetivamente, os pobres de espírito são aqueles que, conscientes da própria indigência espiritual, buscam avidamente as verdadeiras riquezas de espírito; os que são movidos pelo espírito de temor do Senhor são aqueles que, com o auxílio da graça do Espírito Santo, possuem aquela reverência profunda pelo sagrado, pelas coisas mais elevadas e por Deus. Ambas estas coisas, porém, segundo estivemos deduzindo por outro caminho em todas estas notas, são duas manifestações de uma mesma virtude à qual chamamos de humildade.**

**A Sagrada Escritura ainda nos afirma que**

***"O temor  
do Senhor  
é o  
princípio  
da  
sabedoria".***

**Prov.  
1, 7**

**Ao dizer isto ela nos declara que a reverência para com as coisas divinas é o primeiro princípio que conduz à contemplação, que é o principal efeito produzido pela vivência eminente do dom de sabedoria. Esta afirmação não acrescenta propriamente algo novo ao já explicado anteriormente sobre os dons do Espírito Santo, se não houvesse, no livro da Sabedoria, uma outra afirmação em parte igual e em parte diversa desta. Efetivamente, está escrito no livro da Sabedoria que**

**"O  
princípio  
da  
sabedoria  
é um  
desejo  
sincero  
de  
instrução".**

**Sab.  
7,  
18**

**Temos então as Sagradas Escrituras afirmando em dois lugares distintos duas coisas diversas serem o princípio da sabedoria. Em Provérbios elas nos dizem que este princípio é o temor do Senhor; no livro da Sabedoria elas nos dizem que este princípio é o desejo sincero de instrução. Se partirmos do pressuposto, o qual, ademais, corresponde à realidade, segundo que as Sagradas Escrituras nos oferecem um corpo coerente de doutrina, temos que concluir daqui que as Escrituras nos ensinam que o temor do Senhor e o desejo sincero de instrução são dois aspectos diversos de uma mesma atitude. Segundo o que estivemos deduzindo por outra via nestas notas sobre o Opúsculo sobre o Modo de Aprender, são elas, efetivamente, duas das três manifestações fundamentais de uma mesma virtude da humildade.**

**Pode-se, ainda, nas Sagradas Escrituras, encontrar-se uma descrição do que é o homem humilde, do que seja a primeira bem aventurança ou o que seja o dom do temor do Senhor no Salmo 13 quando ele afirma:**

***"O Senhor  
se inclinou  
do céu sobre  
os filhos dos  
homens,  
para ver se  
havia  
alguém que  
tivesse  
entendimento  
e que  
buscasse a  
Deus".***

Salmo  
13,  
2

**Desta passagem pode-se perceber que a atitude fundamental que faz o Senhor inclinar-se sobre os homens, a humildade, a pobreza de espírito ou o temor do Senhor, é algo que os leva, conforme diz o Salmo, a "ter entendimento" e a "buscar a Deus". Daqui pode-se inferir como a humildade tanto é princípio não apenas da sabedoria, ou da contemplação causada por ela, mas também do aprendizado, designado indiretamente no salmo por "ter entendimento", como das virtudes, designadas no salmo pela expressão "buscar a Deus", as duas vertentes que conduzem, por sua vez, à contemplação.**





### **43. A dificuldade da prática da humildade.**

**Dissemos que as pessoas humildes são aquelas que manifestam verdadeira reverência para com as coisas divinas ou, pelo menos, para com aquelas que reconhecem como sendo superiores a si mesmas, que são movidas por um desejo profundo de aprender e que respeitam incondicionalmente o seu próximo tratando-o, em qualquer circunstância, sempre como a um igual.**

**Haverá alguns para quem esta virtude assim descrita poderá parecer algo cuja prática implicaria dificuldades tão inacessíveis que a tornariam impossível para o comum dos mortais. No entanto, contrariamente aos que pensam desta forma, já tivemos a oportunidade de mencionar que esta humildade não é a consumação da santidade, mas apenas o primeiro, o mais elementar dos requisitos exigidos para se poder trilhar o caminho que conduz a ela.**

**Este aparente paradoxo, poderá, na maioria dos casos, ter sua origem na errônea identificação entre a humildade e a prática das suas manifestações que acabamos de descrever. A humildade, efetivamente, não é a prática destas que são as suas manifestações fundamentais. Ela não se pratica forçando-nos a nós mesmos a não desrespeitarmos o próximo quando somos tentados a fazê-lo, nem obrigando-nos a aprender quando temos preguiça de o fazer. Às vezes poderá acontecer inclusive que tenhamos o dever de fazer estas coisas, mas fazer isto será a prática da virtude da paciência ou do estudo, e não da humildade. A humildade, em vez disso, consiste na consciência de determinadas verdades que, uma vez alcançada, produz espontaneamente as manifestações que enumeramos. A humildade não se alcança, portanto, através do exercício destas condutas, mas pela consciência de determinadas verdades.**

**Se não somos de todo capazes, ou se nos é muito difícil a prática das manifestações da humildade, isto decorre do fato de termos construído em nossa mente uma visão do mundo ilusória e falsa, que nos engana e à qual nos apegamos, dentro da qual nós mesmos despontamos, como em uma decorrência lógica, como seres dotados de atributos ou direitos que**

somente seriam compatíveis com entidades superiores às de natureza humana. Para se praticar a humildade, pois, devemos identificar primeiro qual é a visão de mundo e de nós mesmos que construímos, renunciar a ela, descermos do pedestal em que nos colocamos e nos igualarmos em natureza com nossos semelhantes que nos circundam. Não se pratica a humildade, portanto, exercitando a paciência, mas renunciando e reformulando nossos pensamentos. Devemos estar sinceramente dispostos a identificar os pontos de vista que agiam como pressupostos de nossa conduta e, verificando a sua incoerência, termos o discernimento e a decisão de renunciar a eles.

Esta prática, em vez de traumática ou destrutiva para o homem, é, em vez disso, bem ao contrário, altamente benéfica para ele e inclusive parte integrante de seu desenvolvimento normal. A primeira imagem que o homem faz do mundo e de si mesmo não é baseada na apreensão da inteligência, mas nos dados provenientes das paixões sensíveis. Isto ocorre porque as paixões humanas provém da vida sensorial, a qual se desenvolve no homem antes do uso da inteligência, já que a inteligência, para desenvolver-se em seu uso, necessita ela própria dos dados provenientes da apreensão dos sentidos, sendo-lhes, portanto, neste sentido, algo de posterior. As paixões humanas, provindo, portanto, dos sentidos, tendem a formar-se antes que se forme uma mais plena vida da inteligência. Seguindo este raciocínio, seria de se esperar que esta primeira visão que o homem forma do mundo e de si mesmo fosse em seguida gradualmente substituída pela que passa a ser oferecida pela apreensão da inteligência, à medida em que esta vai se desenvolvendo. No entanto, a experiência mostra que só na minoria dos casos isto acontece presentemente com os homens. O trabalho da inteligência, na maioria dos homens, no lugar de trazer a si a obediência das paixões, em vez disso coloca-se ele próprio a serviço destas paixões e da visão do mundo e de si mesmo que foi construída a partir delas, em uma verdadeira inversão dos papéis de súdito e senhor. O homem efetivamente diz e faz coisas inteligentes, mas trata-se de uma inteligência inteiramente dominada e a serviço de entidades que lhe são inferiores. A disposição à humildade marca, neste sentido, no homem, a retomada consciente de seu desenvolvimento psicológico normal e a renúncia que ela implica pode ser, para muitos, o início de um

**processo de abertura intelectual sem precedentes, o princípio do aprendizado, da virtude e da santidade.**

**Para sermos humildes devemos, pois, através do trabalho da inteligência, identificar a visão fantástica e passional que temos de nós e do mundo. "Julgá-la", como foi pedido ao profeta Ezequiel, "e declarar-lhe as suas maldades" (Ez. 23, 36). Renunciarmos a ela de modo explícito e aceitarmos, em seu lugar, a verdadeira como sendo a real. Sem esta disposição nada mais será possível aprender, como o declara Jesus ao dizer que quem quiser segui-lo,**

***"Renuncie  
primeiro  
a si  
mesmo".***

**Mt .  
16 ,  
24**

**O si mesmo a que Jesus se refere são as inumeráveis mentiras que nós mesmos nos contamos a nós mesmos sobre nós mesmos. De fato, a tais coisas como à verdade, à luz da inteligência, à sua condição de criatura, à sua relação para com o Criador, nenhum homem, por mais que o queira, pode renunciar mais do que poderia impedir que o Sol brilhasse sobre o horizonte.**

